

VALÉRIA BIONDO

FRANKLIN E SEUS AFORISMOS
EDUCATIVOS: um modo de existência e de conduta
moral e da racionalização da sexualidade



ARARAQUARA – S.P.
2023

VALÉRIA BIONDO

FRANKLIN E SEUS AFORISMOS
EDUCATIVOS: um modo de existência e de conduta
moral e da racionalização da sexualidade

Tese de Doutorado apresentada ao Conselho do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras - Unesp de Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Educação Escolar

Linha de Pesquisa: Sexualidade, cultura e educação sexual

Orientadora: Profa. Dra. Maria Regina Momesso

ARARAQUARA – S.P.
2023

B615f Biondo, Valéria
Franklin e seus aforismos educativos: : um modo de existência e de
conduta moral e da racionalização da sexualidade / Valéria Biondo. --
Araraquara, 2023
113 p. : il.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara
Orientadora: Maria Regina Momesso

1. Genealogia da Ética. 2. Escrita de si. 3. Práticas de subjetivação.
4. Sexualidade. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de
Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

IMPACTO POTENCIAL DESTA PESQUISA

A vida e obra de Benjamin Franklin, estudadas sob a ótica arqueogenealógica foucaultiana, oferecem uma perspectiva única sobre o desenvolvimento humano e social. Este estudo não apenas traz à tona a complexidade de Franklin como um sujeito moldado e moldador de sua época, mas também promove uma reflexão sobre a contemporaneidade, especialmente em relação à ética da existência, o aperfeiçoamento e o governo de si.

Em termos científicos, a pesquisa promove uma fusão interdisciplinar entre história, literatura e filosofia. Técnicas de análise discursiva proporcionam uma nova compreensão de textos históricos, enriquecendo a metodologia de estudos em humanidades. A minuciosa análise de Franklin como um exemplo do "novo homem americano" oferece insights valiosos para a historiografia e a compreensão do papel dos indivíduos na moldagem de sociedades.

No âmbito social, o estudo de Franklin através da lente de Foucault ressalta a importância do autoconhecimento e do desenvolvimento pessoal. Revela como a ética protestante e a dedicação ao trabalho duro e à frugalidade moldaram não apenas um indivíduo, mas também uma nação. Esta pesquisa desafia a visão contemporânea sobre o sucesso e a moralidade, propondo um modelo de vida equilibrada e consciente.

A obra de Franklin, repleta de máximas sobre parcimônia e empreendedorismo, continua relevante na educação moderna e no pensamento econômico. A análise de suas estratégias pessoais para o sucesso pode inspirar currículos educacionais focados no desenvolvimento de habilidades de vida, pensamento crítico e independência financeira.

No âmbito cultural, a pesquisa reafirma o valor da literatura clássica e da autobiografia como fontes de sabedoria e autorreflexão. Ao mesmo tempo, promove a internacionalização do conhecimento, conectando ideias e valores americanos com perspectivas globais, especialmente no contexto das sociedades líquidas modernas descritas por Bauman.

Este estudo ressoa com os princípios do desenvolvimento sustentável, destacando a importância do equilíbrio entre o crescimento pessoal e a responsabilidade social. Ao examinar como Franklin equilibrou suas ambições com o bem comum, a pesquisa encoraja uma abordagem mais consciente e ética para o desenvolvimento pessoal e coletivo.

Por fim, a investigação da vida de Benjamin Franklin através de uma lente foucaultiana tem o potencial de influenciar profundamente a maneira como entendemos a formação da subjetividade, a ética da existência e a construção de modos de viver na sociedade contemporânea. Através deste estudo, espera-se não apenas iluminar o passado, mas também orientar indivíduos e comunidades para um futuro mais reflexivo e autodeterminado.

POTENTIAL IMPACT OF THIS RESEARCH

The life and work of Benjamin Franklin studied from a Foucauldian archaeogenealogical perspective offer a unique perspective on human and social development. This study not only brings to light the complexity of Franklin as a subject who shaped and was shaped by his time, but also promotes a reflection on contemporary life, especially in relation to the ethics of existence, self-improvement and self-government.

In scientific terms, the research promotes an interdisciplinary fusion between history, literature and philosophy. Discursive analysis techniques provide a new understanding of historical texts, enriching the methodology of humanities studies. The thorough analysis of Franklin as an example of the "new American man" offers valuable insights into historiography and understanding the role of individuals in shaping societies.

In the social sphere, the study of Franklin through the lens of Foucault highlights the importance of self-knowledge and personal development. It reveals how the Protestant ethic and dedication to hard work and frugality shaped not only an individual but also a nation. This research challenges the contemporary view of success and morality, proposing a balanced and conscious life model.

Franklin's work, full of maxims about thrift and entrepreneurship, remains relevant in modern education and economic thought. Analyzing his personal strategies for success can inspire educational curricula focused on developing life skills, critical thinking, and financial independence.

In the cultural sphere, the research reaffirms the value of classical literature and autobiography as sources of wisdom and self-reflection. At the same time, it promotes the internationalization of knowledge, connecting American ideas and values with global perspectives, especially in the context of the liquid modern societies described by Bauman.

This study resonates with the principles of sustainable development, highlighting the importance of balancing personal growth and social responsibility. By examining how Franklin balanced his ambitions with the common good, the research encourages a more conscious and ethical approach to personal and collective development.

Finally, investigating Benjamin Franklin's life through Foucauldian lens has the potential to profoundly influence the way we understand the formation of subjectivity, the ethics of existence, and the construction of ways of living in contemporary society. Through this study, it is expected to not only illuminate the past, but also guide individuals and communities towards a more reflective and self-determined future.

VALÉRIA BIONDO

FRANKLIN E SEUS AFORISMOS
EDUCATIVOS: um modo de existência e de conduta
moral e da racionalização da sexualidade

Tese de Doutorado apresentada ao Conselho do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras - Unesp de Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Educação Escolar

Linha de Pesquisa: Sexualidade, cultura e educação sexual

Orientadora: Profa. Dra. Maria Regina Momesso

Data da defesa: 01/09/2023

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientadora: Profa. Dra. Maria Regina Momesso

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus de Araraquara

Membro Titular: Prof. Dr. Sebastião de Souza Lemes

Departamento de Educação – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Membro Titular: Prof. Dr. Rinaldo Correr

Departamento de Educação – Instituto de Biociências de Rio Claro

Membro Titular: Profa. Dra. Ketilin Maira Pedro

Departamento de Educação Especial - Universidade Federal de São Carlos

Membro Titular: Prof. Dr. Eduardo Yoshimoto

Secretaria da Educação do Estado de São Paulo

Local: Universidade Estadual Paulista

Faculdade de Ciências e Letras

UNESP – Campus de Araraquara/SP.

Às minhas irmãs Elizabeth e Margarete, pela amizade, cuidado e parceria de vida.
Aos meus pais Thereza e Edhegal (*in memoriam*), que não tiveram a chance de uma educação formal completa, mas que sempre incentivaram os filhos e proporcionaram condições para que cada um pudesse fazer o melhor possível de si.

Aos meus saudosos irmãos Edson, Erval e Newton.

Trago cada um de vocês comigo nessa conquista

AGRADECIMENTOS

O tempo nos ensina que a vida é uma tapeçaria intrincada de experiências, um mosaico que ganha forma a cada escolha, a cada ação. Cada passo contribui para a grande sinfonia da existência e uma verdade ressoa eterna: nunca é tarde demais! Sempre é tempo de explorar novos mundos, ressignificar-se, independente de quantas estações já passaram.

Ao finalizar o doutorado depois de ter vivido muitas estações, essa afirmação se revela ainda mais profunda. A jornada acadêmica é um compromisso de dedicação e esforço que se entrelaça com o próprio tempo. Cada livro lido, cada página escrita, cada obstáculo superado acrescentam uma dimensão única à própria trajetória. Essa realização, no momento em que ocorre, é um lembrete de que o aprendizado é uma jornada contínua e a busca pelo conhecimento é eterna. Como bem cunhou Benjamin Franklin, “Investir em conhecimento rende sempre os melhores juros”. Entendo perfeitamente o sentido desse aforismo. Portanto, nunca é tarde demais!

Chegar ao fim dessa bela jornada é fruto de perseverança pessoal, mas também da contribuição de inúmeras pessoas a quem gostaria de agradecer.

Expresso minha sincera gratidão à minha orientadora, professora Dra. Maria Regina Momesso, pela orientação sábia, pela paciência e compreensão com minhas responsabilidades profissionais que muitas vezes tiveram que ser priorizadas, e pelo apoio constante ao longo do processo de pesquisa. Suas valiosas observações foram fundamentais na construção dessa tese.

Aos professores membros de minha banca de qualificação e de defesa pelas sugestões pontuais e pelas observações gerais feitas, essenciais para fortalecer este trabalho.

Aos meus pais, Thereza e Edhegal, pela minha vida, pelos sacrifícios em prol dos filhos, por me ensinarem a importância de ser uma mulher independente.

À minha irmã Margarete, por literalmente sempre cuidar de tudo para que eu pudesse me dedicar aos estudos e ao meu trabalho, por ser também uma amiga paciente para escutar falas e falas sobre Foucault.

À minha família, pelo apoio constante e por entender minha ausência em momentos de celebração ou mesmo em ocasiões mais corriqueiras. Isso vai melhorar agora.

À querida amiga Ofélia, por me incentivar a fazer o doutorado e pelo companheirismo nesses quatro anos, dividindo despesas das viagens para as aulas em Araraquara discutindo os conceitos foucaultianos que eu não entendia.

Às colegas de turma, pelas experiências compartilhadas e incentivo constante. A pandemia não permitiu uma convivência pessoal, mas nunca faltou o apoio mútuo e a torcida pelo sucesso de todas.

Aos meus amigos da Confraria Fernando Morais, pelos encontros mais intelectualmente instigantes que eu poderia ter. Vocês dão um sentido muito bonito e profundo ao conceito de amizade e foram importantes para os momentos de lazer tão necessários na vida de uma doutoranda.

Aos meus alunos, pelo acolhimento, pela empatia, pelas risadas e por serem muitas vezes o meu descanso

Às Irmãs Apóstolas, aos colegas professores e coordenadores do Centro Universitário Sagrado Coração, meu local de trabalho, pelo apoio sempre que precisei. Agradeço especialmente às minhas ex-diretora e diretora, Ketilin e Beatriz, pela liberdade que sempre me deram para organizar meus horários e responsabilidades tendo em vista minhas necessidades do doutorado.

À Unesp e ao corpo docente do programa de doutorado em Educação Escolar que me proporcionaram as ferramentas necessárias para meu crescimento como pesquisadora. Tive aulas inesquecíveis com professores incríveis. Viva a educação pública!

A todos aqueles que, de uma forma ou outra, contribuíram para a realização desta pesquisa, saibam que a minha gratidão é profunda e sincera. Esta jornada foi construída com a ajuda e o apoio de muitas mãos e muitos corações, e é com humildade que reconheço cada uma delas. Muito obrigada por fazerem parte desta conquista.

A Deus, porque Ele nunca desiste da gente.

Por fim, uma última palavra de agradecimento a Michel Foucault. Suas reflexões sobre “o cuidado de si” emergiram para mim como uma fonte de sabedoria e resistência diante dos desafios da contemporaneidade e me convidaram a repensar a relação consigo mesma, com os outros e com o mundo. Serei eternamente grata a você!

A maior riqueza do homem é a sua incompletude. Nesse ponto sou abastado. Palavras que me aceitam como sou - eu não aceito. Não aguento ser apenas um sujeito que abre porta, que puxa válvulas, que olha o relógio, que compra pão às 6 horas da tarde, que vai lá fora, que aponta lápis, que vê a uva etc. etc. Perdoai. Mas eu preciso ser Outros. Eu penso renovar o homem usando borboletas.

Retrato do Artista enquanto Coisa, Manoel de Barros (2018)

RESUMO

Benjamin Franklin é uma figura emblemática, complexa e representativa de poder – exemplo de cidadão com inteligência social, patriarca da liberdade –, da ética e da moral protestante baseadas numa conduta de vida racional, em que seu estilo de existência se propõe ao trabalho como sinônimo da energia vital do homem, de expressão de liberdade e de dignidade humana ao negar o ócio: uma vida corporal, de prazeres e comodidades, ou seja, a negação da sexualidade sem fins de procriação, os sentimentos, as emoções em detrimento de se conseguir ler e viver a realidade racionalmente. A construção desse “novo” modo de existência em sociedade parece escamotear a sexualidade, compreendida em seu sentido amplo, como um dispositivo que entrelaça complexos mecanismos que geram desconforto. Segundo Foucault, em *A Microfísica do Poder*, a sexualidade é um comutador que nenhum sistema moderno de poder pode dispensar. Nesse modelo de perfeição moral construído por Franklin, onde se encontra o dispositivo da sexualidade que realiza trocas, que produz discursos como verdades? Em que práticas discursivas e de si constitui(em)-se a(s) subjetividade(s) de Franklin que serve(m) de figura exemplar de conduta a ser seguida hodiernamente? Assim, objetiva-se investigar as práticas discursivas e de si que constituíram a(s) subjetividade(s) e a sexualidade (ou seu silenciamento) franklinianas e tomadas como modelo de práticas discursivas e de modo(s) de existência(s) por meio de aforismos, citações do pensamento de Franklin na contemporaneidade por usuários de redes sociais, tais como o *Twitter*, o *LinkedIn* e o *YouTube*. A pesquisa é baseada na Análise de Discurso, sob o método arqueogenealógico foucaultiano, com foco no terceiro domínio, denominado *Genealogia da Ética*, com o intuito de problematizar e analisar os discursos enquanto práticas. Nesse caso, as práticas de subjetivação – de objeto, da produção do/pelo outro e das relações de trabalho consigo mesmo. A análise se realiza a partir da *escrileitura* discursiva genealógica foucaultiana da obra *Autobiografia* de Benjamin Franklin, observando e problematizando o pensamento do autor e seu modelo de perfeição moral e quais práticas e técnicas de si são elaboradas para construção de sua estética de existência, bem como a forma como isso molda a ideia do “novo homem” contemporâneo. Em seguida, identifica no momento presente a representatividade e a influência do pensamento frankliniano nas redes sociais e como os aforismos, citações, epígrafes de Benjamin Franklin são apropriadas pelos usuários e se tornam práticas discursivas e de si na produção de verdades e subjetividades com vistas a uma educação de si e a transformação do sujeito contemporâneo no reflexo das ações de outrem. A *escrileitura* e a análise discursiva da *Autobiografia* de Franklin apontam que as práticas de si aplicadas por Benjamin tomam a “escrita de si” como ferramenta do governo de si de forma a racionalizar a sexualidade em detrimento do trabalho como energia vital e expressão de liberdade, bem como de respeito à dignidade humana. Os resultados demonstram as heterogeneidades e dispersões das relações do sujeito/usuário das redes sociais buscando por meio de práticas discursivas e de si de Franklin construir suas subjetividades que são simulacros de modos de existência idealizados e racionalizados por outrem, assim, buscam autoeducar-se, automodelar-se numa perspectiva racional em que tempo é dinheiro e cada um é o empreendedor de si mesmo, relegando a sexualidade como algo não relevante à pulsão de vida.

Palavras-Chave: Genealogia da Ética; Escrita de Si; Práticas de Subjetivação; Sexualidade.

ABSTRACT

Benjamin Franklin is an emblematic, complex and representative figure of power, an example of a citizen with social intelligence, patriarch of freedom, of Protestant ethics and morals based on a rational conduct of life, in which his style of existence proposes to work as a synonym of the vital energy of man, of expression of freedom and human dignity by denying idleness: a bodily life, of pleasures and amenities, that is, the denial of sexuality without the purpose of procreation, feelings, emotions to the detriment of being able to read and live reality rationally. The construction of this “new” mode of existence in society seems to conceal sexuality, understood in its broadest sense, as a device that intertwines complex mechanisms that generate discomfort. According to Foucault, in *The Microphysics of Power*, sexuality is a switch that no modern system of power can do without. In this model of moral perfection built by Franklin, where is the device of sexuality that performs exchanges, that produces discourses as truth? In what discursive practices and of itself does Franklin's subjectivities serve as an exemplary figure of conduct to be followed today? The objective is to investigate the discursive practices and of the self that constituted Franklinian subjectivity(ies) and sexuality (or its silencing) and taken as a model of discursive practices and mode(s) of existence(s) through aphorisms, citations of Franklin's thought in contemporary times by users of social networks, such as Twitter, LinkedIn and YouTube. The research is based on Discourse Analysis, under the Foucauldian archeogenealogical method, focusing on the third domain, called Genealogy of Ethics, with the aim of problematizing and analyzing discourses as practices. In this case, the practices of subjectivation – of the object, of the production of/by the other and of work relations with oneself. The analysis is based on Foucault's genealogical discursive writing of Benjamin Franklin's *Autobiography*, observing and questioning the author's thought and his model of moral perfection and what practices and techniques of the self are elaborated to build his aesthetics of existence, as well as how this shapes the idea of the contemporary "new man". Then, it identifies in the present the representativeness and influence of Franklinian thought in social networks and how Franklin's aphorisms, quotes, epigraphs are appropriated by users and become discursive practices and of themselves in the production of truth and subjectivities with a view to an education of the self and the transformation of the contemporary subject in the reflection of the actions of others. The writing-reading and discursive analysis of Franklin's *Autobiography* point out that the self-practices he applied take "self-writing" as a tool of self-government in order to rationalize sexuality to the detriment of work as vital energy and expression of freedom, as well as respect for human dignity. The results demonstrate the heterogeneities and dispersions of the subject/user relations of social networks, seeking through Franklin's discursive practices to build their subjectivities as simulacra of modes of existence idealized and rationalized by others, thus seeking to self-educate, to model themselves in a rational perspective in which time is money and each one is his own entrepreneur, relegating sexuality as something not relevant to the drive of life.

Keywords: Genealogy of Ethics; Self writing; Subjectivation Practices; Sexuality.

RESUMEN

Benjamín Franklin es una figura emblemática, compleja y representativa del poder – ejemplo de ciudadano con inteligencia social, patriarca de la libertad–, de ética y moral protestantes basadas en una conducta de vida racional, en la que su estilo de existencia propone el trabajo como sinónimo de la energía vital del hombre, de expresión de la libertad y de la dignidad humana mediante la negación de la ociosidad: una vida corporal, de los placeres y las comodidades, es decir, la negación de la sexualidad sin fines de procreación, de los sentimientos, de las emociones en detrimento de poder leer y vivir la realidad. racionalmente La construcción de este “nuevo” modo de existencia en sociedad parece encubrir la sexualidad, entendida en su sentido más amplio, como un dispositivo que entrelaza complejos mecanismos generadores de malestar. Según Foucault, en *La microfísica del poder*, la sexualidad es un interruptor del que ningún sistema moderno de poder puede prescindir. En este modelo de perfección moral construido por Franklin, ¿dónde está el dispositivo de la sexualidad que realiza intercambios, que produce discursos como verdades? ¿En qué prácticas discursivas y por sí misma(s) constituye(n) la(s) subjetividad(es) de Franklin que sirve como figura ejemplar de conducta a seguir hoy? El objetivo es investigar las prácticas discursivas y del yo que constituyeron la(s) subjetividad(es) y la sexualidad franklinianas (o su silenciamiento) y tomadas como modelo de prácticas discursivas y modo(s) de existencia a través de aforismos, citas del pensamiento de Franklin en la contemporaneidad por usuarios de redes sociales, como Twitter y YouTube. La investigación se basa en el Análisis del Discurso, bajo el método arqueogenealógico foucaultiano, centrándose en el tercer dominio, denominado Genealogía de la Ética, con el objetivo de problematizar y analizar los discursos como prácticas. En este caso, las prácticas de subjetivación – del objeto, de la producción del/por el otro y de las relaciones de trabajo con uno mismo. El análisis parte de la escritura discursiva genealógica de Foucault sobre la *Autobiografía* de Benjamin Franklin, observando y cuestionando el pensamiento del autor y su modelo de perfección moral y qué prácticas y técnicas del yo se elaboran para construir su estética de la existencia, así como también cómo esto configura la idea del “hombre nuevo” contemporáneo. Luego, identifica en el momento actual la representatividad e influencia del pensamiento frankliniano en las redes sociales y cómo los aforismos, citas, epígrafes de Franklin son apropiados por los usuarios y se convierten en prácticas discursivas y de sí mismos en la producción de verdades y subjetividades con miras a una educación del yo y la transformación del sujeto contemporáneo en el reflejo de las acciones de los demás. La escritura-lectura y el análisis discursivo de la *Autobiografía* de Franklin apuntan que las auto prácticas aplicadas por Benjamin toman la “autoescritura” como herramienta de autogobierno para racionalizar la sexualidad en detrimento del trabajo como energía vital y expresión de la libertad, así como del respeto a la dignidad humana. Los resultados demuestran las heterogeneidades y dispersiones de las relaciones sujeto/usuario de las redes sociales, buscando a través de las prácticas discursivas y del yo de Franklin construir sus subjetividades que son simulacros de modos de existencia idealizados y racionalizados por otros, buscando así autoformarse, modelarse en una perspectiva racional en la que el tiempo es dinero y cada uno es su propio empresario, relegando la sexualidad como algo no relevante a la pulsión de vida.

Palabras clave: Genealogía de la Ética; Escritura propia; Prácticas de Subjetivación; Sexualidad.

RÉSUMÉ

Benjamin Franklin est une figure emblématique, complexe et représentative du pouvoir – exemple de citoyen à l'intelligence sociale, patriarche de la liberté –, de l'éthique et de la morale protestantes fondées sur une conduite rationnelle de la vie, dans laquelle son style d'existence se propose de travailler comme synonyme d'énergie vitale de l'homme, d'expression de la liberté et de la dignité humaine en niant l'oisiveté : une vie corporelle, des plaisirs et des commodités, c'est-à-dire la négation de la sexualité sans but de procréation, des sentiments, des émotions au détriment de la lecture et vivre rationnellement la réalité. La construction de ce « nouveau » mode d'existence en société semble occulter la sexualité, entendue dans son sens le plus large, comme un dispositif entremêlant des mécanismes complexes générateurs d'inconfort. Selon Foucault, dans *La Microphysique du pouvoir*, la sexualité est un interrupteur dont aucun système de pouvoir moderne ne peut se passer. Dans ce modèle de perfection morale construit par Franklin, où est le dispositif de la sexualité qui opère des échanges, qui produit des discours comme des vérités? Dans quelles pratiques discursives et à elles seules constitue(nt) la (les) subjectivité(s) de Franklin qui sert de figure exemplaire de conduite à suivre aujourd'hui? L'objectif est d'enquêter sur les pratiques discursives et de soi qui ont constitué la ou les subjectivité(s) et la sexualité (ou son silençage) franklinienne(s) et pris comme modèle de pratiques discursives et de mode(s) d'existence(s) à travers des aphorismes, des citations de la pensée de Franklin à l'époque contemporaine par les utilisateurs des réseaux sociaux, tels que Twitter et YouTube. La recherche est basée sur l'analyse du discours, selon la méthode archéogénéalogique foucauldienne, en se concentrant sur le troisième domaine, appelé généalogie de l'éthique, dans le but de problématiser et d'analyser les discours en tant que pratiques. En l'occurrence, les pratiques de subjectivation – de l'objet, de production de/par l'autre et de rapport de travail à soi. L'analyse est basée sur l'écriture discursive généalogique de Foucault de *l'Autobiographie* de Franklin, observant et questionnant la pensée de l'auteur et son modèle de perfection morale et quelles pratiques et techniques de soi sont élaborées pour construire son esthétique de l'existence, ainsi que comment cela façonne l'idée de "l'homme nouveau" contemporain. Ensuite, il identifie dans l'instant présent la représentativité et l'influence de la pensée franklinienne dans les réseaux sociaux et comment les aphorismes, citations, épigraphes de Franklin sont appropriés par les usagers et deviennent des pratiques discursives et d'eux-mêmes dans la production de vérités et de subjectivités en vue d'une éducation de soi et de la transformation du sujet contemporain dans la réflexion des actions d'autrui. L'écriture-lecture et l'analyse discursive de *l'Autobiographie* de Franklin soulignent que les pratiques de soi appliquées par Benjamin prennent « l'auto-écriture » comme outil d'auto-gouvernement afin de rationaliser la sexualité au détriment du travail comme énergie vitale et expression de la liberté, ainsi que du respect de la dignité humaine. Des résultats montrent les hétérogénéités et les dispersions des relations sujet/usager des réseaux sociaux, cherchant à travers les pratiques discursives et le moi de Franklin à construire leurs subjectivités qui sont des simulacres de modes d'existence idéalisés et rationalisés par d'autres, cherchant ainsi à s'auto-éduquer, à se modeler dans une perspective rationnelle où le temps c'est de l'argent et chacun est son propre entrepreneur, reléguant la sexualité comme quelque chose qui n'a rien à voir avec la pulsion de vie.

Mots clés: Généalogie de l'Éthique; Auto-écriture; Pratiques de subjectivation; Sexualité.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Pais fundadores na assinatura da Declaração de Independência	52
Figura 2	Retrato emblemático de Benjamin Franklin usado na nota de 100 dólares	53
Figura 3	Retrato de Benjamin Franklin em 1750, aos 46 anos de idade, de autoria anônima	53
Figura 4	Benjamin Franklin retratado por David Martin em 1767	53
Figura 5	Benjamin Franklin rodeado por objetos simbólicos do conhecimento	53
Figura 6	Benjamin Franklin na fase final de vida, retratado por Jeffrey Siffred Suplessis, ca. 1777-1778	54
Figura 7	Perfil Ilustrativo do Twitter 1	60
Figura 8	Perfil Ilustrativo do Twitter 2	60
Figura 9	Perfil Ilustrativo do Twitter 3	61
Figura 10	Perfil Ilustrativo do Twitter 4	61
Figura 11	Perfil Ilustrativo do LinkedIn 1	62
Figura 12	Perfil Ilustrativo do LinkedIn 2	62
Figura 13	Plano de exame de consciência elaborado por Franklin como técnica de si	81
Figura 14	Comentários do vídeo <i>Os 9 Segredos Que Vão Te Transformar Numa Potência</i>	91
Figura 15	Perfil Twitter “Tempo é dinheiro”	93
Figura 16	Perfil LinkedIn 1 “Tempo é dinheiro”	94
Figura 17	Perfil LinkedIn 2 “Tempo é dinheiro”	97

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	19
1.1 Objetivo geral.....	27
1.2 Objetivos específicos.....	28
1.3 Justificativa	28
2 DESENVOLVIMENTO	32
2.1 Capítulo 1 - Pressupostos Teórico-Methodológicos - Análise do Discurso sob a ótica arqueogenealógica foucaultiana e os diálogos com a <i>Escritura</i>.....	32
2.2 Capítulo 2 - O modelo do novo homem de Benjamin Franklin - a ética protestante como moral social da época e os escritos franklinianos.....	50
2.2.1 O contexto de formação das colônias americanas e a ética protestante.....	50
2.2.2 A educação do corpo na concepção de Benjamin Franklin	55
2.2.3 O corpo para Foucault	56
2.2.4 O modelo de perfeição moral de Benjamin Franklin sob a ótica arqueogenealógica foucaultiana: os cuidados de si e as subjetividades.	59
2.3 Capítulo 3 - As “pequenas frases” – “aforismos” franklinianos no discurso cotidiano dos sujeitos nas redes sociais	85
2.3.1 Análises do Aforismo: “Tempo é dinheiro”	92
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	100
REFERÊNCIAS.....	107

I INTRODUÇÃO

Este estudo surgiu do interesse pessoal por literatura, especialmente as de Língua Inglesa, e pelo ofício de mais de trinta anos de magistério no ensino superior, trabalhando com esse vasto e rico campo do conhecimento. Entre tantos autores que ocupam lugar especial nas preferências de leitora, Benjamin Franklin, estadunidense do século XVIII, sempre impressionou pela modernidade de seu discurso. Autodidata ávido de conhecimento e aperfeiçoamento pessoal, Franklin procurou governar sua vida em um contexto permeado pela ética protestante. Seus escritos, repletos de estratégias, planos e rotinas com o objetivo de tornar uma pessoa melhor, constituem um rico campo para análise quando examinados pela ótica foucaultiana do cuidado de si, tema que norteia essa pesquisa.

Benjamin Franklin se destacou em sua época não apenas por suas invenções, que deixaram uma marca duradoura no mundo, mas também por sua perspectiva de vida inovadora. Além de suas notáveis contribuições para o estudo da eletricidade e a criação dos óculos bifocais, ele também estabeleceu um conjunto valioso de princípios que orientaram seu caminho. Essas diretrizes pessoais foram meticulosamente registradas em um pequeno caderno, cada uma ocupando uma página, permitindo que ele documentasse seus progressos e reflexões diárias relacionadas a cada um desses princípios aos quais vai chamar de “virtudes”. Lauter (2006, p. 801 - tradução nossa) aponta que

Benjamin Franklin veio, ao longo dos séculos, como o preeminente estadista patriota americano, um homem da Renascença cuja investigação científica, filosófica e política, junto com sua diplomacia em todas as três áreas, tornou a vida melhor para todos os americanos. Franklin abraçou os ideais da indústria e da frugalidade, oferecendo em sua autobiografia a vida de um americano modelo que, por meio de seu próprio trabalho árduo, se livrou das preocupações financeiras e, com o espírito renovado, recriou em si mesmo um novo homem. Melhorias individuais podem levar a mudanças nas maneiras, na moral e nas leis que podem melhorar a sociedade como um todo.

Integrante do grupo dos chamados “*Founding Fathers*”, os celebrados pais fundadores da nação estadunidense, Benjamin Franklin diferia da maioria deles – George Washington, Thomas Jefferson, Alexander Hamilton, entre outros – porque pode facilmente ser definido como um homem da renascença: culto, empreendedor, interessado no bem comum e no desenvolvimento do ser humano. Por isso mesmo,

Franklin mais do que qualquer dos outros contemporâneos seus foi identificado como o norte-americano por excelência, não só pelo cidadão comum dos Estados Unidos, mas por autores como Thomas A. Foster (2014, p. 139 - tradução nossa), que aponta Franklin como “o ‘Fundador’ mais associado ao que se entende por americanidade [...] com virtudes e características que ele, mais do que qualquer outro, ajudou a imprimir no nosso tecido nacional”.¹

Benjamin Franklin nasceu em Boston, em 1706, sendo o décimo de uma família de quinze filhos. Seu pai, Josiah, era um vendedor de sebo e caldeira de sabão que se estabelecera em Boston em 1682, vindo de Northamptonshire, na Inglaterra, e que tinha orgulho de seus ancestrais protestantes. Casou-se com Abiah Folger, cujo pai era professor de indígenas americanos. Josiah tinha planos para Benjamin e o matriculou na *Boston Grammar School* como preparação para o estudo do ministério, mas seus planos eram ambiciosos demais e Benjamin foi forçado a deixar a escola e trabalhar para o pai. Ele odiava a ocupação de seu pai e ameaçou fugir para o mar, demonstrando desde muito cedo uma natureza de independência e espírito de determinação. Foi feito um acordo, e quando Benjamin completou doze anos, tornou-se aprendiz na tipografia de seu irmão, “que o iniciou em todos os passos do processo de impressão, inclusive o fabrico de tintas, diferentes tipos de papel, letras e leiaute” (Puchner, 2019, p. 254). Benjamin mostrou-se um estudante nato do comércio de impressão; adorava livros e leitura, aprendia rapidamente e gostava de escrever, sendo justamente ali que começou a desenvolver suas habilidades literárias. Seu irmão publicou involuntariamente o primeiro ensaio de Benjamin quando ele imprimiu um editorial deixado em sua mesa assinado "*Silence Dogood*". Quando seu irmão foi preso em 1722 por ofender as autoridades de Massachusetts, Franklin continuou a publicação do jornal sozinho.

Em 1723, Franklin rompeu com seu irmão e, reafirmando mais uma vez sua necessidade de independência, deixou Boston e foi para a Filadélfia. Era um ato desafiador para um aprendiz, o que deixou o irmão indignado. Porém, a ruptura era inevitável, pois Franklin era orgulhoso e independente por natureza e inteligente demais

¹ Esse conceito de americanidade começa a ser definido nos escritos de Alexis de Tocqueville, filósofo e político francês que fez uma extensa viagem pelos Estados Unidos, em 1831, para estudar o sistema penitenciário daquele país. No entanto, durante sua viagem, ele se dedicou a observar e a analisar a sociedade e a política americana de maneira mais abrangente, resultando na publicação da obra *A Democracia na América* em dois volumes em 1835 e 1840. Nela, Tocqueville aponta o individualismo como característica marcante daquele povo, com cada indivíduo sendo encorajado a buscar seus próprios interesses e objetivos, assim como se vê na historicidade de Benjamin Franklin. Tocqueville também ressalta a forma como a religião exercia (e ainda exerce) uma forte influência sobre a moral e a conduta dos cidadãos, contribuindo para a coesão social e a manutenção da ordem (Tocqueville, 2005)

para seu irmão. Aos dezessete anos, com pouco dinheiro no bolso, mas já um tipógrafo experiente, passou a abrir caminho no mundo, sujeito às habituais "erratas", como gostava de chamar seus erros, mas confiante de que poderia tirar proveito das lições aprendidas e não repeti-las:

Quando reflito, leva-me às vezes a dizer que, se me fosse dada oportunidade de escolher, eu não teria objeção a repetir a mesma vida desde o começo, pedindo apenas a vantagem, que os escritores têm na segunda edição, **de corrigir algumas falhas da primeira**. É também possível que, além de corrigir as falhas, eu substituísse alguns acidentes e acontecimentos sinistros por outros mais favoráveis. (Franklin, 1963, p. 3 – grifo nosso)

Em 1724, após uma temporada de dois anos em Londres, Franklin retornou às colônias justamente no momento em que a cultura impressa experimentava um crescimento notável que marcava um período de crescente dependência da impressão como disseminadora de informações nas colônias. Franklin, sempre um homem de negócios astuto, usou isso a seu favor.² Ele tinha um instinto incrível para o sucesso e sabia que o novo mercantilismo exigia que qualquer pessoa nos negócios assumisse uma persona pública que melhor atendesse aos interesses dele e de seus clientes, mesmo que mascarasse seu verdadeiro eu. Ele aprendeu sozinho francês, espanhol, italiano e latim, mas era astuto o suficiente para saber que as pessoas não gostavam de fazer negócios com comerciantes que eram mais espertos do que elas próprias. Assim, ele se vestia com simplicidade e às vezes carregava seu próprio jornal em um carrinho de mão pelas ruas da Filadélfia para garantir aos clientes em potencial que ele era trabalhador e não estava acima de fazer as coisas por si mesmo. Aos 24 anos, ele já era proprietário de uma gráfica de sucesso e foi editor do *Pennsylvania Gazette*, um dos jornais mais importantes da época.

Como gostava de escrever, em 1733 Franklin publicou seu *Poor Richard's Almanac* (O Almanaque do Pobre Ricardo), obra que se tornou uma instituição americana, e que era “uma publicação baseada nos dias do mês e nos ciclos lunares, bem como em provérbios, ditados e aforismos. Escrito em tom popular, o almanaque

² Puchner (2019, p. 255-256) chama atenção para o fato que Franklin percebeu o potencial da impressão “e passou sua carreira expandindo e aperfeiçoando a infraestrutura da impressão, desde a garantia do fornecimento de papel e a manutenção das rotas postais pelas quais o material impresso era distribuído para as treze colônias até redes de publicação de jornais e panfletos”. Por essa razão, como empresário dos meios de comunicação e empreendedor de si mesmo, é justo apontá-lo como “um ator fundamental na criação do mundo que daria à luz a Declaração de Independência” e, também, da própria Constituição dos Estados Unidos.

compartilhava a sabedoria adquirida e fornecia aos leitores conselhos e estímulos” (Puchner, 2019, p. 270) e era repleta de máximas para alcançar riqueza e pregar trabalho duro e parcimônia, a maioria das quais ele cunhou. Em 1730, casou-se com Deborah Read, filha de seu primeiro senhorio, e tiveram dois filhos. Franklin também teve um filho ilegítimo – William – que Deborah aceitou em casa. William mais tarde se tornaria governador de Nova Jersey e partidário durante a Revolução em prol da Independência; Franklin dedicou a primeira parte de sua *Autobiografia* para ele. Antes de se aposentar dos negócios aos 42 anos, Franklin fundou uma biblioteca, inventou um fogão, estabeleceu uma companhia de bombeiros, matriculou-se em uma academia que se tornaria a Universidade da Pensilvânia e atuou como secretário da Sociedade Filosófica Americana. Era sua intenção quando se aposentou dedicar-se aos assuntos públicos e à sua paixão de toda a vida pelas ciências naturais, especialmente os fenômenos do som, vapores, terremotos e eletricidade.

As observações de Franklin sobre eletricidade foram publicadas em Londres em 1751 e, apesar de suas isenções na *Autobiografia*, ele ganhou o aplauso de cientistas britânicos. Sua mente curiosa foi mais desafiada pela mecânica dos fenômenos aparentemente comuns do mundo, e ele estava convencido de que os poderes racionais de sua mente poderiam resolver enigmas que intrigavam a humanidade há séculos. Franklin acreditava que as pessoas eram naturalmente inocentes, que todos os mistérios que encantavam a mente religiosa podiam ser explicados a favor do indivíduo e que a educação, devidamente realizada, transformaria a vida das pessoas e as libertaria das tiranias da igreja e da monarquia. Franklin não tinha ilusões sobre a "errata" da humanidade, mas sua metáfora editorial sugere que podemos mudar, podemos melhorar, podemos construir uma ética de existência transformadora e ascética.

Os anos restantes de Franklin, no entanto, não foram passados em um laboratório, mas em mesas diplomáticas em Londres, Paris e Filadélfia, onde seu dom para a palavra lhe serviu bem. Ele era um diplomata nato, independente, adaptável, espirituoso, cortês, charmoso e inteligente e dos pouco mais de quarenta anos que restavam após sua aposentadoria, mais da metade foi gasta no exterior. Em 1757, foi para a Inglaterra representar as colônias e lá permaneceu por cinco anos, retornando em 1763. Em maio de 1775, na Filadélfia, foi escolhido como representante do Segundo Congresso Continental e serviu no comitê para redigir a Declaração de Independência. Em outubro de 1776, foi nomeado ministro na França, onde negociou com sucesso um tratado de fidelidade e se tornou uma espécie de herói *cult*. Em 1781, foi membro da

delegação americana à conferência de paz de Paris em que foi signatário do Tratado de Paris, que finalmente oficializou o encerramento do conflito Revolucionário. De volta à Filadélfia, em 1785, serviu como delegado na Convenção Constitucional. Quando morreu em 1790, Franklin era um dos americanos mais amados e célebres. Vinte mil pessoas compareceram ao seu funeral.

Esse herói americano do século XVIII e autor de leituras obrigatórias nos bancos escolares dos Estados Unidos, no entanto, não encantou universalmente os leitores de nossa época. D. H. Lawrence, importante autor britânico modernista, é apenas um dos vários críticos de Franklin que o acusaram de indiferença aos recessos mais sombrios da alma. Lawrence, em seu *Estudos sobre a Literatura Clássica Americana* (2012), chama Franklin de “o primeiro idiota americano” (p. 23) e pergunta “O que há de errado com Benjamin para ele ser insuportável dessa maneira?” (p. 31). Sem dúvida, a reputação de Franklin sofreu até mesmo com a admiração de reducionistas que o veem como um herói para aqueles que buscam o caminho para a riqueza. Mas tal obstinação não faz justiça à complexidade de Franklin. Uma leitura de sua melhor prosa, principalmente das obras, *Poor Richard's Almanac* (O Almanaque do Pobre Ricardo), *The Way to Wealth* (O Caminho da Riqueza) e *Autobiografia*, nos fazem encontrar a voz totalmente alerta para o melhor e o pior de toda a humanidade, em que “reconhece as tensões entre a vaidade e a humildade, entre a ética de trabalho individualista e a autodisciplina para propósitos cívicos como marcas das contribuições de Franklin para os ideais de cidadania nos Estados Unidos” (Madden, 2006, p. 807 – tradução nossa).

Nesse ponto, é importante examinarmos o que motiva a visão de Benjamin Franklin como o modelo do “novo homem americano”. O “americano” em si nasce com a Independência alcançada somente em 1776. Antes disso, todo habitante daquelas regiões atlânticas era colono distribuído por treze colônias inglesas. Tota (2009, p. 20) reforça que:

Mesmo imediatamente após a independência, é um pouco forçado usar a palavra *americanos* para identificar os moradores do novo país que passou a chamar-se Estados Unidos da América. As 13 colônias que formavam o país eram, na verdade, uma associação. Uma confederação parecida com a atual União Europeia.

Somente com o fortalecimento do poder central a ideia de América e americanos foi sendo apropriada pelos habitantes que passaram a se enxergar como cidadãos e não mais como colonos. Assim, um novo país necessitava de novos homens. Hector St. John de Crèvecoeur, um francês que se estabeleceu nas colônias em 1759, é o primeiro a

indagar o que é um americano e sua resposta retrata a “nova consciência” que emergia na sociedade:

O que então é um Americano? (...) O Americano é um novo homem, que age a partir de novos princípios; ele deve, portanto, ter novas ideias e formar novas opiniões. Do ócio involuntário, da dependência servil, da miséria e do trabalho inútil ele passou à labuta de uma natureza muito diferente, recompensada pela subsistência abundante. Esse é um Americano.³ (Crèvecoeur, 1782 apud Lauter, 2006, p. 931 – tradução nossa)

Franklin, na sua sagacidade, entendia que os ideais do trabalho árduo, do exame de consciência, da disciplina e das virtudes pessoais como a frugalidade eram ingredientes imprescindíveis para o desenvolvimento da nação naquele momento. E ele incorpora esses ideais, oferecendo em seus escritos, principalmente em sua *Autobiografia*, a vida de um Americano modelo que por meio de seus esforços libertou-se das preocupações financeiras e outros vícios e, com o espírito renovado, ressignificou-se como um novo homem. Com seus exemplos de vida, Franklin mostra que o aperfeiçoamento pessoal pode levar a mudanças de comportamento e mudanças morais que podem melhorar não somente os sujeitos, mas a sociedade como um todo. No entanto, Franklin mostra também a qualidade paradoxal de sua existência, pois em certos momentos de sua vida e de seus escritos revela-se um “mulherengo” com dificuldades para conter seus desejos sexuais. Thomas Fleming (2009 apud Foster, 2014, p. 140), por exemplo, o descreve como um homem com um “desejo sexual ingovernável” e como “um septuagenário com apetites sexuais de proporções gigantescas”. Isso nos faz indagar o quanto desse Franklin é forjado pela ética protestante da época em que viveu, pois assim como outros do grupo dos “Pais Fundadores”, Franklin se mostra e também é retratado como um sujeito dessexualizado cuja existência foi pautada pelo acúmulo de riqueza.

A fim de trazer luz aos relatos de Franklin, em que desenvolve técnicas para aprimorar seu comportamento, esta pesquisa está centrada na obra *Autobiografia de Benjamin Franklin* (1791), porém pesquisou outros de seus escritos para fundamentar com mais precisão nosso estudo. *Autobiografia*, que Franklin escreveu ao longo de quase vinte anos, de 1771 a 1789, é uma obra literária significativa e um dos relatos

³ Texto original: “What then is an American? (...) The American is a new man, who acts upon new principles; he must therefore entertain new ideas and form new opinions. From involuntary idleness, servile dependence, penury, and useless labor, he has passed to toils of a very different nature, rewarded by ample subsistence. This is an American.” Crèvecoeur, 1782 apud Lauter, 2006, p. 931

autobiográficos mais renomados da história. Publicada postumamente, oferece uma visão fascinante da vida, das realizações e das reflexões pessoais de Franklin. Narrativa escrita em primeira pessoa, nela Franklin compartilha sua história de vida, desde a infância até o início de sua carreira como escritor, cientista e político, adotando uma abordagem franca e honesta ao relatar suas experiências, suas virtudes e seus erros, buscando não apenas registrar sua trajetória pessoal, mas também oferecer lições de vida e inspiração para os leitores.

Um dos aspectos mais notáveis da *Autobiografia* é a maneira como Franklin expõe seu sistema de valores e as virtudes que ele considerava importantes para uma vida bem-sucedida. Ele descreve sua busca pessoal por treze virtudes, incluindo sinceridade, ordem, temperança, castidade e humildade, entre outras, e seu compromisso em praticá-las e aprimorá-las. Franklin acreditava que, por meio do autoconhecimento, do domínio das pulsões e da adesão a essas virtudes, um indivíduo poderia alcançar sucesso pessoal, ser uma pessoa melhor e contribuir para o bem comum.

Outro tema central na *Autobiografia* é o compromisso de Franklin com a busca do conhecimento e do aperfeiçoamento pessoal. Ele destaca sua paixão pela leitura e pelo aprendizado ao longo de toda a sua vida e usa sua escrita como uma tecnologia de si, conceito cunhado pelo filósofo francês Michel Foucault ao se referir a um conjunto de práticas e técnicas que o sujeito emprega para transformar a si mesmo, visando alcançar uma existência ética e moralmente valorizada (Foucault, 2004). Trataremos mais a fundo esse conceito ao longo do trabalho, principalmente no capítulo I, em que explicamos o método arqueogenealógico foucaultiano em que nos alicerçamos.

Em sua *Autobiografia*, Franklin nos revela uma existência caracterizada pela incessante busca por uma maneira (ou maneiras) de viver em que ele tivesse o governo de si, ou seja, controle sobre suas próprias escolhas e ações, desenvolver seus próprios hábitos e rotinas para uma vida física e espiritual saudável. Ao conquistar essa forma de vida, Franklin vai construindo sua subjetividade liberto de vícios que o impediam de alcançar a beleza da existência.

Ao autoconstituir-se, por meio de sua escrita, Benjamin Franklin imprime novos modos de existência e se reinventa como um novo homem, condição que pode ser atualizada para os dias de hoje. A obra propõe traçar novos paradigmas sociais e culturais e colabora ainda na modificação dos discursos sobre a emancipação humana. A partir do conhecimento de si, por meio das técnicas de si, Franklin se movimenta rumo aos modos de existência como sujeito.

Franklin foi um empreendedor de si mesmo e protagonista de sua própria história, condição esta que permeia profundamente a contemporaneidade. Anthony Giddens, sociólogo britânico que desenvolveu a teoria da modernidade reflexiva, por exemplo, argumenta que, nas sociedades modernas, os indivíduos são confrontados com uma crescente incerteza e têm que tomar decisões em um ambiente em constante mudança. Nesse contexto, Giddens defende que as pessoas são instigadas a serem agentes ativos, responsáveis por moldar suas próprias vidas e suas subjetividades (Giddens, 2009).

Ainda nesta linha de pensamento, Zygmunt Bauman, sociólogo polonês, por sua vez, analisou a sociedade líquida moderna, caracterizada pela fluidez, incerteza e individualização. Nesse sentido, Bauman argumenta que, nessa sociedade, os indivíduos são impelidos a buscar constantemente oportunidades e a adaptar-se a mudanças rápidas. Ele destaca a importância de ser ativo na construção da própria vida, na busca de sucesso e na criação de subjetividade em meio à volatilidade social, colocando a imbricação disso ao contexto do capitalismo líquido no qual o sujeito se apropria de imagens de pessoas célebres que funcionam como modelos daquilo que o sujeito quer mostrar de si (Bauman, 2003).

Foi nos primeiros anos da década de 1980 que Foucault deu início a seus estudos sobre o cuidado de si. A expressão “cuidado de si” indica o conjunto das experiências e das técnicas que o sujeito elabora e que o ajudam a transformar-se a si mesmo (Revel, 2005, p. 33). Para Foucault, as técnicas de si não podem ser dissociadas do cuidado de si e podem ser compreendidas como o conjunto de tecnologias e experiências que participam do processo de (auto) constituição e transformação do sujeito (Nardi; Silva, 2005, p. 97).

Assim, partindo da trajetória do autor-protagonista, esta pesquisa ancora-se na Análise do Discurso pelo viés arqueogenealógico foucaultiano, a fim de demonstrar a forma como o sujeito pode “ser levado a observar a si mesmo, analisar-se, decifrar-se, reconhecendo-se como um domínio de sua verdade” (Pimenta; Momesso; Ribeiro, 2017, p. 2261). Para tanto, este estudo busca responder às seguintes perguntas: Como Benjamin Franklin se constituiu como sujeito?; Que tecnologias de si e ética da existência foram produzidas por ele?; Que dispositivos ele toma como norteadores na construção de sua vida? Como ele se autogoverna?; Que tipo de ética ele constrói: uma ética que envolve alteridade ou ele pensava somente em si mesmo?

O estudo tem como base em especial a produção de Foucault dos anos 1980 quando se dedica a percorrer a história da sexualidade, da qual destacam-se para este trabalho “as técnicas de si e a estética da existência, que apontam para a possibilidade de criação de um estilo próprio, visando a produção de si mesmo como o artesão da beleza de sua vida, fazendo desta uma obra de arte” (Ventura, 2008). Com isso, esse estudo se propõe a problematizar e analisar o pensamento do sujeito da atualidade à luz da ética da existência de Franklin.

A primeira porta de entrada para a construção de “si” se dá por meio da linguagem e na linguagem, inicialmente na construção do dizer, depois na do ler e interpretar para em seguida haver a apropriação de um modo de pensar que leva ao agir. E nessa rede, constrói-se e (re)constrói, significa-se e (re)significa-se o sujeito discursivo. Assim, é por meio das práticas de leitura, escrita e discursiva que o sujeito conhece a si mesmo e aos outros, bem como aprende a se relacionar com os outros e consigo mesmo. A obra analisada é uma poderosa ferramenta denominada “tecnologia de si”. Para Foucault, as tecnologias de si

permitem aos indivíduos efetuar, com seus próprios meios ou com a ajuda de outros, um certo número de operações em seus próprios corpos, almas, pensamentos, conduta e modo de ser, de modo a transformá-los com o objetivo de alcançar um certo estado de felicidade, pureza, sabedoria, perfeição ou imortalidade. (Foucault, 1982, p. 323).

De acordo com o filósofo, o preceito “preocupar-se consigo mesmo” era, para os gregos, um dos mais importantes princípios das cidades, uma das principais regras para as condutas sociais e individuais, e para a arte da vida (Foucault, 2004a).

Espera-se que esse estudo resulte no uso que Benjamin Franklin tem na sociedade contemporânea como um modelo a ser seguido e em que se inspire a olhar para sua própria situação de vida e transformar-se a si e ao meio, para uma vida construída numa base de alteridade. Portanto, apresentamos abaixo os objetivos norteadores desta pesquisa bem como a tese que nos propomos a explicar.

1.1 Objetivo geral

O objetivo geral a que nos propusemos trabalhar é investigar as práticas discursivas e de si que constituíram a(s) subjetividade(s) e a sexualidade (ou seu silenciamento) de Benjamin Franklin a partir de sua obra *Autobiografia*, as quais são

apropriadas e (re)tomadas por meio de aforismos, citações em redes sociais e servem como modelo de educação discursiva de modo(s) de existência(s) e construção de subjetividades na contemporaneidade à luz dos estudos foucaultianos sobre os cuidados de si.

1.2 Objetivos específicos

São objetivos específicos deste estudo:

- Realizar uma *escrileitura* discursiva genealógica foucaultiana da obra *Autobiografia* de Benjamin Franklin observando e problematizando o pensamento do autor e seu modelo de perfeição moral a fim de identificar quais práticas e técnicas de si são elaboradas na construção de sua estética de existência e a forma como isso se molda à ideia do “novo homem” americano;
- Problematizar os principais conceitos do terceiro domínio foucaultiano da *Genealogia da Ética* com vistas a compreender, no momento presente, as possibilidades de autogoverno de sua própria sexualidade para pensar que as formas de existência e as subjetivações ocorrem de maneiras diferentes para cada sujeito e, assim, ser capaz de resistir e transformar a própria vida por meio de novas verdades.
- Recortar e analisar as práticas discursivas, e de si, presentes nas redes sociais do Twitter (aforismos, citações, epígrafes das homepages na apresentação dos perfis/bio de usuários) e do YouTube (documentários e outras produções), as quais se apropriam do discurso e das práticas de si de Benjamin Franklin para constituição de suas próprias subjetividades e verdades.

1.3 Justificativa

Benjamin Franklin é considerado uma das principais figuras da Ética Protestante e que ainda hoje é admirado e tomado como referência para a construção de modos de viver (ele praticava o que escrevia ou silenciava sobre a sexualidade?). A Ética Protestante vê a sexualidade como uma questão essencialmente biológica, a-política, a-histórica e universal. Em nossa sociedade neoliberal, em que cada um é o empreendedor e o empresário de si mesmo, a conduta moral de perfeição frankliniana torna-se um modelo a ser seguido. Pode-se constatar este fato com uma simples busca nas redes

sociais, em que se encontra um número expressivo de perfis que trazem as frases de impacto e orientação dadas por Franklin, como se fosse uma educação informal para a administração e gestão da vida.

Alçado a patriarca da liberdade americana, considerado um cientista que estabeleceu a ciência nos Estados Unidos graças às suas ideias e experimentos em relação à eletricidade, o estudo sobre a formação das tempestades, inclusive citando o rio Amazonas e como esses grandes rios eram formados, questionador sobre as doutrinas e as ideias vigentes no século XVIII de que a luz era um corpúsculo, algo em que não acreditava e se dizia cético. Foi também um *expert* em diplomacia, tendo papel central no processo de Independência das colônias que se tornariam os Estados Unidos nas décadas finais do século XVIII. Sua importância também reside em inaugurar um “novo modo de existência em sociedade”, no qual se celebra o trabalho como energia vital do homem e expressão de liberdade, bem como uma forma de respeito à dignidade humana, valores largamente desenvolvidos nos inúmeros escritos produzidos por Franklin. Para ele, o trabalho liberta o homem da condição de pobreza, do servilismo e da dependência da boa vontade dos outros. Assim, o pensamento frankliniano prega que não se pode ser livre se ao mesmo tempo não se for politicamente livre e economicamente independente.

Em vídeos e documentários do *YouTube* Benjamin Franklin é considerado um herói clássico, modelo de perfeição moral e seu modo e estilo de existência são parâmetros para se alcançar uma transformação de vida e chegar à prosperidade econômica e social. Assim, temos um tipo de educação informal para ser o que se deseja em um mundo neoliberal.

A escrita é construtora de pontes entre experiências de autores que acreditam na palavra como forma de intervenção. A escrita é, desta forma, utilizada como ferramenta estética e de autoconhecimento. A escrita produz mundos alternativos fincados na realidade social e que podem conectar-se a leitores em qualquer tempo. Partindo dessa premissa, é possível vislumbrar o discurso que permeia a *Autobiografia de Benjamin Franklin* como elemento inspirador e alavancador de intervenção nos modos de existência do sujeito. Desta forma, o estudo se justifica como uma ferramenta para construção da subjetividade por meio do cuidado de si.

Portanto, esta pesquisa defende a tese de que a ética protestante de Benjamin Franklin exerce uma influência significativa na construção dos modos de existência tanto do próprio Franklin como dos sujeitos contemporâneos, especialmente na sociedade neoliberal que caracteriza a contemporaneidade. Isso se dá por meio dos

novos modos de comunicação caracterizados pelas plataformas de redes sociais digitais, tais como *Twitter*, *LinkedIn* e *YouTube*, onde aforismos e ideais atribuídos a Franklin são disseminados e adotados como referência para a construção da identidade individual, relacionamento com o trabalho e a sexualidade, evidenciando a importância dos escritos de Franklin, principalmente sua *Autobiografia*, como fonte inspiradora de cuidado de si e transformação pessoal.

Assim, este trabalho se estrutura em três capítulos. O primeiro capítulo traz a metodologia em que esta pesquisa se alicerçou para ser desenvolvida, a Análise do Discurso sob o pensamento arqueogenalógico foucaultiano, que será apresentado na próxima seção, em diálogos com o conceito de *escreitura*. Abrange, com mais especificidade, os principais conceitos do terceiro domínio dos escritos de Michel Foucault, visando a analisar as condições atuais que permitem uma abordagem singular em relação à sexualidade. O ponto fulcral é entender como práticas e técnicas de si (a escrita de si e a *escreitura*) podem diferir e se opor aos padrões estabelecidos, buscando formas de resistência e liberação dos modelos de sujeição.

No segundo capítulo, a pesquisa se concentra no exame da *escreitura* discursiva genealógica foucaultiana sobre os escritos de Benjamin Franklin. Neste processo, o pensamento do autor e seu modelo de perfeição moral presentes principalmente em sua *Autobiografia*, são problematizados com o intuito de identificar as práticas e técnicas de si utilizadas na construção de sua estética de existência e, assim, compreender como essas práticas moldaram a concepção do “novo homem” americano. Ao nos aprofundarmos na pesquisa, nos deparamos com o Franklin figura pública, representada em seus escritos, que incorpora a ética protestante da vida moderada e livre de excessos, que silencia sua sexualidade, ao mesmo tempo em que conhecemos Franklin da vida privada, um homem que dribla os preceitos éticos protestantes que regulavam a sociedade da época, a partir de uma prática de vida de prazeres, que tem o governo de si e que atinge uma ética de existência e de verdades que mostra a subjetivação em prol da vida como obra de arte.

No terceiro capítulo, são apresentados recortes e análises das práticas discursivas e de si encontradas nas plataformas das redes sociais digitais que constituem novos modos de comunicação e ambientes educacionais informais, como o *Twitter*, o *LinkedIn* e o *YouTube*, para examinar a apropriação do discurso e das práticas de si de Benjamin Franklin por parte dos usuários dessas redes sociais para a constituição de suas próprias subjetividades e verdades na sociedade contemporânea. As análises mostram que esses

sujeitos contemporâneos silenciam sua sexualidade em prol de um perfil do sujeito empreendedor de si mesmo que busca o êxito material na sociedade neoliberal em que vivemos; sujeitos que, contudo, aparentemente não têm o governo de si.

Esperamos, com isso, levar à compreensão da forma como as redes sociais se tornam espaços de construção de novos modos de existência e como o pensamento de Franklin é utilizado como referência para a formação de novas subjetividades no contexto atual. Por meio dessa investigação, espera-se contribuir para a compreensão das práticas de si e das formas de subjetivação na contemporaneidade, identificando como os conceitos foucaultianos podem fornecer percepções sobre o exercício do governo de si mesmo e a busca por modos de existência mais livres e autônomos.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Capítulo 1 - Pressupostos Teórico-Metodológicos - Análise do Discurso sob a ótica arqueogenealógica foucaultiana e os diálogos com a *Escrita*

A Análise do Discurso (AD) de linha francesa teve suas origens na França, principalmente nas décadas de 1960 e 1970, com uma abordagem interdisciplinar que visava compreender o funcionamento das práticas discursivas na sociedade. Diversos pesquisadores contribuíram para o desenvolvimento dessa abordagem, sendo que três nomes se destacam especialmente: Michel Pêcheux, Émile Benveniste e Michel Foucault. Embora o filósofo Michel Foucault não receba a marca de analista do discurso, é pelo discurso que ele desenvolve todo seu pensamento acerca do sujeito.

Neste ponto, é importante para esta pesquisa entendermos o que constitui a Análise do Discurso. Renomados linguistas iniciaram seus estudos para fora da estrutura semântica/gramatical da frase e passaram para a análise do texto. Neste alargamento linguístico, emergiu o discurso e, conseqüentemente, a Análise do Discurso. Hoje em dia, a AD já é um campo consolidado do saber científico e compreende analisar o texto de acordo com o contexto histórico-social em que foi produzido e sob o ponto de vista de quem o produziu.

O discurso é o objeto de estudo da AD e é compreendido pela Linguística e pela História, portanto, para entendê-lo, é necessário analisar estes dois componentes em conjunto. Assim, tendo a AD como principal instrumento para entender os sentidos gerados pelos discursos/textos, baseamos esta pesquisa na Análise do Discurso sob a ótica arqueogenealógica foucaultiana.

Os conceitos apresentados por Foucault em seu livro *A Arqueologia do Saber*, publicado pela primeira vez em 1969, como: enunciado, discurso, formação discursiva, foram e são de grande importância para a constituição da Análise do Discurso de linha francesa, iniciada na França, por Michel Pêcheux. O livro abarca conceitos metodológicos importantes e essenciais para os analistas do discurso.

Desta maneira, diante da análise de recortes discursivos do autor Benjamin Franklin, em sua obra *Autobiografia*, os Estudos Discursivos Foucaultianos trouxeram o suporte teórico para entendermos quem foi Franklin, de que lugar ele produziu seu discurso e porque este discurso se tornou atemporal pois mesmo sendo dito há séculos

atrás, retorna na contemporaneidade por meio de pequenas frases ou aforismos, nas redes sociais virtuais.

Michel Foucault, o teórico que nos deu a sustentação de nossa tese, foi um filósofo francês, nascido em 1926, na cidade de Poitiers, e falecido em 1984. Foucault foi leitor de grandes nomes do cenário mundial, como Platão, Hegel, Marx, Nietzsche, e que, como percebemos em nossas leituras, influenciaram toda a sua obra. Apaixonado por Nietzsche, a obra deixada por Foucault traz profunda e densa crítica às verdades construídas historicamente e consideradas universais pelos discursos científicos. Segundo Pinho e Pechman (2017, p. 2), o filósofo “lançou novos olhares à compreensão do social, cujos reflexos transformaram campos de saberes e de práticas para além da filosofia, tais como a história, a psicanálise, o feminismo, as ciências sociais, entre outros”.

Devido à sua interdisciplinaridade, já que aborda conceitos que atravessam os saberes, os estudos de Michel Foucault têm auxiliado pesquisas de práticas discursivas em vários campos do saber e em determinadas sociedades. Para o filósofo, seu foco foi estudar sobre o sujeito e o efeito subjetivador que os discursos produzem sobre ele, para que se possa compreender quem é esse sujeito hoje, ou melhor, quem somos nós hoje.

Quem é esse sujeito contemporâneo, como ele se constitui histórica e socialmente por meio dos discursos que permeiam e regulam a sociedade? Para entender este sujeito, Foucault transita entre a filosofia, a história e a linguagem, tentando compreender o presente momento. Para tanto, faz uma volta aos gregos e aos romanos a fim de observar o sujeito e suas interações com o mundo, com as ações dos outros e consigo mesmo ao longo dos tempos.

O pensamento foucaultiano analisa e questiona a maneira como vamos nos tornando sujeitos pelas práticas discursivas que regulam a sociedade, em determinados momentos da história. Desse modo, o filósofo analisa e rompe com as filosofias que apresentam o sujeito como um ser autônomo, livre, plenamente consciente de si e de suas ações. Essa ruptura se dá pela análise histórica dos diversos papéis que o sujeito desempenha em diferentes contextos sociais. Portanto, ao identificar os saberes científicos e filosóficos responsáveis na construção desse sujeito, Foucault acredita ser necessário conhecer os aspectos genealógicos, assim, traz questões sobre o regime de verdade e os efeitos de verdade que os saberes podem constituir e refletir nas relações de poder, influenciando a formação de diversas subjetividades.

Ao estudarmos os textos foucaultianos, entendemos que a produção da verdade está atrelada a um conjunto de instituições que controlam a sociedade com o intuito de exercer seus efeitos sobre cada sujeito, subjetivando-os. Por isso, foi essencial trazer o pensamento foucaultiano para analisarmos o discurso frankliniano.

Desta forma, antes de iniciarmos a análise, discorreremos sobre os conceitos que utilizamos ao longo desta pesquisa. Iniciamos com o principal objeto de estudo da Análise do Discurso, o discurso. Este elemento linguístico ocupa uma posição interdisciplinar entre saberes e se apropria deles para construir sua materialidade, simultaneamente linguística e histórica. Assim, compreender conceitos apresentados por Foucault, como enunciado e formação discursiva, que estão diretamente ligados ao discurso, é fundamental já que é a estrutura interna e, principalmente, a externa do discurso que nos permite realizar a análise.

Antes de adentrarmos ao conceito de discurso para Foucault, precisamos entender o que vem a ser enunciado. Em sua obra, *Arqueologia do Saber* (1996), o filósofo trata deste conceito, explicando que “à primeira vista, o enunciado aparece como um elemento último, indecomponível; [...] como um átomo do discurso” (p. 90). E, portanto, faz as seguintes indagações:

Se o enunciado é a unidade elementar do discurso, em que consiste? Quais são os seus traços distintivos? Que limites devemos nele reconhecer? Essa unidade é ou não idêntica à que os lógicos designaram pelo termo proposição, à que os gramáticos caracterizaram como frase, ou, ainda, à que os “analistas” tentam demarcar sob o título de *speech act*? (Foucault, 1996, p. 90-91)

O filósofo se propõe, então, a explicar e apresentar as diferenças entre os conceitos de enunciado, de proposição, de frase e de *speech act*. Assim, para Foucault, o enunciado está ligado ao discurso, e não à lógica em que as proposições são sempre binárias, submetidas ao verdadeiro ou falso. O enunciado também não está diretamente ligado à estrutura gramatical da frase, ou seja, não tem ligação com a estrutura linguística (sujeito-verbo-predicado). E, por fim, o enunciado também não é um ato de fala, já que Foucault não propõe saber a intenção do sujeito que fala e nem o resultado do ato. O que ele propõe é descrever o que foi produzido, ou melhor, o que emergiu em determinada circunstância e em determinado tempo.

Deste modo, o enunciado não é uma frase, não é uma proposição, não é um ato de fala. O enunciado é aquilo que dá condição de possibilidade para estas três coisas.

Em seu modo de ser singular (nem inteiramente linguístico, nem exclusivamente material), o enunciado é indispensável para que se possa dizer se há ou não frase, proposição, ato de linguagem; e para que se possa dizer se a frase está correta, se a proposição é legítima e bem constituída, se o ato está de acordo com os requisitos e se foi inteiramente realizado [...] trata-se, antes, de uma **função** que se exerce verticalmente [...] uma **função** que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam com conteúdos concretos, no tempo e no espaço. (Foucault, 1996, p. 98, grifo nosso)

Foucault, ao diferenciar enunciado de proposição, de frase e de atos de fala, pretende mostrar que este é uma **função** que atravessa estas estruturas e que para que as estruturas se tornem enunciados, dependem da função enunciativa (que significa o fato do enunciado ser produzido por um sujeito, de um lugar institucional e determinado pelo contexto sócio-histórico). O enunciado é apresentado como uma *função enunciativa* que define textos como os acontecimentos discursivos produzidos por um sujeito discursivo, que é sempre social e, portanto, possibilita ao sujeito ocupar diferentes posições e assumir diferentes papéis dentro dos enunciados (professor, aluno, pai, mãe, gestor, etc.). Assim, é uma categoria fluida, que se posiciona de um lugar institucional, é determinado por regras sócio-históricas que definem e possibilitam a emergência dos discursos na sociedade. Portanto,

não há enunciado em geral, enunciado livre, neutro e independente; mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiando e deles se distinguindo. (Foucault, 1996, p. 113-114)

O enunciado se repete: expressões, frases, discursos, o já dito. E para que entendêssemos o significado de discurso, Foucault o faz com base no conceito de enunciado, que para ele é uma função de existência que se exerce verticalmente e atravessa as séries de signos que compõem as frases, as proposições, os atos de fala e os discursos. E quando o enunciado atravessa uma série de signos, é ele que vai dizer se um dado enunciado faz parte de uma formação discursiva ou de outra. Foucault discorre sobre a formação discursiva em que ele apresenta algumas condições para que possamos identificá-la:

se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade, [...] diremos, por

convenção, que se trata de uma formação discursiva. (Foucault, 1996, p. 43)

E este conceito é fundamental ao método proposto para analisar os discursos produzidos em uma sociedade, em um determinado tempo. É a partir deste conceito que a materialidade dos enunciados e a História se cruzam e se articulam para construir as formações discursivas que moldam as sociedades e os sujeitos.

Nosso próximo passo é definir discurso sob a ótica foucaultiana. Para Michel Foucault, o discurso é uma prática que constrói seu sentido nas relações e nos enunciados em pleno funcionamento.

Chamaremos de discurso um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva; [...] é constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência. [...] é, de parte a parte, histórico – fragmento da história, unidade e descontinuidade na própria história, que coloca o problema de seus próprios limites, de seus cortes, de suas transformações, dos modos específicos de sua temporalidade, e não de seu surgimento abrupto em meio às complicitades do tempo. (Foucault, 1996, p. 132-133)

Como pudemos observar nas explanações acima, que apresentam os conceitos de enunciado, formação discursiva e discurso, quando enunciados, os discursos carregam um suporte institucional e histórico que é o que vai proibir ou permitir sua realização. Para Foucault, um sujeito, ao ocupar um lugar institucional, utiliza de enunciados que determinam seu campo discursivo de acordo com os interesses de cada situação momentânea. Ainda sobre o discurso, Fernandes (2008, p. 13) aponta que:

o discurso não é a língua, nem o texto, nem a fala, mas necessita de elementos linguísticos para ter uma existência material. Com isso, dizemos que discurso implica uma exterioridade à língua, encontra-se no social e envolve questões de natureza não estritamente linguística. Referimo-nos a aspectos sociais e ideológicos impregnados nas palavras quando elas são pronunciadas. Assim, observamos, em diferentes situações de nosso cotidiano, sujeitos em debate e/ou divergência, sujeitos em oposição acerca de um mesmo tema. [...] Vemos, portanto, que o discurso não é a língua(gem) em si, mas precisa dela para ter existência material e/ou real.

Ao analisarmos um discurso, é essencial considerarmos mais do que apenas a linguagem, que é o objeto de estudo da Linguística, devemos também observar os

elementos externos, como o contexto histórico-social, os fatores culturais e ideológicos que permeiam o discurso. Sendo uma força abstrata, o discurso encontra sua materialização por meio da linguagem, exercendo uma influência invisível e onipresente sobre nós. Somos constantemente submetidos a essa força discursiva, que nos molda, nos desconstruindo e reconstruindo repetidamente.

Se os estudos foucaultianos têm como ponto principal a relação entre o homem, o real e a linguagem, devemos entender a relação do pensamento foucaultiano com o discurso, pois a obra de Michel Foucault parte do discurso para compreender a maneira como o sujeito constrói suas subjetividades.

Eu me dei como objeto uma análise do discurso [...]. O que me interessa no problema do discurso é o fato de que alguém disse alguma coisa em um dado momento. Isto é o que eu chamo de acontecimento. Para mim, trata-se de considerar o discurso como uma série de acontecimentos, de estabelecer e descrever as relações que esses acontecimentos – que podemos chamar de acontecimentos discursivos – mantêm com outros acontecimentos que pertencem ao sistema econômico, ou ao campo político, ou às instituições. [...]. O fato de eu considerar o discurso como uma série de acontecimentos nos situa automaticamente na dimensão da história [...]. Se faço isso é com o objetivo de saber o que somos hoje. (Foucault, 2006a, p. 255)

Para realizar esse complexo estudo, Foucault aborda as práticas histórico-discursivas que moldam esse sujeito por três áreas que estudiosos foucaultianos denominaram como arqueogenealogia, a saber: arqueologia do saber, genealogia do poder e genealogia da ética.

Na primeira área, o filósofo trata do conhecimento e das práticas discursivas que permitiram a emergência do sujeito no campo científico e filosófico. Desta maneira, ele aborda estas reflexões nas obras *As Palavras e as Coisas* e a *Arqueologia do Saber*, que foram escritas na década de 1960. Nelas, ele procura entender a origem dos saberes (verdades) por meio dos discursos, em determinados momentos históricos. Foucault nos mostra que os discursos produzidos em um determinado lugar e em uma determinada época, possuem regras sociais do que pode ser dito ou não e por quem pode ou não dizer. É no texto *A Ordem do Discurso* que Foucault apresenta as relações entre discurso e poder. Para a analista do discurso Rosário Gregolin (2022), Michel Foucault nos mostra que a sociedade sempre desenvolve mecanismos com a intenção de controlar os discursos e são as instituições, os dispositivos sociais, as regras discursivas que os controlam. Em seu recente artigo, Gregolin apresenta os mecanismos internos que

Foucault traz em sua obra, como por exemplo, as funções de autor, pois são elas que controlam a produção e a dispersão dos discursos.

a) um rápido olhar sobre o discursivo nas redes sociais nos mostra que a autoria tem um funcionamento muito específico: ao compartilhar uma mensagem, o sujeito assume a autoria de um discurso que foi produzido por outro autor, em outro lugar. Essa assunção de autoria, ao mesmo tempo em que amplia, ela também controla a circulação desse discurso. (Gregolin, 2022, p. 42)

Esta primeira função autoral é importante para pensarmos sobre como o discurso de Benjamin Franklin ecoa até os dias de hoje, por meio das pequenas frases (aforismos), nas redes sociais virtuais.

b) existem procedimentos que controlam e restringem os sujeitos que podem produzir e colocar em circulação determinados discursos. É o caso, por exemplo, do ritual da palavra (quem pode falar? onde? como?), das sociedades de discurso (instâncias que produzem e conservam discursos); das doutrinas (validação da palavra) e das apropriações sociais do discurso (por exemplo, no interior da escola, a apropriação de certos discursos é restringida por regras e protocolos). (Gregolin, 2022, p. 42)

Por meio deste segundo item podemos observar como o discurso frankliniano circula pela sociedade, por quais meios, por quem e porque foi retomado.

Continuando em *A Arqueologia do Saber*, observamos, também, que Foucault aborda criticamente as configurações do saber, ele procura entender o que tornou possível que um discurso fosse enunciado em um determinado campo do saber. Como foi possível este enunciado? Aborda as teorias que surgem nesse mesmo campo, ou melhor, Foucault adentra nos discursos para saber quais os conhecimentos que deram origem aos campos do saber, quais as regras que conduzem estes campos discursivos e como estes estão articulados aos sistemas sociais.

Na fase Genealógica, Foucault investiga os “porquês”: porque determinado discurso foi passível de acontecimento em determinada época da história. Assim, para analisar esses discursos, a genealogia vai exigir um conhecimento mais detalhado de certos saberes para entender certos acontecimentos, que muitas vezes se apresentam como práticas não discursivas e que dominam os corpos dos sujeitos, em uma sociedade. Foucault explica seu pensamento acerca das genealogias (de poder e da ética):

as genealogias são, muito exatamente, anti-ciências. Não que elas reivindiquem o direito lírico à ignorância e ao não-saber, não que se tratasse da recusa de saber ou do por em jogo, do por em destaque os prestígios de uma experiência imediata, ainda não captada pelo saber. Não é disso que se trata. Trata-se da insurreição dos saberes. Não tanto contra os conteúdos, os métodos ou os conceitos de uma ciência, mas de uma insurreição sobretudo e acima de tudo contra os efeitos centralizadores de poder que são vinculados à instituição e ao funcionamento de um discurso científico organizado no interior de uma sociedade como a nossa. (Foucault, 2010, p. 10)

Foucault, nesta fase genealógica, trata de questões relacionadas ao saber e ao poder, são as práticas discursivas disciplinares que objetificam e classificam os sujeitos, principalmente nas obras *Vigiar e Punir* e *Os Anormais*. O filósofo procura demonstrar a relação entre discurso e poder que produzem subjetividades, disciplinando os corpos. Para Foucault, o poder circula tanto nas relações verticais como nas horizontais, permeando a sociedade nas mais diversas relações, ao que ele vai conceituar de *microfísica do poder*. Ao desenvolver seus estudos, Foucault analisa os jogos de saber *versus* poder por meio da loucura, dos sujeitos infames, da criminologia. Estes jogos exercem controle sobre os corpos com o objetivo de torná-los úteis e produtivos.

O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. [...] A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos dóceis. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma aptidão, uma capacidade que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita. (Foucault, 1987, p. 126-127)

A disciplina desempenha um papel crucial no controle desses corpos. De acordo com Foucault, a disciplina utiliza uma tecnologia que torna o indivíduo mais obediente e produtivo e se difere das práticas ascéticas e monásticas da terceira fase.

É na terceira fase, portanto, que Foucault se concentra na ética e nas práticas de si (ascéticas e monásticas) que levam o sujeito a se subjetivar e a se constituir como sujeito moral e ético, por meio do dispositivo da sexualidade. Ao escrever a *História da Sexualidade*, com quatro volumes publicados, Foucault discorre sobre a importância do corpo na relação saber/poder. É pelo dispositivo da sexualidade que o filósofo aborda questões relacionadas à construção de verdades que levam a novas subjetividades.

Gregolin (2022, p. 43) nos explica o pensamento central desta terceira fase foucaultiana da seguinte forma:

compreende estudos da genealogia da ética nos quais o sujeito é pensado como duplamente assujeitado: ao mesmo tempo em que é determinado por práticas que derivam de dispositivos sociais é também estrangido por práticas de si, suscetível, portanto, a uma subjetivação ética, produzida por mecanismos disciplinares e por regulações do biopoder das modernas sociedades ocidentais.

Ao escrever sobre a sexualidade, o filósofo apresenta, na obra *A Vontade de Saber*, as questões que envolvem as subjetividades relacionadas ao poder sobre a vida, o biopoder, que traz estratégias de regulação dos corpos com o pretense discurso de proteção. Há um discurso controlador que permeia a sociedade em que regras sobre cuidados com higiene, alimentação, controle de natalidade e mortalidade são impostos.

Outra questão importante nesta primeira obra da *História da Sexualidade (A Vontade de Saber)* diz respeito aos estudos sobre as práticas de confissão cristãs aplicadas no Ocidente. Estes discursos praticamente obrigam os sujeitos a enunciar as verdades sobre si. De acordo com Foucault, trata-se de uma tecnologia que articula um conjunto de saberes e influenciam na construção das subjetividades.

Confessa-se ou se é forçado a confessar. Quando a confissão não é espontânea ou imposta por algum imperativo interior, é extorquida; desencavam-na na alma ou arrancam-na ao corpo. A partir da Idade Média, a tortura a acompanha como uma sombra [...] Tanto a ternura mais desarmada quanto os mais sangrentos poderes têm necessidade de confissões. O homem, no Ocidente, tornou-se um animal confidente. [...] A obrigação da confissão nos é, agora, imposta a partir de tantos pontos diferentes, já estão tão profundamente incorporada a nós que não a percebemos mais como efeito de um poder que nos coage; parece-nos, ao contrário, que a verdade, na região mais secreta de nós próprios, não “demanda” nada mais que revelar-se. (Foucault, 1988, p. 08)

Ao se confessar, o sujeito enuncia um discurso sobre si mesmo, trazendo uma verdade revelada, ou seja, essa técnica da confissão enuncia o que o sujeito é ao conhecer a si. Como podemos observar, em *Genealogia da Ética*, Foucault procura demonstrar como essas práticas discursivas (confessionais), subjetivam os sujeitos por meio das técnicas de si, disciplinando os corpos. Porém, nos volumes dois e três da *História da Sexualidade*, percebemos que o sujeito vê a possibilidade de questionar-se

sobre como construir sua vida e como cuidar dela com o objetivo de tornar-se um sujeito ético.

Desta maneira, ao embasarmos a nossa pesquisa sobre Benjamin Franklin mais especificamente nesta terceira fase foucaultiana, *Genealogia da Ética*, nos debruçamos sobre os efeitos que os discursos, que regiam a sociedade à época, produziam sobre Franklin e como, por meio dos cuidados de si, ele questionou e insurgiu contra determinados discursos e se subjetivou, construindo novas verdades que moldaram sua existência de maneira ética, levando a uma vida feliz e saudável. Como explicou Foucault: “a arqueologia seria o método adequado de análises das discursividades locais e a genealogia seria a tática que, a partir das discursividades locais assim descritas, coloca os saberes em jogo, livres da sujeição”. (Foucault, 1998, p. 20, tradução nossa).

As práticas discursivas conhecidas como *técnicas de si* envolvem, além da sexualidade, atividades reflexivas e voluntárias em que os sujeitos estabelecem para si normas e condutas buscando transformar-se. No volume II, *O Uso dos Prazeres*, Foucault apresenta uma estética de vida que leva a uma vida ética, de valores e estilo próprios.

No terceiro volume, *Cuidados de Si*, o poder não é mais aquele que se exerce sobre o outro, mas sim o poder que o sujeito exerce sobre si mesmo, culminando no autocontrole, ou melhor, no equilíbrio, temperança. Esta temperança é a capacidade de utilizar os prazeres prudentemente fazendo da vida uma obra de arte. Na busca pela verdade, produzindo o autoconhecimento por meio dos cuidados de si, o sujeito vai se subjetivando e ressignificando sua vida, formando um padrão moral que é caracterizado pelo seu autodomínio. Este conhecimento de si e este domínio próprio leva o sujeito a emancipar-se, dispensando saberes externos influenciados por outros sujeitos e outros discursos que tentam disciplinar os corpos. É este o caminho para que o sujeito alcance a liberdade e direcione poder sobre ele mesmo.

Outra reflexão importante é que as tecnologias tanto de saber/poder quanto as tecnologias de si, ao subjetivar os sujeitos por meio de novas verdades, geram resistência que permitem realizar transformações em seus corpos e em suas maneiras de existir. É o caso de Benjamin Franklin que, ao se apropriar das técnicas de si, procurou transformar sua vida em uma obra de arte. Por isso, acreditamos que os cuidados de si levam o sujeito a libertar-se das relações de poder e mesmo que outras possam emergir, é importante controlá-las por meio do domínio próprio e pelas práticas de liberdade que

envolvem reflexões críticas para possíveis ações, com a finalidade de promover a liberdade e resistir ao poder que o oprime.

Portanto, a temática da ética do sujeito é analisada por Foucault que propõe a seguinte problematização: dissociar a moral da ética. Estes estudos tratam das práticas de si ou cuidados de si em que a arte é apontada como modo de existência, levando a uma estética da existência, ou melhor, como nós, sujeitos, construímos nossa própria ética a fim de ter uma vida bela. É sempre bom retomar a questão sobre a divisão didática do pensamento foucaultiano, pois, apesar de estar dividido em três fases, elas não estão separadas, assim, mesmo nesta fase da ética veremos que para a liberdade exercer o poder e o governo de si, está diretamente ligada ao saber/poder.

A *Autobiografia* de Benjamin Franklin, objeto desta pesquisa, apresenta um caderno de anotações de tarefas diárias realizadas por Franklin, tornando-se uma importante ferramenta em busca do governo de si, como explicou Foucault (2004a): é uma “tecnologia de si” para que o sujeito possa se conhecer, se transformar, se subjetivar, com ajuda de si e de outros. Para os gregos, o preceito “preocupar-se consigo mesmo” era um princípio fundamental para as condutas sociais e individuais. Portanto, os estudos foucaultianos, em especial a produção dos anos 1980, dedicados ao projeto de escrever a história da sexualidade, da qual destacam-se para este trabalho as técnicas de si e a estética da existência, são de relevância, já que possibilitam o governo de si para construir uma vida ética e feliz.

Deste modo, a *Genealogia da Ética* foi nosso norte para analisar o pensamento de Benjamin Franklin e seus modos de existência, pois traz temas como os *cuidados de si* e o *governo de si*, além do *dispositivo da sexualidade* (instrumento que Foucault utiliza para suas análises) que auxiliaram e fundamentaram o pensar de um novo homem contemporâneo, a partir dos conhecimentos contidos nas obras *História da Sexualidade*. Segundo Foucault (2004a),

devemos entender que há quatro grupos principais de “tecnologias”, cada um deles uma matriz de razão prática: (1) tecnologias de produção, que permitem produzir, transformar ou manipular as coisas; (2) tecnologias dos sistemas de signos, que permitem utilizar signos, sentidos, símbolos ou significação; (3) tecnologias de poder, que determinam a conduta dos indivíduos e os submetem a certos fins ou dominação, objetivando o sujeito; (4) tecnologias de si, que permitem aos indivíduos efetuar, com seus próprios meios ou com a ajuda de outros, um certo número de operações em seus próprios corpos, almas, pensamentos, conduta e modo de ser, de modo a transformá-los com

o objetivo de alcançar um certo estado de felicidade, pureza, sabedoria, perfeição ou imortalidade. (p. 323).

Foucault chegou à hermenêutica das tecnologias de si na prática pagã e no início do cristianismo, retornando à ética greco-romana para construir o percurso do seu pensamento. Assim, o filósofo busca primeiramente em *Alcibíades I*, de Platão, seu embasamento inicial para mostrar as técnicas do cuidado de si a partir da relação de Sócrates com Alcibíades. “Para Sócrates, o cuidado de si é o dever de um jovem, porém mais adiante no período helênico, o cuidado de si é visto como dever permanente por toda a vida” (Foucault, 2004a, p. 333), existindo o investimento no eu em favor da criação de condições para a autoconstituição do sujeito. De acordo com Foucault (1999, p. 60), os gregos trataram a sexualidade de maneira bem mais natural do que os cristãos, pois “na Grécia, a verdade e o sexo se ligavam, na forma da pedagogia, pela transmissão corpo-a-corpo de um saber precioso; o sexo servia como suporte às incitações do conhecimento”.

Para, então, entendermos o pensamento frankliniano sobre a construção de valores éticos para o bem viver, precisamos trazer o conceito de dispositivo para Foucault, pois toda sua pesquisa, em suas obras, é com frequência analisada a partir de um determinado dispositivo. Em *Genealogia da Ética*, (cuidados de si e governo de si), por exemplo, o dispositivo é o da sexualidade. Em seu livro, *Microfísica do Poder*, há uma entrevista concedida a Alain Grosrichard, em que ele pergunta a Foucault - que havia criado o termo *dispositivo da sexualidade* - qual o sentido e a função metodológica do termo *dispositivo*. É na resposta do filósofo que vamos entender este conceito tão utilizado ao longo de sua obra.

Através deste termo tento demarcar, em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos. Em segundo lugar, gostaria de demarcar a natureza da relação que pode existir entre estes elementos heterogêneos. Sendo assim, tal discurso pode aparecer como um programa de uma instituição ou, ao contrário, como elemento que permite justificar e mascarar uma prática que permanece muda; pode ainda funcionar como reinterpretação desta prática, dando-lhe acesso a um novo campo de racionalidade. Em suma, entre estes elementos, discursivos ou não, existe um tipo de jogo, ou seja, mudanças de posição, modificações de funções que também podem ser muito diferentes. Em terceiro lugar, entendo dispositivo como um tipo de formação, que,

em um determinado momento histórico, teve como função responder a uma urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante. (Foucault, 2017, p. 138-139)

Ao trabalhar com o dispositivo da sexualidade, Foucault explica como este dispositivo atua na produção e regulação dos modos pelos quais compreendemos e vivemos a sexualidade na sociedade. Este dispositivo influencia a maneira como as pessoas se percebem como sujeitos sexuais, quais práticas são consideradas aceitáveis ou desviantes e quais formas de sexualidade são normativas. Para Foucault, o conceito de sexualidade vem sendo tratado pelos cientistas sempre pelo aspecto da repressão. A burguesia e o capitalismo desenvolveram uma sociedade com normas repressivas, tornando a sexualidade confinada e controlada por meio de proibições, ao que Foucault denominou como *Biopoder* e *Biopolítica*, que são formas indiretas de controlar a vida e podem ser feitas pela disciplina dos corpos e pela regulação da população. O poder disciplinar se desenvolve buscando a utilidade dos corpos vivos.

As disciplinas do corpo e as regulações da população constituem os dois pólos em torno dos quais se desenvolveu a organização do poder sobre a vida. [...] como técnicas de poder presentes em todos os níveis do corpo social e utilizadas por instituições bem diversas (a família, o Exército, a escola, a polícia, a medicina individual ou a administração das coletividades), agiram no nível dos processos econômicos, [...] operaram, também, como fatores de segregação e de hierarquização social, [...] garantindo relações de dominação e efeitos de hegemonia; (Foucault, 1988, 96-97)

Desta forma, Foucault vai discorrer sobre como o poder se transformou na sociedade, pois passou a regular e influenciar comportamentos dos indivíduos, como saúde, sexualidade (reprodução), trabalho, educação. De acordo com o filósofo,

por muito tempo, teríamos suportado um regime vitoriano e a ele nos sujeitaríamos ainda hoje. A pudicícia imperial figuraria no brasão de nossa sexualidade contida, muda, hipócrita. Diz-se que no início do século XVII ainda vigorava uma certa franqueza. As práticas não procuravam o segredo; as palavras eram ditas sem reticência excessiva e, as coisas, sem demasiado disfarce; tinha-se com o ilícito uma tolerante familiaridade. [...] Gestos diretos, discursos sem vergonha, transgressões visíveis, anatomias mostradas e facilmente misturadas [...] os corpos "pavoneavam". Um rápido crepúsculo se teria seguido à luz meridiana, até as noites monótonas da burguesia vitoriana. A sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo,

se cala. O casal, legítimo e procriador, dita a lei. (Foucault, 1988, p. 04)

Por outro lado, Foucault analisou a sexualidade por meio do discurso e a tratou como um fenômeno vinculado ao estímulo e suas articulações com o poder, rejeitando as formas de repressão, pois para o filósofo, a sexualidade está longe de ser uma característica inata ou mesmo estável, mas sim é uma construção social e histórica, influenciada por fatores sociais, culturais e de poder, moldada pelo dispositivo que impõe normas e controles sobre os corpos da população. Foucault defendia a ideia de que “a história da sexualidade deve ser feita, antes de mais nada, do ponto de vista de uma história dos discursos” (Foucault, 1988, p. 46). Portanto,

a sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder (Foucault, 1988, p. 74)

Entendemos, em concordância com Foucault, que a compreensão da sexualidade é profundamente influenciada por normas sociais, discursos institucionais e relações de poder. O filósofo rechaça a ideia de uma sexualidade inata e universal dos seres humanos, mas defende uma sexualidade fruto de uma construção histórica e social, moldada por uma série de fatores culturais, políticos e sociais. Não é uma característica essencial de uma pessoa, mas sim uma categoria que foi criada e transformada ao longo do tempo pelas sociedades modernas que produziam seus discursos e suas práticas em torno da sexualidade para a tornarem objeto de controle.

A sexualidade é uma área onde o poder age de maneira sutil e disseminada e as normas e categorias sexuais são utilizadas para classificar e regular as práticas e os desejos sexuais das pessoas. Portanto, ao estudarmos os conceitos foucaultianos observamos que a sexualidade é um produto de uma cultura, de discurso e de poder, não sendo uma característica fixa, mas uma construção social em frequente mudança e em determinado momento histórico. Segundo Foucault (1988, p. 208), “formulada e proibida, dita e interdita, a sexualidade é um comutador que nenhum sistema moderno de poder pode dispensar”.

A pergunta norteadora de toda pesquisa foucaultiana é saber quem é esse sujeito e como os modos de subjetivação o ressignificam ao longo de seu percurso. Portanto, ao explanarmos sobre o pensamento de Foucault, entendemos que este sujeito é o resultado da construção que acontece no interior de três vertentes (as vertentes do ser-saber, do ser-poder e do ser-si). Partindo destes conceitos fundamentais que foram aplicados no discurso de Franklin, pudemos compreender a dimensão e o poder de sua escrita e de suas práticas discursivas que foram se constituindo em novas verdades éticas, que divergiram da moral da época.

Escrever e publicar as tarefas diárias, até mesmo os pensamentos mais reservados, foi o ponto principal do processo de subjetivação de Franklin. Em seu texto *A Escrita de Si*, Foucault afirma que ao escrever um diário, anotar os pensamentos, suaviza-se os perigos da solidão, pois ao escrever sobre sentimentos e pensamentos, a escrita desempenha o papel de um companheiro. Deste modo, o diário, o caderno de notas funcionam como um amigo confidente para desabafos, desejos. A escrita de si possibilita o exercício do pensamento sobre si mesmo, ressignificando novas verdades.

O texto de Benjamin Franklin vem sustentado por uma riqueza de relatos de tarefas cotidianas e de posicionamentos de vida que vão mostrando as formas como Franklin vai se constituindo como sujeito. São notáveis os relatos sobre sua independência de pensamento ao tomar decisões importantes ainda muito jovem para estabelecer mudanças de rumo na vida, como quando parte sozinho para a Filadélfia enquanto adolescente. Ou quando conhece uma dieta vegetariana em um dos livros que lera:

Quando tinha cerca de 16 anos, encontrei por acaso um livro, escrito por certo Tryon, que recomendava uma dieta vegetal. Decidi segui-la. Meu irmão, sendo ainda solteiro, não tinha casa montada e tomava pensão na casa de uma família, juntamente com seus aprendizes. Minha recusa em comer carne criou certos inconvenientes e frequentemente me censuravam por essa singularidade. Familiarizei-me com a maneira como Tryon preparava alguns de seus pratos, cozinhava batatas ou arroz, fazia mingaus e algumas outras coisas, e em seguida propus a meu irmão que, se me desse semanalmente metade do dinheiro que pagava por minha pensão, eu próprio cuidaria de minha alimentação. Concordou imediatamente com isso, e eu constatei então que podia economizar metade do que ele me pagava. (...) Como meu irmão e os outros saíam da tipografia para tomar as refeições, eu lá ficava sozinho e, comendo depressa meu ligeiro repasto, (...) dispunha do resto do tempo até seu regresso para estudar, no que fiz o maior progresso, devido à maior clareza da cabeça e mais rápida apreensão que geralmente acompanham a temperança no comer e no beber. (Franklin, 1963, p. 15)

Ao colocar no papel seus pensamentos mais íntimos, seus desejos, o sujeito está no processo de autoconhecimento, em que transformações em sua individualidade vão ocorrendo. Franklin atua sobre seus modos de existência, modificando-se continuamente e, ao escrever sobre suas tarefas cotidianas diárias, mostra como vai se moldando para melhorar como sujeito, seja na alimentação mais leve e equilibrada que clareia a mente, seja na disciplina financeira que o leva a poupar parte do que ganha.

O filósofo Michel Foucault, em seu texto *A Escrita de Si*, discorre sobre o poder transformador da escrita de si:

o papel da escrita é constituir, com tudo o que a leitura constituiu, um "corpo" (quicquid lectione collectum est, stuus redigat in corpus). E é preciso compreender esse corpo não como um corpo de doutrina, mas sim - segundo a metáfora da digestão, tão frequentemente evocada - como o próprio corpo daquele que, transcrevendo suas leituras, delas se apropriou e fez sua a verdade delas: a escrita transforma a coisa vista ou ouvida 'em forças e em sangue' (in vires, in sanguinem). Ela se torna no próprio escritor um princípio de ação racional. (Foucault, 2017, p. 148-149)

A escrita de si faz com que o sujeito/escritor vá construindo verdades novas que vão transformando seu caráter, emergindo novas subjetividades. Como explica Foucault, o ato da escrita tem o incontestável poder subjetivador. Franklin, como autor e *escrileitor*, vai transformando seus pensamentos, suas atitudes diante da vida e aprendendo a conhecer-se. Para dialogarmos com o conceito foucaultiano da escrita de si, submetemos o discurso de Franklin ao conceito de *escrileitura* apresentado por Momesso (2020). Dessa forma, a *escrileitura*

[...] é também uma *escritura*, na medida em que o leitor repensa, reescreve, ressignifica, discute o que leu, assim, essa “*escrileitura*” é uma atividade privilegiada por trazer enriquecimento intelectual e cultural. Torna-se um dispositivo do cuidado de si para ajudar o “*escrileitor*” a construir-se enquanto sujeito ético, cidadão e participante de seu tempo. [...] O “*escrileitor*” ao ler um livro entra em processo ativo de reflexão, maceração sobre o tema e a problemática lá colocada. Além disso, a prática da “*escrileitura*” pode levá-lo a um exame de consciência, de comparações, de reescrita da história, de imaginar-se no lugar do outro. No momento em que o “*escrileitor*” envolve-se com a história da obra lida, envolve-se consigo mesmo num processo elaborativo de reflexões sobre si na relação com o outro. (Momesso, 2020, p. 434)

A escrita pode ser considerada uma forma de arte terapêutica, nos cuidados de si, permitindo que o sujeito explore suas emoções, desafios, fracassos e sucessos. Ao colocar suas emoções, experiências, seu ritual diário, no papel, Benjamin Franklin busca encontrar alívio emocional, clareza em suas ideias e até mesmo conexão com o outro, que pode se identificar com sua história.

Desta maneira, é, também, por meio da escrita que Franklin foi se constituindo. Tanto a escrita de si como a escrita trouxeram as qualidades apresentadas por Benjamin Franklin e que ele tanto almejava conquistar, como, a moral, os valores, os princípios, a ética. O conceito foucaultiano *cuidado de si* (por meio de técnicas de si) ou ocupar-se consigo mesmo é considerado uma atitude, uma maneira de se comportar, uma forma de viver, constituindo uma prática inter relacional que leva a determinados modos de conhecimento. Foucault define o cuidado de si:

A expressão “soui de soi” (título do terceiro volume de *Histoire de la sexualité*) traduz o grego “epiméleia heautoû” (em latim “cura sui”), “cuidado de si mesmo” parece a melhor tradução para o português. O tema do cuidado de si foi consagrado por Sócrates, a filosofia posterior o retomou e, na medida em que ela mesma se concebeu como uma arte de existência, a problemática do cuidado ocupou o centro de reflexões. Esse tema acabou ultrapassando os limites da filosofia e alcançou progressivamente as dimensões de uma verdadeira cultura do cuidado de si. (Castro, 2016, p. 92-93).

Ao ultrapassar os limites da Filosofia, esse tema tem caminhado pela história dos sujeitos desde então. As tecnologias de si, a história do “cuidado” e das “técnicas” de si são, hoje, “uma maneira de fazer a história da subjetividade (...) através da formação e das transformações em nossa cultura das relações consigo mesmos” (Castro, 2016, p. 93).

Para examinar os modos de constituição de si, o filósofo faz um retorno ao passado grego, qualificando sua abordagem acerca da ética e da estética da existência, pensando a vida como um exercício, como um trabalho de si, como uma obra de arte. É sob essa perspectiva que a *Autobiografia* de Benjamin Franklin foi examinada, um poderoso exemplar da escrita de si e das práticas de si em que se veem os dispositivos que o autor utiliza para constituir-se como sujeito e delinear sua identidade como o modelo do novo homem americano.

Nossa pesquisa se utiliza, mais especificamente, do domínio do “ser-si” (ética), em que Foucault trata da relação do sujeito consigo próprio, ou seja, de como se constitui e emerge a subjetividade. Aqui a ética é entendida como “relação de si para consigo”.

Foucault propôs que a ética fosse vista como a preocupação dos indivíduos com suas relações consigo mesmo e com os demais. Para ele, a construção de suas verdades ocorre pelo exame e pelas práticas do cuidado de si.

É, sem dúvida, em Epicteto que se marca a mais alta elaboração filosófica desse tema. O ser humano é definido nos *Diálogos*, como o ser a quem foi confiado o cuidado de si. [...] O cuidado de si, para Epicteto, é um privilégio-dever, um dom-obrigação que nos assegura a liberdade obrigando-nos a tornar-nos nós próprios como objeto de toda a nossa aplicação. (Foucault, 2004b, p. 78-79)

A *Autobiografia* de Franklin materializa seus pensamentos e relata sua vida pública, ocupando um lugar coletivo, representando um modelo de vida, um cuidado de si a ser seguido, embora tenha silenciado sua sexualidade. Foi pela escrita de si, em seu diário, que assumiu o lugar de representante de um modelo de Homem, mas, também, foi ele próprio o objeto para aplicação dessas novas verdades produzidas pelas técnicas de si que o levaram a constituir-se como sujeito ético tendo o governo de si.

Portanto, esta obra e seu discurso são de grande contribuição neste atual momento em que se vivencia discursos intolerantes, com inverdades tomando espaço em todas as mídias existentes, moldando os pensamentos e valores morais de uma sociedade.

No capítulo seguinte, colocamos os conceitos foucaultianos e de escrita, explanados neste primeiro capítulo, para a análise da obra de Franklin.

2.2 Capítulo 2 - O modelo do novo homem de Benjamin Franklin - a ética protestante como moral social da época e os escritos franklinianos.

Aquele que vive da carne não terá a vida eterna
(Franklin, 1914, p. 5 - tradução nossa)

2.2.1 O contexto de formação das colônias americanas e a ética protestante

Antes de nos aprofundarmos sobre o homem Benjamin Franklin, é importante resgatarmos o contexto de formação das colônias, nos séculos XV a XVII, que levou até a independência do que mais tarde, no século XVIII, se tornaria os Estados Unidos, e também para entendermos as condições de produção das formações discursivas franklinianas tendo como pano de fundo a ética protestante.

Nos séculos XV e XVI, a colonização daquela parte das Américas teve incursões espanholas, com Cristóvão Colombo, Alvar Núñez Cabeza de Vaca, por exemplo, e francesas, com René Goulaine de Laudonnière e Samuel de Champlain (LAUTER, 2006), mas foram os ingleses que, embora chegando mais tardiamente, estabeleceram as influências mais marcantes no processo de colonização. As colônias inglesas do chamado “Novo Mundo” começaram a ser estabelecidas no início do século XVII, a partir das atividades de companhias inglesas de colonização como a denominada Virginia Company.

Os primeiros peregrinos puritanos chegaram por ali no ano de 1620, a bordo do célebre Mayflower. Porém, não são eles os responsáveis diretos por conceber o que se tornaria mais tarde os Estados Unidos. Isso coube a um segundo grupo de puritanos fundamentalistas e calvinistas, liderados por John Winthrop, a bordo do navio Arbella, que aportou na costa onde hoje se encontra o estado de Massachusetts, em 1630. Como bem relata Cretè (2005), ao caracterizar o grupo,

Eles eram devotos, animados pela vontade de trabalhar e pelo senso do dever. Além disso, muitos tinham instrução. [...] Esses homens e essas mulheres determinados concebiam sua migração ao Novo Mundo como um capítulo do drama que se desenrola desde a criação do mundo e que só acaba no Juízo Final. [...] Seu destino era o de estabelecer uma nova idade do ouro na América do Norte. [...] Tanto no plano político como no religioso, acreditavam que o indivíduo só

poderia se desenvolver em liberdade.

Apesar de haver uma certa atenção à liberdade de consciência, os puritanos demonstraram intolerância em relação àqueles que não compartilhavam de suas crenças, principalmente devido ao receio de perturbação social e não somente de mera devoção religiosa. Portanto, a ordem era tida como fundamental, e o pensamento e as ações dos puritanos refletiam os princípios de uma sociedade que priorizava a manutenção da ordem a todo custo. Sobre isso, Cretè (2005, s.n.) acrescenta que:

Os puritanos também baseavam suas leis na Bíblia. Eram passíveis da pena capital os blasfemadores, os feiticeiros e as feiticeiras e aqueles que se dedicassem à adivinhação, quem cometesse homicídio ou bestialidade; os pederastas, os adúlteros, os ladrões, aqueles que davam falso testemunho e os conspiradores. Por fim, o repouso do *sabbat* (como eles chamavam o domingo) deveria ser rigorosamente respeitado e voltado às atividades espirituais. A legislação proibia viagens, visitas, obras, divertimentos, e os infratores eram obrigados a pagar multas. [...] Assim que o *sabbat* acabava, os habitantes retomavam o trabalho.

Diante desse contexto, não é de surpreender que aquela também fosse uma sociedade caracterizada por uma atitude de cerceamento das atividades que envolviam os prazeres e o divertimento. Como defendiam o bom uso do tempo, este não deveria ser gasto com atividades imorais como carteados, jogos de rinha, boliche, bilhar, e muito menos o culto à preguiça, revelando um intenso regramento do corpo. Amstel *et al.* (2021, p. 4), aponta que

essa visão contrária aos divertimentos, no protestantismo, decorria de uma nova ética do trabalho, desenvolvida inicialmente na seita calvinista e, posteriormente, estendida de maneira generalizada na cultura capitalista (Weber, 2004). Em função de o protestantismo abolir do processo de salvação elementos tidos como “mágicos” (assim como o papel da eucaristia no catolicismo) e dar ênfase à fé como mecanismo para redenção, gradualmente se iniciou uma extensão dessa percepção sobre a realidade em geral. Weber (2004) classificaria esse processo como “desencantamento do mundo”, em que o protestante eliminava mecanismos auxiliares e sobrenaturais de salvação; sem a maior parte dos sacramentos, o indivíduo encontrava-se sem meios para saber se estaria salvo. Diante disso, o calvinismo passou a interpretar teologicamente que a redenção se daria pelo sucesso material dos devotos. Nesse sentido, quanto mais bem-sucedido financeiramente um cristão se mostrasse, maiores seriam os sinais de que estava predestinado a se salvar.

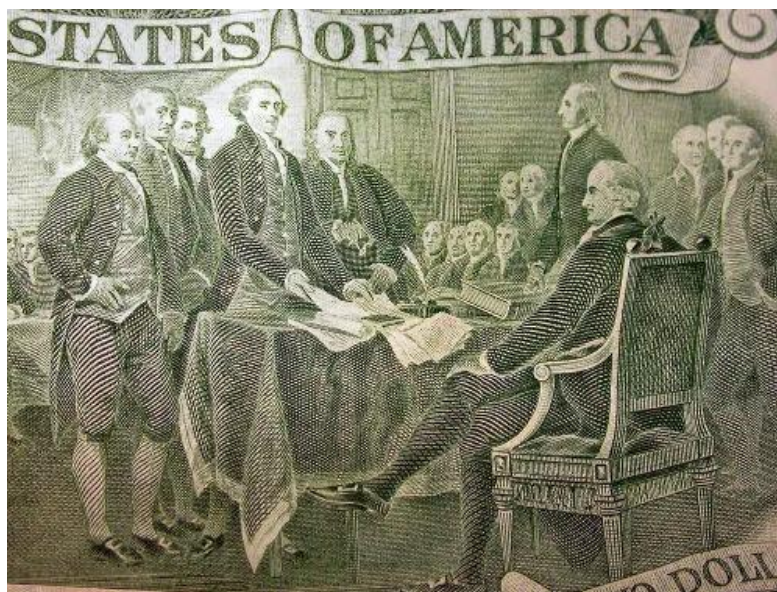
Essa é, então, a origem dessa nova ética de trabalho que pregava a parcimônia, a economia e o acúmulo de riqueza. Vivia-se para trabalhar e honrar a Deus. Portanto,

os divertimentos deveriam ser eliminados da sociedade (Weber, 2004; Overman, 2011).

A ética protestante valorizava a moderação e a temperança em todos os sentidos relacionados aos prazeres, incluindo a alimentação, pois até nessa área se buscava uma austeridade, não a abstinência que marcava o jejum católico, o qual condenavam e caracterizavam como hipócrita, mas o jejum sinônimo de sobriedade, sem excessos que pudessem prejudicar a virtude do corpo correto e adequado. Florent Quellier (2011, p. 82), ao tratar da história da gula, afirma que o verdadeiro propósito do jejum, por exemplo, é adotar uma prática contínua de moderação que não necessariamente envolve a privação completa de alimentos, mas sim uma abstenção de qualquer tipo de indulgência ou desejo excessivo e descontrolado por prazeres carnisais.

É interessante também observar como essa ética protestante estava presente até mesmo na forma como se retratava uma figura pública como Benjamin Franklin. Até nas imagens conhecidas dos “Fundadores” é perceptível uma certa dessexualização, conforme as figuras abaixo:

Figura 1 - Pais fundadores na assinatura da Declaração de Independência



Fonte: Brasil Escola, 2023.

Figura 2 – Retrato emblemático de Benjamin Franklin usado na nota de cem dólares.



Fonte: JÍMENEZ, 2018.

Figura 3 – Retrato de Benjamin Franklin em 1750, aos 46 anos de idade, de autoria anônima.



Fonte: Hulton Archive/Getty Images. Disponível em <https://www.npr.org/2022/05/18/1099542962/abortion-ben-franklin-roe-wade-supreme-court-leak>. Acesso em: 22 maio 2023.

Figura 4 – Benjamin Franklin retratado por David Martin em 1767.



Fonte: FERNÁNDEZ; TAMARO, 2004.

Figura 5 – Benjamin Franklin rodeado por objetos simbólicos do conhecimento.



Fonte: FERNÁNDEZ; TAMARO, 2004.

Figura 6 – Benjamin Franklin na fase final de vida, retratado por Joseph Siffred Duplessis, ca. 1777-1778.



Fonte: THE MET, 2023. Disponível em <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/684797>. Acesso em: 22 maio 2023

É possível observar nas imagens acima como normalmente Franklin é retratado ou sem corpo (Figura 2) - como uma espécie de busto - ou em vestimentas que nos lembram de sua posição política ou social (Figuras 3, 4, 5 e 6), pois é sempre retratado com a pena à mão, indicando seu papel como escritor, ou um estudioso em meio a livros e outros objetos que denotam as ciências, como o globo terrestre, ou o próprio “pai fundador” que participou da elaboração dos principais documentos que fundamentam a formação da nação nas décadas finais do século XVIII. Quando a imagem retrata o corpo, este é coberto totalmente, dos pés até o pescoço, ficando apenas as mãos e o rosto expostos, o que parece apontar para uma subjetivação de alguém dessexualizado, por vezes bonachão, de maduro a idoso, grisalho e de aspecto benevolente, à imagem do avô de todo mundo. É recorrente também a representação de Franklin como alguém que sempre estava empregando o tempo em algo útil, e nunca ligado à ociosidade.

A época de Franklin era então permeada pela mentalidade voltada para o trabalho como desígnio divino e que pregava a moderação nas atividades do corpo assegurava um sólido fundamento moral, religioso e econômico que marcou o estilo de vida da Nova Inglaterra, região em que nasceu e viveu Benjamin Franklin. Portanto, muito embora não seja considerado um puritano, Franklin certamente teve uma

formação calvinista por conta da região em que cresceu fortemente marcada por essas ideias e, por essa razão, revela muito desses aspectos em seus escritos e na maneira como ele parece reverberar seu entendimento do que vem a ser a educação do corpo, tema que será aprofundado na próxima seção.

2.2.2 A educação do corpo na concepção de Benjamin Franklin

A produção escrita de Benjamin Franklin sobre a educação do corpo perpassa muitas de suas obras. Em *O Almanaque do Pobre Ricardo* (1914), Franklin apresenta vários aforismos - as pequenas frases que serão tratadas mais profundamente em capítulo subsequente - que tratam do tema, como por exemplo, a epígrafe que abre o capítulo “Aquele que vive da carne não terá a vida eterna”, ou ainda “a barriga cheia torna o cérebro preguiçoso”, “a embriaguez - o pior dos males - torna alguns homens tolos, outros animais, outros demônios”, “dormir cedo e acordar cedo torna o homem saudável, rico e sábio”, “coma menos e precisará de menos remédio”, etc. Deixou ainda um manual de natação em que discorre sobre os benefícios dessa atividade que ele descreve como um divertimento dos mais saudáveis e prazerosos se praticados por duas horas e indicado para as estações quentes. Ele vê também a natação como importante para outros aspectos da saúde do corpo, como a cura de diarreias (Amstel *et al.*, 2021). Franklin parece tentar mostrar que é possível se divertir e ter prazer sem ferir a ética protestante do controle do corpo porque consegue racionalizar essas atividades de forma a mostrar sua utilidade, abordagem que vai ao encontro da mentalidade cientificista do Iluminismo do século XVIII que derrubava ideias antigas e colocava outras hipóteses em tela a partir da exploração científica (Vigarello, 2018 apud Amstel *et al.*, 2021). Ou seja, Franklin se mostra um homem de seu tempo e revela o perfil positivista que o século XIX vai delinear no sujeito que entende a verdade pela busca do conhecimento e pela ação.

No entanto, é possível também perceber outras camadas das ideias sobre a educação do corpo naquela sociedade ao retomarmos a epígrafe “Aquele que vive da carne não terá vida eterna”, que traz uma ambiguidade de sentido, pois pode dar a entender que comer muito faz mal para a saúde ou que os prazeres pecaminosos da carne furtarão ao sujeito a vida eterna e, como bem explica Amstel *et al.* (2021, p. 12), parece evidenciar “a condenação das atitudes prazerosas [e] uma noção de corpo entrelaçada a

uma religiosidade protestante” que exigia um modelo de corpo controlado, disciplinado.

Para Benjamin Franklin, o controle do corpo era visto como uma ferramenta essencial para cultivar as virtudes individuais e, por consequência, contribuir para a civilização da sociedade. Ele parece acreditar, ou quer passar a imagem para os que se inspiram nele acreditem que, ao negar as vontades de prazer e a sexualidade (esta deveria ser somente racional), o indivíduo poderia gradativamente desenvolver hábitos mais refinados e virtuosos, e isso pode ser observado na centralidade daquilo que Franklin prescrevia como a educação do corpo, concepção que vem ao encontro do que pregava a ética protestante.

Dessa forma, quando Franklin aconselha uma alimentação módica, a baixa ingestão de álcool, uma vida regrada de dormir e acordar cedo, ele parece defender também um modelo corporal específico que requer comportamentos contidos e disciplinados. Como sujeito de seu tempo, Franklin parecia entender que o corpo virtuoso deveria ser motivo de busca de todo indivíduo na sociedade e não somente daqueles que pertenciam a uma elite social.

Para Franklin, o florescimento das virtudes exigia que o indivíduo resistisse aos desejos de prazer, priorizando o autocontrole e o crescimento pessoal. Ele abraçava uma visão da ética protestante norte-americana que se assemelha ao estoicismo, pois valoriza o domínio racional sobre o corpo como uma peça fundamental para uma educação virtuosa. Por essa razão, enfatiza em seus escritos que a busca por uma condição de saúde adequada era uma meta a ser alcançada, pois o corpo doente e profanado pelos hábitos inadequados poderia impedir a realização da vocação e a concretização das virtudes protestantes (Amstel *et al.*, 2021, p. 13).

A seguir, passaremos a discorrer sobre a forma como Michel Foucault pensa o corpo em sua obra para posteriormente examinarmos a ética protestante de Franklin à luz do pensamento foucaultiano.

2.2.3 O corpo para Foucault

O corpo é amplamente tratado na obra foucaultiana, tendo explorado diversas dimensões do corpo e como este é construído, regulado e disciplinado pelo poder e pelas normas sociais. O corpo é como uma massa moldável que sofre ações perpetradas por tecnologias elaboradas a partir de um ponto de vista histórico e, por esta razão, constitui

uma estrutura fundamental para os processos de subjetivação. O corpo desempenha um papel central na constituição do ser, mas também pode limitar e restringir a expressão e liberdade de ser. Se, na concepção de Foucault, sexualidade é uma construção social moldada por mecanismos políticos complexos que influenciam as formas como os corpos e as relações são vivenciados e percebidos, somente é possível subjetivar-se pelo caminho do corpo (Foucault, 1988).

Para Foucault, o corpo não é apenas uma entidade biológica, mas também um campo de poder, de significados, de práticas sociais e de discursos ordenados para o controle das verdades, conforme explica no texto célebre *A ordem do discurso* (1996, p. X):

[...] em toda sociedade a produção do discurso é simultaneamente controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um certo número de procedimentos que têm por papel exorcizar-lhe os poderes e os perigos, refrear-lhe o acontecimento aleatório, disfarçar a sua pesada, temível materialidade.

Foucault, portanto, argumenta que as sociedades modernas desenvolveram técnicas e instituições para exercer controle sobre os corpos individuais e coletivos, moldando-os de acordo com os padrões culturais e ideológicos específicos. É o que Foucault vai denominar “biopolítica”, ou seja, os mecanismos de poder que operam no nível dos corpos individuais e da população como um todo. A biopolítica envolve questões como controle populacional por meio de políticas governamentais e acesso a métodos contraceptivos; saúde pública, por meio de vacinação em massa, controle de epidemias, como vivemos recentemente na pandemia de COVID-19; higiene e regulação dos corpos para fins de produtividade e governança, entre tantos outros exemplos. Nas palavras de Foucault (1988, p. 28),

Uma das grandes novidades nas técnicas de poder, no século XVIII, foi o surgimento da “população”, como problema econômico e político [...] Os governos percebem que não têm que lidar simplesmente com sujeitos, nem mesmo com um “povo”, porém com uma “população”, com seus fenômenos específicos e suas variáveis próprias: natalidade, morbidade, esperança de vida, fecundidade, estado de saúde, incidência das doenças, forma de alimentação e de habitat.

Portanto, para que o caos não se instale, o disciplinamento se faz necessário. Quando aborda as instituições, Foucault usa como exemplos as prisões, escolas e hospitais que constituem instituições disciplinares que atuam na construção do corpo

como um objeto de controle e normalização, pois aplicam técnicas disciplinares que buscam regular os comportamentos, hábitos e aparências dos sujeitos, moldando seus corpos conforme padrões aceitos pela sociedade. O sujeito passa a ser moldado por técnicas disciplinares mais refinadas.

Essas técnicas disciplinares têm como objetivo tornar o corpo mais eficiente e obediente, ou mais dócil, como o filósofo nomeia, ao mesmo tempo que determinam os limites do que é permitido ou proibido. Foucault (1987, p. 29) aponta que “o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso”. Por meio dessas tecnologias disciplinares busca-se maximizar o controle do corpo, mantendo-o sob um maior enquadramento, aprimorando suas capacidades de forma a torná-lo mais economicamente produtivo, e ao mesmo tempo restringi-lo em momentos que poderiam desafiar as normas estabelecidas. Em outras palavras, o poder disciplinar está sempre exercendo algum tipo de controle e influência sobre o corpo do sujeito.

Na biopolítica, “o corpo do sujeito, além de ainda continuar a sofrer a ação de técnicas disciplinares, é estimulado a falar de si mesmo para mais bem se governar ou ser governado” (Mendes, 2006, p. 173), ou seja, o sujeito vai criar uma ética de si e a possibilidade de resistir ao poder disciplinar. Nesse ponto, é importante voltarmos o olhar novamente a Benjamin Franklin que subjetivou-se a partir do dispositivo religioso pautado na ética protestante (que dominava e influenciava as outras esferas, como a econômica, a política, a social e a educacional), mas ressignificou-se como sujeito a partir de outros dispositivos oferecidos pelo momento histórico em que viveu, como o campo dos estudos científicos, conseguindo resistir ao disciplinamento do corpo com um discurso pautado pelas ideias que vinham da medicina, por exemplo, como explicado anteriormente nos aforismos que ele criou, ou no manual sobre os benefícios da natação. Se, em um primeiro momento, observamos um silenciamento da sexualidade de Franklin moldado pela ética protestante, vemos em seguida como Franklin contorna o poder disciplinar e constrói novas verdades ao tratar não do corpo dócil, mas do corpo sadio e apto aos prazeres do bem-estar. E ele faz isso por meio da técnica da escrita de si, desenvolvendo suas práticas discursivas de forma a resistir à ética protestante disciplinadora e criar condições para o governo de si.

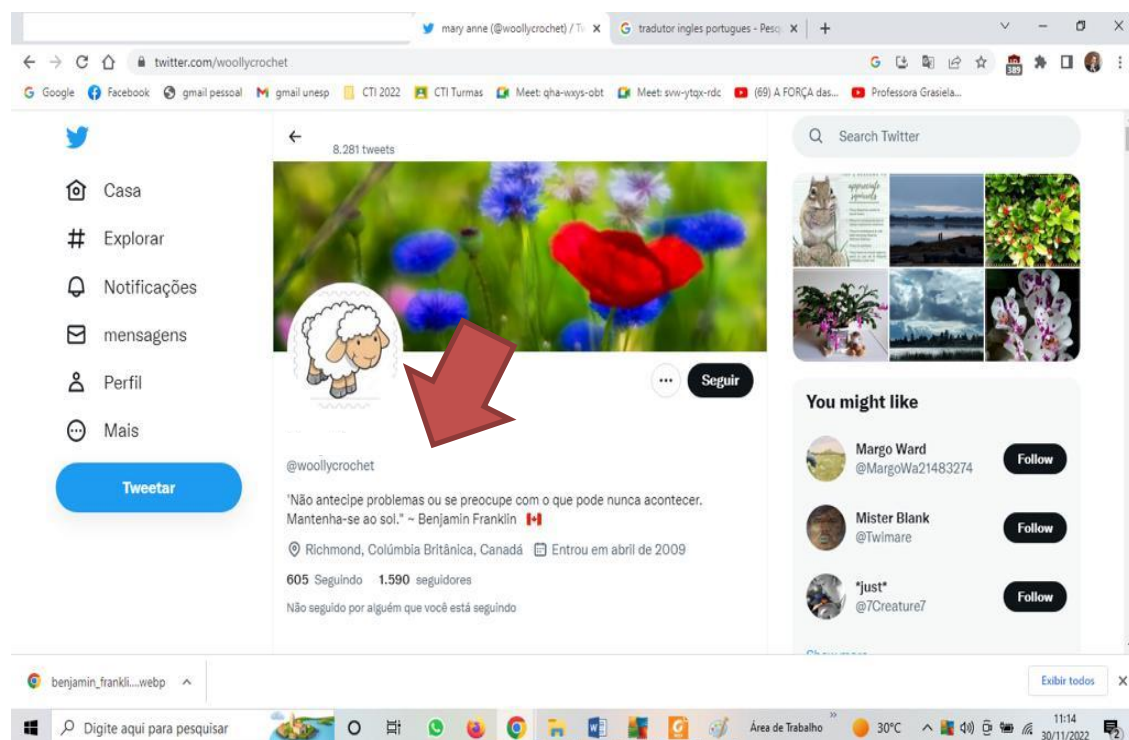
Na próxima seção trataremos especificamente da escrita de si, dos modos de subjetivação de Benjamin Franklin e de sua ética de existência à luz do pensamento foucaultiano.

2.2.4 O modelo de perfeição moral de Benjamin Franklin sob a ótica arqueogenealógica foucaultiana: os cuidados de si e as subjetividades.

Nesta seção, retomaremos os principais conceitos do terceiro domínio foucaultiano, a *Genealogia da Ética*, com vistas a compreender, no momento presente, as possibilidades de autogoverno de sua própria sexualidade para pensar sobre como as formas de existência e as subjetivações ocorrem de maneiras diferentes para cada sujeito e, assim, ser capaz de resistir e transformar a própria vida por meio de novas verdades. Para tanto, analisaremos a escrita de si de Benjamin Franklin em fragmentos discursivos extraídos de suas obras, principalmente *A Autobiografia*, e como essa escrita vai produzindo verdades, construindo uma nova subjetividade e transformando seu modo de existência com a intenção de atingir a perfeição moral.

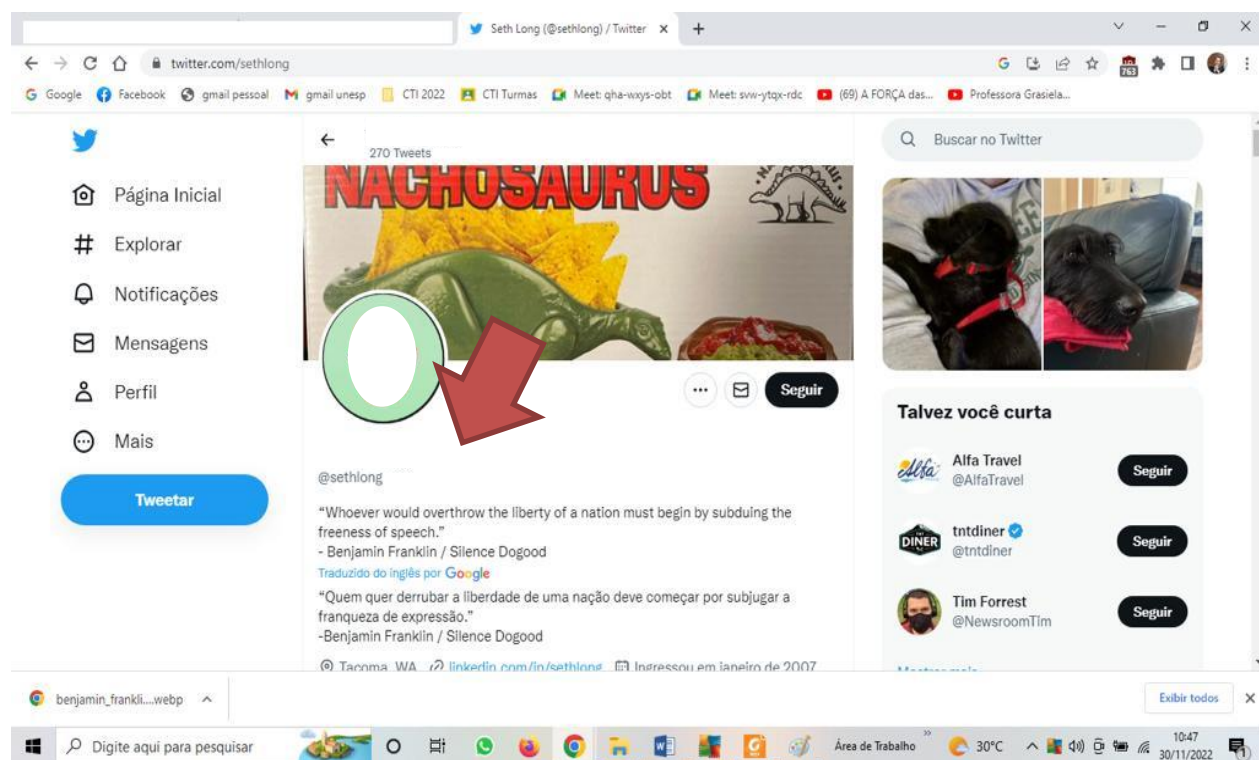
A *Autobiografia* de Benjamin Franklin é considerada o ponto de partida da literatura de autoajuda (Butler-Bowdon, 2003) por sua ênfase em inspirar milhões de leitores, fortalecendo em pleno século XIX a ideia de que as pessoas são boas e que podem sempre melhorar se utilizarem as técnicas de si, e suas ideias reverberam e inspiram o sujeito contemporâneo. Uma rápida busca em plataformas de redes sociais virtuais como o *Twitter* e o *LinkedIn*, por exemplo, trará inúmeros perfis cujas biografias estampam aforismos e máximas criadas por Franklin e disseminadas nas mais diferentes culturas. Abaixo estão alguns exemplos ilustrativos da recorrência do uso de aforismos franklinianos nas plataformas mencionadas:

Figura 7 – Perfil Ilustrativo do Twitter 1



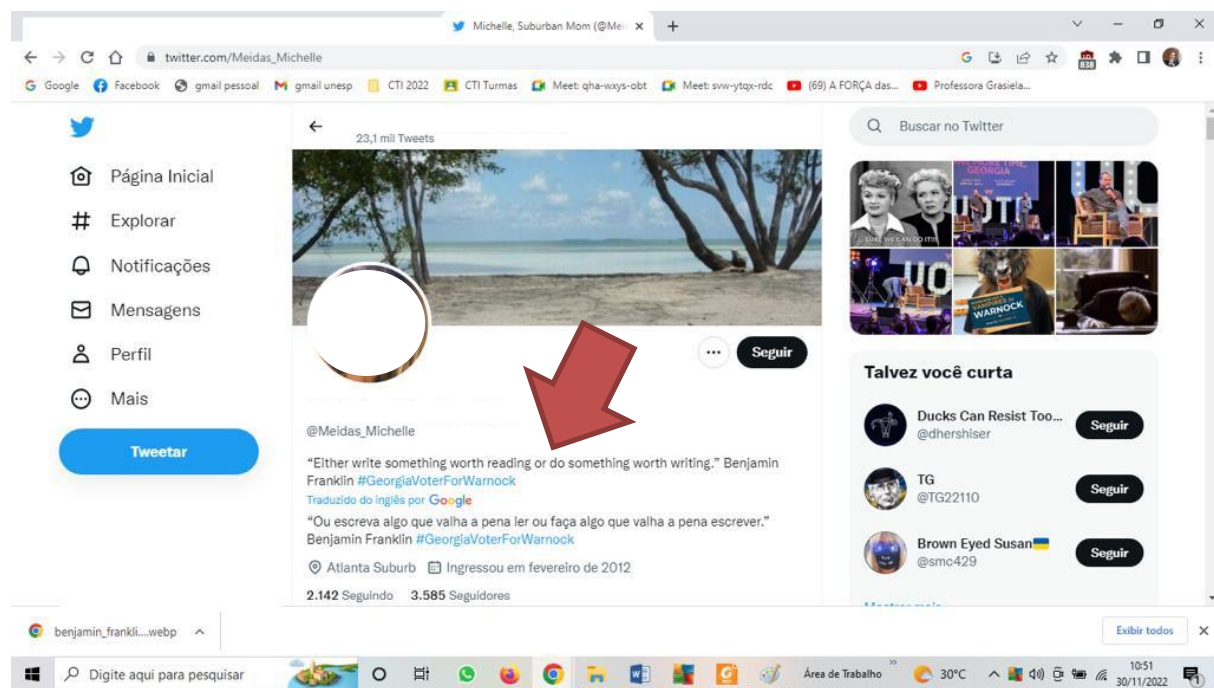
Fonte: Twitter. Disponível em: twitter.com/woollycrochet. Acesso em: 30 nov. 2022.

Figura 8 – Perfil Ilustrativo do Twitter 2



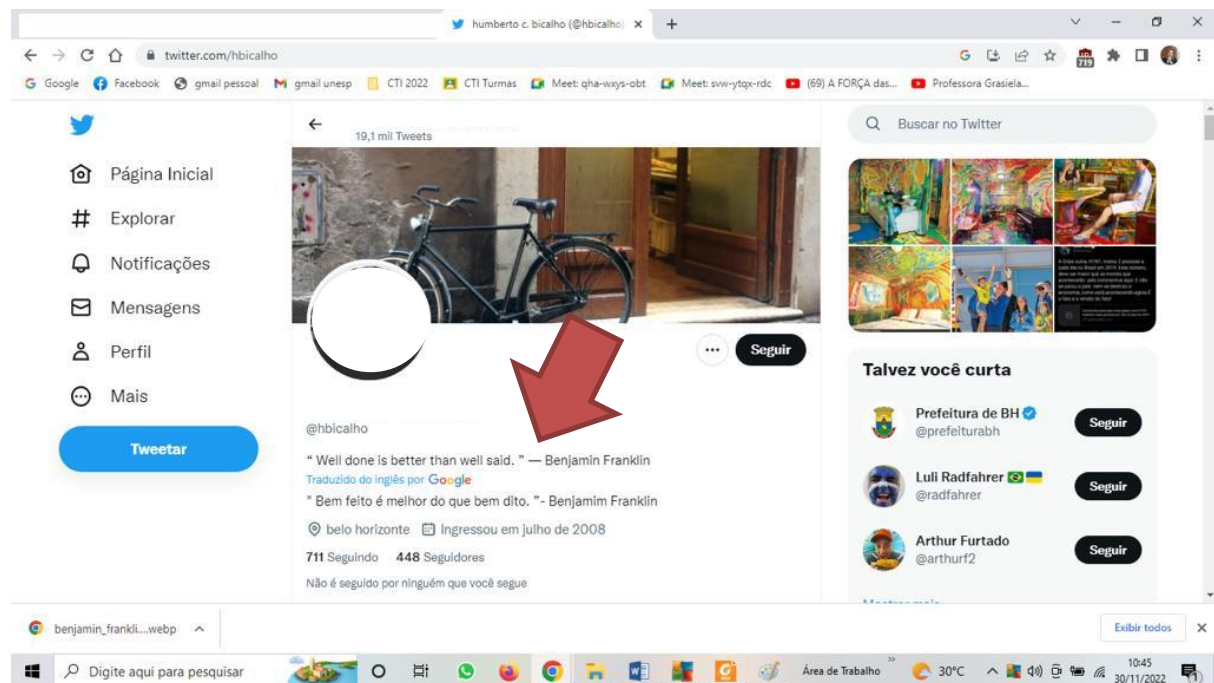
Fonte: Twitter. Disponível em: twitter.com/sethlong. Acesso em: 30 nov. 2022.

Figura 9 – Perfil Ilustrativo do Twitter 3



Fonte: Twitter. Disponível em: twitter.com/Meidas_Michelle. Acesso em: 30 nov. 2022.

Figura 10 – Perfil Ilustrativo do Twitter 4



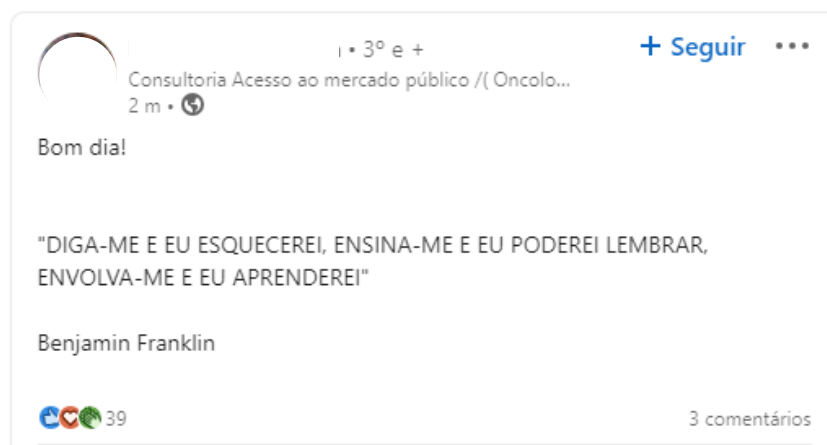
Fonte: Twitter. Disponível em: twitter.com/hbicalho. Acesso em: 30 nov. 2022.

Figura 11 - Perfil Ilustrativo do LinkedIn 1



Fonte: LinkedIn. Disponível em: <https://www.linkedin.com/in/daniel-holanda-125542106/recent-activity/all/>. Acesso em: 4 maio 2023.

Figura 12 – Perfil Ilustrativo do LinkedIn 2



Fonte: LinkedIn. Disponível em: <https://www.linkedin.com/in/prof%C2%AA-karla-mesquita-b8680233/recent-activity/all/>. Acesso em 4 maio 2023.

A biografia de um perfil de usuário de redes sociais virtuais geralmente é usada para compartilhar informações concisas sobre si mesmo, informações estas que podem variar, mas que comumente incluem elementos como nome, profissão, interesses, links para site pessoais ou profissionais e frases de impacto que dizem muito de quem esta pessoa é, suas crenças e o que representam.

Ao observarmos os perfis ilustrativos acima, vemos que são homens e mulheres que comunicam informações relevantes sobre si a partir do pensamento de Benjamin Franklin, que parecem nele se inspirar ou usam aforismos de sua autoria para dizerem algo de si, algo bem alinhado ao que Bauman (2003) aponta como sendo característico do capitalismo líquido no qual o sujeito adota, como suas, representações de figuras renomadas como referências para moldar a imagem que deseja projetar de si mesmo. Nesse sentido, é importante indagarmos se os escritos de Franklin podem ser entendidos como elemento inspirador e alavancador da intervenção nos modos de existência do sujeito a partir do cuidado de si. A fim de nos aprofundarmos nessa relação, é necessário retomar alguns conceitos do pensamento foucaultiano sobre o tema.

Foi em 1982, em célebre curso ministrado por Michel Foucault no Collège de France, que surge a obra *A Hermenêutica do Sujeito*, em que o autor apresenta uma investigação da noção do cuidado de si. Na aula de 6 de janeiro de 1982, que abre o curso, Foucault aponta que tudo começou com sua busca para entender a história da subjetividade, a relação do sujeito com a verdade. Para tanto, volta-se para os primeiros séculos de nossa era para examinar o regime de comportamentos e prazeres sexuais da Antiguidade. Nessa busca, depara-se com o cuidado de si e com o conhece-te a ti mesmo dos gregos, percebendo que para os gregos o conhece-te a ti mesmo estava atrelado ao cuidado de si. Foucault então se pergunta por que o conhece-te a ti mesmo foi perpetuado no pensamento ocidental e o cuidado de si ficou invisibilizado.

O ponto de partida para Foucault é o *Alcebiades* de Platão. Porém, passeia pelo pensamento sobre o cuidado de si dos estoicos Sêneca, Epiteto, dos Epicuristas e dos Cínicos, pensadores gregos e romanos que se debruçaram sobre o homem para problematizá-lo em sua subjetividade, em sua maneira de constituir-se a si próprio. Foucault nos mostra que ao longo da história da filosofia, o cuidado de si perpassa as ideias de vários filósofos e várias correntes filosóficas. Usa como exemplo a terapia da alma de Sêneca e o próprio Cristianismo: “Ocupar-se consigo mesmo tornou-se, de modo geral, o princípio de toda conduta racional” (Foucault, 2006b, p. 12).

Se o cuidado de si perpassa o pensamento de todos esses filósofos, em que ponto

seu apagamento se deu? Foucault chama esse ponto de “momento cartesiano”. Foucault explica que na Antiguidade, ter acesso à verdade e a prática da espiritualidade sempre caminharam juntos e que isso se quebra na era moderna a partir do momento em que a verdade se equipara a ter conhecimento, o que se estabelece a partir de Descartes. Esse é o “momento cartesiano” apontado por Foucault. Ou seja, a verdade, nos dias de hoje, é aquilo que a ciência postula. Isso, segundo Foucault, denota uma outra era nas relações entre a subjetividade e a verdade. Para Foucault, o conhecimento apenas não basta para chegar à verdade. O sujeito precisa entender-se como um ser em mudança, em construção, para chegar à verdade.

Michel Foucault escreve o texto *A Escrita de Si* em fevereiro de 1983. Nele, Foucault volta aos costumes dos gregos e romanos do Império e aos dos cristãos do início do Cristianismo para observar como a prática da escrita de si, por meio das verdades escritas, constrói a subjetivação do sujeito. Ao abordar esta prática no passado, observou-se que ela se dava por técnicas de escrita em cadernos de anotações (hupomnêmata) e nas correspondências (cartas).

Assim, Foucault analisa cadernos de anotações e correspondências de importantes filósofos e cristãos, que buscaram construir uma vida ascética para obterem o corpo e a alma elevados. Ele começa pela obra de Atanásio (nos primeiros anos d.C.) que vai contar a vida de Santo Antão, como ele praticava a ascese⁴ baseada no Cristianismo, para expiação dos pecados e purificação da alma e do corpo. Apresenta, também, nesta linha, textos do monge Cassiano de Marselha.

Foucault inicia o texto citando a obra *A Vita Antonii*, de Atanásio de Alexandria (um dos textos mais antigos do Cristianismo), justamente para apresentar os aspectos para se ter uma vida ascética. Como ele mesmo diz no texto: anotações escritas das ações e pensamentos.

Atanásio foi um teólogo cristão, considerado um dos patriarcas da igreja, que defendia o trinitarismo (pai – filho – espírito santo são uma só pessoa) contra o arianismo (Ário pregava que Deus era um e Jesus era seu filho, não sendo eles uma pessoa só). Esta sua obra conta a vida de Santo Antônio (em português, para não

⁴ Palavra que deriva do termo grego “áskesis”, que significa exercício ou treinamento espiritual. Na filosofia grega, “na concepção clássica, conjunto de normas práticas de conduta que, com rigorosa disciplina e abstenção de qualquer autoindulgência quanto aos prazeres do corpo e do espírito, possibilitaram alcançar o fortalecimento intelectual na busca da verdade, de forma a atingir o ideal grego de perfeição”. (Ascese, Michaelis, 2023) Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/ascese/>. Acesso em: 10 jul. 2023.

confundir os dois santos Antônios, resolveram chamá-lo de Santo Antão) por ter desenvolvido uma vida ascética na Igreja.

Esta vida ascética, no Cristianismo, consistia em um conjunto de ações rígidas, comportamentos disciplinados e controlados que eram receitados aos fiéis para que se obtivesse uma vida santa. E a ascese, no Cristianismo, aparece ligada à anacorese, que significa retirada, fuga do mundo, afastamento, para autoanálise, para se afastar de vícios, já que sozinho, pelas próprias forças, não se consegue resistir.

Neste ponto, a escrita de si é uma companheira contra a solidão, porém, também tem um papel parecido com o ato confessional ao padre. Como relata Cassiano (monge do século 4 que vivia em um mosteiro perto de Marselha, cujo conjunto da obra é composto por livros que orientavam o asceta a combater os vícios), a escrita de si não deve ocultar nada, há de ser a escrita mais fidedigna possível de seus atos e pensamentos, pois ela funciona como uma arma para dissipar as tentações do inimigo.

Ao estudar esse texto, Foucault percebe que antes mesmo dos cristãos, os gregos e romanos dos impérios já utilizavam essa prática da escrita de si como recurso para uma vida plena, porém com valores e intenções diferentes. Foram os casos de Sêneca (filósofo estoico, célebre advogado, escritor e intelectual do Império Romano, nascido em 4 a.C.), Plutarco (historiador grego do séc. 1 d.C.), Marco Aurélio (imperador romano do séc. 2 d.C.), Epiteto (filósofo grego do séc. 2 d.C.). Para eles não se podia aprender a arte de viver sem passar por um treinamento com variadas técnicas, dentre elas, a escrita de si, como prática de meditação à ação: “não se pode mais aprender a arte de viver, a *technê tou bíou*, sem uma *askêsis* que deve ser compreendida como um treino de si por si mesmo” (Foucault, 2017, p. 146).

Plutarco aponta como uma das funções da escrita de si, a etopoiética, ou seja, ao escrever, o indivíduo vai construindo verdades e assim, formando seu êthos (seu ser, seu caráter). Foucault aponta que:

essa escrita etopoiética, tal como aparece em documentos dos séculos I e II, parece estar localizada no exterior das duas formas já conhecidas e utilizadas para outros fins: os hupomnêmata e a correspondência. (Foucault, 2017, p. 147).

Essa escrita como forma de construção da própria identidade aparece nos famosos cadernos gregos dos séculos I e II d.C.: os hupomnêmata e as correspondências. Hupomnêmata são como cadernos de anotações para diversas finalidades, entre elas, um

guia de conduta para uma vida correta, saudável, feliz. Como relata Foucault, o senador romano Fundamus pede conselhos a Plutarco e recebe o caderno de anotações com ensinamentos sobre a tranquilidade da alma.

Trata-se de constituir um *logos bioêthikos*, um equipamento de discursos auxiliares, capazes – como diz Plutarco – de levantar eles mesmos a voz e de fazer calar as paixões como um dono que, com uma palavra, acalma o rosar dos cães. (Foucault, 2017, p. 148)

Os *hupomnêmata* eram cadernos diferentes de diários. Neles estavam contidos apontamentos de tudo que se ouvia e lia com a finalidade de refletir sobre estes ensinamentos e praticá-los, construindo, assim, sua subjetividade. Era um hábito voltar-se para o próprio interior e escrever esses discursos de cuidados de si.

Para Sêneca, “o papel da escrita é constituir, com tudo o que a leitura constituiu, um ‘corpo’ – *quicquid !ectione collectum est, stilus redigat in corpus*”. E Foucault ressalta

que é preciso compreender esse corpo não como um corpo de doutrina, mas sim – segundo a metáfora da digestão, tão frequentemente evocada – como o próprio corpo daquele que, transcrevendo suas leituras, delas se apropriou e fez sua a verdade delas: a escrita transforma a coisa vista ou ouvida “em forças e em sangue”- *in vires in sanguinem*. Ela se torna no próprio escritor um princípio de ação racional. (Foucault, 2017, p. 152).

Para Foucault, não só os cadernos de anotações, com a escrita de si, podem construir subjetividades, mas também quando se escreve para o outro, as chamadas correspondências. A carta age sobre quem a escreve e sobre quem a lê. Epicuro (filósofo grego nascido em 341 a.C.) mostra essa dupla função em seus textos quando relata a troca de correspondência entre o mestre e seu discípulo, bem como Sêneca que acreditava nessa via de mão dupla: para ele quem ensina por meio da escrita de si, se instrui, é um movimento de inspecionar a si mesmo.

Outro filósofo, Demétrio (de Corinto, que vivia em Roma no séc. 1 d.C.), amigo de Sêneca, analisando o texto epistolar, diz que este deve ser escrito revelando a alma.

Logo em seguida, Foucault analisa os textos dos filósofos gregos e romanos que viveram antes e depois da Era Cristã e apresenta a diferença de procedimento e intenção da ascese cristã/confessional para a ascese praticada pelos gregos e romanos do Império. Ao analisar os textos de Sêneca, Plutarco, Demétrio, Marco Aurélio, entre outros,

Michel Foucault conclui que a escrita de si é uma importante ferramenta para a constituição da subjetivação do sujeito, pois ao escrever, o indivíduo vai construindo verdades e assim, formando seu êthos (seu ser, seu caráter), a etopoiética.

A escrita de si para Foucault era o ato de inserir-se no mundo, em uma rede infinita de poderes, lutando contra determinadas formas de veridicção. O pensamento foucaultiano enxerga o ato de escrever como um ato de transformação em quem escreve, surgindo daí um novo sujeito, com novas verdades.

O objeto de estudo de Foucault que perpassa toda sua obra é o sujeito, como este se constitui historicamente e quem é esse sujeito hoje. Para Foucault, o sujeito se constitui, se molda e se renova em seu discurso, em sua escrita, tanto que sua pergunta é: "Qual é esta linguagem que pode ser voltada contra nós, e que nós podemos voltar contra nós mesmos?" (FOUCAULT, 2006, p. 94 apud RAMOS DO Ó; AQUINO, 2014, p. 201).

Foucault destaca os três eixos temáticos que teriam constituído suas investidas: a história do pensamento, a história das mentalidades e a das representações.

Os escritos de Foucault foram sempre em torno de uma criticidade e questionamento das verdades impostas existentes, por isso propõe: substituir a história dos conhecimentos pela análise histórica das formas de veridicção, substituir a história das dominações pela análise histórica dos procedimentos de governamentalidade, substituir a teoria do sujeito ou a história da subjetividade pela análise histórica da pragmática de si e das formas que ela adquiriu: "eis as diferentes vias de acesso pelas quais procurei precisar um pouco a possibilidade de uma história do que se poderia chamar de 'experiências'" (Foucault, 2010d, p. 6-7 apud Ramos Do Ó; Aquino, 2014, p. 202).

Foucault elege estudar a loucura, a criminalidade e a sexualidade – todas elas tidas, por ele, como indiscutíveis focos de experiência do presente. Para Foucault, escrever era operação de alteração do que se pensa e, acima de tudo, do que se é. A escrita nos permite verificar os efeitos que causa em nossa subjetivação e como vai ocorrendo a transformação desse sujeito. A escrita para ele seria um modo de existência:

[...] meus livros são, para mim, experiências, em um sentido que gostaria o mais pleno possível. Uma experiência é qualquer coisa de que se sai transformado. Se eu tivesse de escrever um livro para comunicar o que já penso, antes de começar a escrevê-lo, não teria jamais a coragem de empreendê-lo. [...] Sou um experimentador no sentido em que escrevo para mudar a mim mesmo e não mais pensar

na mesma coisa de antes (Foucault, 2010a, p. 289-290 apud Ramos Do Ó; Aquino, 2014, p. 203).

Foi na Suécia, durante a longa noite sueca, que peguei a mania e o mau hábito de escrever de cinco a seis horas por dia... Saí da França como uma espécie de turista inútil e supérfluo. Continuo me sentindo inútil, mas com a diferença de que não sou mais turista. Hoje, estou cravado no meu escritório (Foucault, 2011b, p. 158 apud Ramos Do Ó; Aquino, 2014, p. 205).

O que inquietava e instigava Foucault era tentar entender qual a finalidade das palavras, da escrita, do discurso, por isso sua pergunta seguia na direção de analisar as coisas ditas, mas na medida em que são coisas, ou seja, para ele o discurso é ação, fabricando os seres e os objetos. Foucault entendia que a linguagem constitui o mundo, não se limitando à mera função ideológica. Desta maneira, sustentou que os seus escritos eram fragmentos de autobiografia. Suas palavras podiam então assumir um tom confessional.

Portanto, em *História da Loucura*, seu objeto de estudo era compreender uma dinâmica relacional tensa e dramática entre o que se passava entre médicos e doentes “através dos muros, das regras, dos hábitos, dos constrangimentos, das coerções, das violências” (Foucault, 2010f, p. 156 apud Ramos Do Ó; Aquino, 2014, p. 207).

Ele questiona também o discurso científico tido como verdade absoluta, pois ao analisar o relacionamento entre médicos e pacientes, percebeu que o que sobressaía, embora tratado como científico, era “não mais do que um relacionamento muito estranho [...] de luta, de afrontamento, de agressividade” (Foucault, 2010f, p. 156 apud Ramos Do Ó; Aquino, 2014, p. 207).

Precisamos nos desfazer de “nossas familiaridades e olhar de maneira diferente as mesmas coisas; uma paixão de apreender o que se passa; nos separamos daquilo que é adquirido como verdadeiro, e buscamos outras regras de jogo” (Foucault, 2000a, p. 305 apud Ramos Do Ó; Aquino, 2014, p. 209).

Foucault questiona a hierarquia universitária: “não deveria haver, por um lado, essa formação à qual nos submetemos e, por outro, essa informação à qual se é submisso” (Foucault, 2000a, p. 305 apud Ramos Do Ó; Aquino, 2014, p. 210), pois a estrutura do saber se tornou pública. Todo mundo tem o saber, o que acontece é que ele não é o mesmo sempre, por isso não há os ignorantes de um lado e os eruditos do outro.

A escrita de Foucault era em rede, seus livros se cruzavam incessantemente entre si, sempre com questionamentos em que um livro se apoiava sobre o outro, mas sem uma continuidade linear.

Para Foucault, o ofício da escrita o envolvia como se estivesse em uma obra de arte. Dizia ser inteiramente prazerosa e doce para si – de desnudar, um após outro, os episódios singulares e bizarros da grande fábula do mundo, “tinha um enorme desejo em encontrar uma via alternativa a essa atividade de colocar palavras no papel, que considerava demasiado fechada, solene e redobrada sobre si mesma” (Foucault, 2006, p. 81 apud Ramos Do Ó; Aquino, 2014, p. 213).

Para Foucault o homem é uma invenção do saber construído na viragem do século XVIII para XIX. Pesquisar nada mais é do que a prática perpétua de desdobramento de si.

O projeto foucaultiano, como ele próprio também o reconhecia desde os anos 1970, foi sempre o de interrogar tudo aquilo que se apresenta como verdade atemporal, se propor ensinamentos em relação a determinada prática ou forma de organização da vida humana, tinha apenas o desejo de questionar o território social em que o seu próprio discurso se dispersava.

Após finalizar um livro, Foucault tinha a intenção de que aquela escrita de si, em que reflete e expõe suas verdades, o levava a ser outro, a não pensar a mesma coisa que antes pensava. Para ele, a prática da escrita traduzia uma dinâmica de articulação social que mesmo fazendo inteiramente só, servia para outro que lendo, ultrapassaria as verdades ali e construiria a sua própria visão da realidade. Por isso, procurava escrever coisas que pudessem ser utilizadas por pessoas diferentes e nos mais variados lugares.

Ele entendia que o papel de quem escreve seria o de “lutar contra as formas de poder ali onde ele é, ao mesmo tempo, o objeto e o instrumento disso: na ordem do ‘saber’, da ‘verdade’, da ‘consciência’, do ‘discurso’” (Foucault, 2003f, p. 39 apud Ramos Do Ó; Aquino, 2014, p. 220-21).

Foucault (2004c, p. 44 apud Ramos Do Ó; Aquino, 2014, p. 222), aponta como questão imprescindível: “quais são as relações de poder às quais estamos presos e nas quais a própria filosofia, pelo menos há 150 anos, está paralisada?”

Escrever era se transformar, por isso ele diz que vários como ele “escrevem para não ter mais um rosto. Não me pergunte quem sou e não me diga para permanecer o mesmo: é uma moral de estado civil; ela rege nossos papéis. Que ela nos deixe livre quando se trata de escrever”. (Foucault, 1987a, p. 20 apud Ramos Do Ó; Aquino, 2014, p. 222).

Foucault insistiu na premissa segundo a qual o eu não nos é dado e que, dessa evidência fundamental, poder-se-ia deduzir também a consequência prática mais

decisiva: a da autocriação como obra de arte. A ética da existência foucaultiana – sempre apresentada como “a prática refletida da liberdade” (Foucault, 2004b, p. 267 apud Ramos Do Ó; Aquino, 2014, p. 225) e “se eu luto por tal questão ou por tal outra, eu o faço porque, de fato, essa luta é importante para mim, em minha subjetividade” (Foucault, 2002, p. 344 apud Ramos Do Ó; Aquino, 2014, p. 226).

Na “Escrita de si”, Michel Foucault nos fala sobre uma forma de escrita de si chamada hupomnêmata, já mencionado anteriormente. Em sua definição mais simples, hupomnêmata é um caderno, ou uma espécie de diário para os gregos antigos, ou cadernos de anotações para diversas finalidades, entre elas, um guia de conduta para uma vida correta, saudável, feliz. No entanto, ao contrário dos diários íntimos e confessionais que mais tarde seriam encontrados na literatura cristã, o hupomnêmata pretende “o indizível, não de revelar o oculto, não de dizer o não-dito, mas de captar, pelo contrário, o já dito; reunir o que se pôde ouvir ou ler, e isso com uma finalidade que nada mais é que a constituição de si” (Foucault, 2017, p. 149). A constituição do hupomnêmata é a constituição de si, ou como Foucault afirma, o hupomnêmata é uma ferramenta com a qual os gregos praticavam o conceito de “epimeleia heautou” ou “cuidado de si”.

Ao explicar como pretendia colocar em prática seu projeto de perfeição moral, Franklin (1963, p. 81-82) adota algo como o hupomnêmata, um caderno de anotações com frases e trechos de outrem que lhe serviriam de inspiração para se ressignificar como sujeito em novos modos de existência:

Concebendo então que, de acordo com o conselho de Pitágoras em seus Versos de Ouro, seria necessário exame diário, idealizei o seguinte método para a realização desse exame. Fiz um pequeno livro, no qual destinei uma página a cada uma das virtudes. Risquei cada página com tinta vermelha, de modo a ter sete colunas, uma para cada dia da semana, marcando cada coluna com a letra correspondente ao dia. [...] Meu pequeno livro tinha como mote estes versos do “Catão” de Addison: “Aqui eu me firmo. Se existe um poder acima de nós (E que existe toda a natureza clama através de Todas as suas obras), Ele deve encontrar prazer na virtude; E aquilo que lhe dá prazer deve ser feliz.” [...] Outro, dos Provérbios de Salomão, falando da sabedoria ou virtude: “Na mão direita ela sustenta uma longa vida, Na esquerda, riqueza e glória. Seus caminhos estão semeados de delícias. Suas veredas são pacíficas”.

O hupomnêmata é uma ferramenta com a qual se sintetiza as coisas que se ouviu ou se leu para criar um novo eu. Foucault inclusive aponta que é a própria alma que deve ser constituída no que se escreve (Foucault, 2017). Ao escrever os hupomnêmata,

o escritor assimila o que aprendeu e o processa na criação de um novo indivíduo. O resultado não é simplesmente uma mistura do que foi aprendido, mas um novo todo completamente integrado. Foucault usa a metáfora do coro para explicar esse fenômeno em que não se ouvem as vozes individuais, mas sim as vozes de todos juntos:

“Nenhuma voz individual pode nele se distinguir; somente o conjunto se impõe ao ouvido. [...] Gostaria que fosse assim com nossa alma, que ela tivesse boa provisão de conhecimentos, preceitos, exemplos retirados de muitas épocas, mas convergindo em uma unidade.” (Foucault, 2017, p. 153)

Sendo assim, cada novo aprendizado acrescenta ao coro, mas sua voz é indistinguível das outras vozes que compõem o sujeito. O hupomnêmata seria então uma forma de aglutinar esses enunciados dispersos, pois ao exercitar a escrita de si novas verdades vão sendo construídas e, assim, diferentes subjetivações. As coisas ouvidas ou aprendidas que o sujeito adquiriu ao longo do tempo, que originalmente eram distintas e separadas, agora se transformam em uma voz unificada. A escrita do hupomnêmata é, portanto, a constituição do sujeito.

O hupomnêmata é uma maneira de colocar em ação o que se aprendeu e se leu. Sem tomar notas, a mente é facilmente distraída. O hupomnêmata permite que o sujeito retenha informações importantes, que podem posteriormente ser expandidas ou revisadas. Sem essa ferramenta, as coisas que o sujeito lia ou aprendia ficariam espalhadas e não seriam facilmente retidas. “A escrita dos hupomnêmata se opõe a essa dispersão quando os elementos adquiridos e constituindo de qualquer forma com eles ‘o passado’, em direção ao qual é sempre possível retomar e se afastar” (Foucault, 2017, p. 150).

Um hupomnêmata escrito sobre um determinado assunto pode ser revisitado repetidamente. O sujeito escritor/autor não precisa manter tudo o que está no hupomnêmata em mente o tempo todo, porque sempre que surgirem as questões lá levantadas, ele pode simplesmente voltar ao hupomnêmata para obter o conselho que foi escrito em alguma data anterior. Foucault exemplifica essa condição usando Plutarco que, diante de uma necessidade pontual em que Fundamus lhe pede conselhos sobre a tranquilidade da alma, Plutarco então envia a Fundamus o hupomnêmata que havia escrito sobre o tema. Esse aspecto é interessante ao se pensar que os hupomnêmata poderiam servir não somente ao cuidado de si próprio, mas também ao cuidado do outro.

Essa forma de escrita de si é diferente da maioria das formas de escrita de si praticadas hoje. A narrativa desempenha um papel muito mais proeminente na escrita

de si contemporânea do que para os hupomnêmata dos gregos antigos, que eram escritos como uma ferramenta que o escritor poderia usar ativamente sempre que surgisse a necessidade.

O gênero contemporâneo da autobiografia oferece um comparativo interessante com os hupomnêmata como forma de escrita de si. De muitas maneiras, a *Autobiografia* de Benjamin Franklin é um protótipo inicial para o gênero de autobiografia que é comum hoje. No entanto, o próprio Franklin se referiu a sua escrita como um livro de memórias, não uma autobiografia, mesmo porque o termo ainda não havia surgido. Segundo Lejeune (1973 apud Moisés, 2004, p. 46) autobiografia define-se como “narração retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz da sua própria existência, uma vez que põe ênfase na sua vida individual, em particular a história da sua personalidade”, ou seja, são relatos da vida do indivíduo a partir de seu próprio ponto de vista. Dessa forma, a *Autobiografia* de Franklin traz sua escrita e podemos afirmar que está ligada ao gênero textual autobiográfico, na visão contemporânea apesar de ter aparecido antes da primeira vez em que se tem notícia do uso do termo em si, que data de 1800.

Sua *Autobiografia* proporciona as lentes pelas quais a juventude de Franklin, bem como suas realizações na política, na filosofia e na literatura são vistas, pois elas tanto apresentam detalhes interessantes da vida de um dos pais fundadores da nação americana, como também apresentam a forma como uma pessoa pública pode ser moldada por meio da palavra escrita. Portanto, Franklin descreve muitos motivos para escrever a *Autobiografia*, tanto pessoais quanto políticos, a ponto de afirmar que “escrever prosa tem sido de grande utilidade para mim no decorrer da vida e foi o principal meio de meu progresso” (Franklin, 1963, p. 13).

Ele menciona seu gosto pela leitura e como os autores lidos, entre eles Plutarco, foram importantes para forjar seu estilo como esquireitor, bem como a forma como se constituiu como sujeito. Nesse sentido, é notável a aproximação de sua *Autobiografia* com os hupomnêmatas. Franklin narra sua vida, mas ao mesmo tempo registra autores e fragmentos, leituras, coisas ditas e ouvidas que foram importantes em sua trajetória e na forma como foi se constituindo como sujeito.

Corazza (2007) aponta que a prática da esquireitura envolve a concepção de um texto que se baseia na colaboração ativa entre o leitor e o escritor, resultando em um exercício de pensamento multifacetado. A essência da esquireitura reside na ideia de que os textos são como portas abertas, permitindo que o sujeito que os interpreta contribua com suas próprias perspectivas e influências, criando uma variedade de interpretações

entrelaçadas com a experiência da vida. Através da escrita, o ato de escrever se transforma em uma jornada dinâmica de auto reinvenção, em que o autor se enriquece e se desenvolve ao longo do processo criativo. Ao escrever, o indivíduo ressignifica seus modos de existência e pode, ao mesmo tempo, ressignificar os modos de existência de outrem.

Conforme aponta Pimenta (2020, p. 109), “as práticas de ler e de escrever são tomadas como ações criadoras de sentidos diferentes e singulares, para cada leitor-escritor, em seus processos de subjetivação, bem como, exercem importantes funções sociais, culturais, comunitárias e políticas”. Foucault (2014d, p. 269), por sua vez, ao escrever sobre a ética de si, destaca seu interesse sobre a “maneira com a qual o sujeito se constitui de uma maneira ativa, através das práticas de si”. Nesse sentido, a escrita constitui uma prática de si a partir de um olhar foucaultiano.

O ato da escrita vai nos constituindo a ponto de Foucault ressaltar que a escrita, “não se trata de manifestação ou da exaltação do gesto de escrever; não se trata da amarração de um sujeito em uma linguagem; trata-se da abertura de um espaço onde o sujeito que escreve não para de desaparecer”. (Foucault, 2001b, p. 268 apud Ramos Do Ó; Aquino, 2014, p. 209)

Como escrita da modernidade, outros aspectos também motivam a obra de Franklin que vão diferenciá-los daqueles pelos quais os gregos escreviam os *hupomnêmata*. As razões de Franklin para escrever sua *Autobiografia* também têm semelhança com aquelas que as pessoas mais bem-sucedidas da sociedade contemporânea dariam para escrever uma autobiografia: a de servir como modelo para outros. E isso está presente na *Autobiografia*. Vale dizer que quase todo americano em idade escolar a lerá.

A *Autobiografia* de Franklin foi concebida como uma ferramenta para seu próprio cuidado de si, mas também como um guia para o cuidado de si que servisse de modelo para os outros:

Tendo-me elevado, da pobreza e obscuridade em que nasci e fui criado, a uma situação de prosperidade e certo grau de reputação no mundo, e tendo passado a vida até agora com considerável parcela de felicidade, é possível que a posteridade queira conhecer os meios a que recorri, os quais com a bênção de Deus tão bons resultados deram, pois talvez ache alguns deles adequados à sua própria situação e, portanto, dignos de ser imitados. (Franklin, 1963, p. 3)

A *Autobiografia* documenta as maneiras pelas quais Franklin cuidou de si

mesmo ao longo de sua vida, seus sucessos e fracassos, e seu intento de que ela também servisse a outrem como forma de alcançar prosperidade e os bons resultados de vida experimentados por Franklin.

Talvez o maior exemplo disso seja seu modelo para atingir a perfeição moral. Nele, as treze virtudes eleitas por Franklin e a forma como ele define cada uma delas demonstram uma busca pelo equilíbrio das paixões e a aquisição do hábito de todas elas no seu cotidiano a fim de atingir um estado moral perfeito. Aqui se observa uma semelhança muito grande quando se consideram os objetivos dos hupomnêmata, como visto acima com Plutarco.

Por outro lado, Franklin também acredita que sua *Autobiografia* será útil para a posteridade, porque as gerações futuras poderão ler sobre os meios pelos quais Franklin conseguiu sair da pobreza para a riqueza e “podem achar alguns deles adequados às suas próprias situações e, portanto, passíveis de imitação” (Franklin, 1963, p. 10). Portanto, enquanto o hupomnêmata era escrito como forma de cuidado de si, a *Autobiografia* de Franklin certamente inclui esse aspecto, mas também parece ter sido escrita para o cuidado dos outros. O hupomnêmata pode ser dado a outra pessoa pelo escritor, como Plutarco fez para Fundamus, mas o objetivo principal do hupomnêmata é cuidar de si mesmo. Embora Franklin descreva sua maneira de cuidar de si em sua *Autobiografia*, ela não é somente um instrumento para o cuidado de si. Franklin escreve a *Autobiografia* para se ajudar a processar, reter, assimilar, organizar ou compreender as coisas que aprendeu durante sua vida. Mas ele também a escreve como uma narrativa de um exemplo de vida que é “adequado para ser imitado” por outros.

Diante disso, podemos concluir que a autobiografia, assim como representado na *Autobiografia* de Franklin, constitui uma versão atualizada do hupomnêmata utilizado pelos gregos, que guarda fortes pontos comuns, mas também diferenças que atendem a uma época marcada pela busca de modelos a seguir na vida.

A *Autobiografia* de Benjamin Franklin é uma poderosa ferramenta da “escrita de si”, que era uma das relevantes técnicas usadas nos primeiros séculos da era cristã.

A escrita constitui uma etapa essencial no processo para o qual tende toda a askesis: a saber, a elaboração dos discursos recebidos e reconhecidos como verdadeiros em princípios racionais de ação. Como elemento do treino de si, a escrita tem, para utilizar uma expressão que se encontra em Plutarco, uma função etopoiética: é um operador da transformação da verdade em êthos (Foucault, 2017, p. 144).

A “escrita de si” era um importante exercício pessoal do pensamento tanto para os gregos quanto para os romanos. Escrever sobre si funcionava como um censor aos maus pensamentos. Segundo Moisés,

como assinala a etimologia, trata de uma biografia, ou história de uma vida, que o próprio autor elabora. Por outras palavras, define-se como a “narração retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, uma vez que põe ênfase na sua vida individual, em particular a história de sua personalidade. (...) Não obstante o anseio de autoconhecimento seja tão remoto quanto o lema inscrito no templo de Delfos (“Conhece-te a ti mesmo”), a autobiografia somente emerge no século XVIII graças a Rousseau e às suas Confissões (1782, 1789). (...) Difícil traçar o limite exato entre a autobiografia, as memórias, o diário íntimo e as confissões, visto conterem, cada qual a seu modo, o mesmo extravasamento do “eu”. (Lejeune, 1973, p. 138; 1975, p. 14 apud Moisés, 2004, p. 46).

Ao conter em seus escritos o extravasamento do eu, a autobiografia apresenta uma forma de texto confessional, pois escrever sobre si traz um tom verídico ao relato sobre a própria vida. É preciso ter um conhecimento profundo sobre si mesmo para escrever uma autobiografia. Características apresentadas neste gênero literário exigem simplicidade, humildade, clareza nos fatos narrados, pois pode comprometer-se em um texto falso para consigo mesmo e cair no descrédito perante os possíveis leitores.

A “escrita de si” é um trabalho de construção das próprias experiências de vida, com grande valor filosófico, portanto, trata-se de um gênero notável para tratarmos do exercício ético do “cuidado de si”, como pode ser observado no trecho abaixo da Autobiografia (Franklin, 1963, p. 53-54) em que Franklin vai esclarecer como se tornou um deísta, indicando como a leitura o ajudara a ressignificar-se:

Antes de passar a falar em meu aparecimento público no comércio, talvez convenha pô-lo a par de meu estado de espírito naquela época no que se refere a meus princípios e minha moral, para que você veja quanto eles influenciaram os acontecimentos posteriores de minha vida. Meus pais cedo me deram ensinamento religioso e durante toda a infância educaram-me piedosamente à maneira não-conformista. Todavia, eu mal tinha quinze anos quando, após ter duvidado sucessivamente de vários pontos, à medida que os via refutados em diferentes livros que lia, comecei a duvidar da própria Revelação.

Traduzida para mais de quatorze línguas e reimpressa frequentemente em Língua Inglesa, a célebre *Autobiografia* de Benjamin Franklin foi publicada pela primeira vez em 1791, marcando seu status como um importante homem de estado, como cientista e escritor dos Estados Unidos no século XVIII. A *Autobiografia* de

Benjamin Franklin oferece uma perspectiva única sobre a juventude do autor e sobre suas conquistas nas áreas da política, da filosofia e da literatura ao longo da vida. Por meio dela, somos apresentados a detalhes fascinantes da vida de um dos pais fundadores dos Estados Unidos, enquanto também testemunhamos como a palavra escrita pode moldar a imagem de uma figura pública. A obra não apenas revela informações intrigantes sobre a vida de Franklin, mas também demonstra como sua escrita de si influencia sua imagem perante a sociedade e por ela também é moldado.

Seu estilo como ensaísta foi construído por imitação:

Ele imitava o estilo dos periódicos ingleses como *The Spectator* e das baladas populares. Franklin foi sem dúvida influenciado em sua criação e desenvolvimento de personagens literários, seu discurso e suas experiências pelas obras *Vidas*, de Plutarco, e *O Peregrino*, de John Bunyan, e pelas numerosas narrativas de Daniel Defoe, que Franklin menciona ter lido em sua juventude. (Lauter, 2006, p. 805 – tradução nossa)

Franklin lia matérias de periódicos, como *The Spectator*, e fazia curtas sugestões das ideias contidas em cada sentença. Depois de alguns dias, voltava para estas anotações e reescrevia os artigos com suas palavras, mas procurando manter as ideias originais. Em seguida, comparava seus escritos aos originais, identificando e corrigindo possíveis falhas. Sua escrita desenvolvia-se pela leitura.

Desde criança gostei de ler, e todo o pouco dinheiro que me caía nas mãos era gasto em livros. (...) A pequena biblioteca de meu pai era formada principalmente de livros de teologia polêmica, dos quais li a maior parte. (...) Havia as “*Vidas*” de Plutarco que li bastante e ainda penso que o tempo gasto nisso foi de grande valor (...) e que exerceu influência em alguns dos principais acontecimentos futuros de minha vida. (Franklin, 1963, p. 12)

A inclinação livresca fez com que, aos doze anos de idade, Franklin se tornasse aprendiz de tipógrafo auxiliando o irmão em Boston. Sobre isso, Franklin observa que:

Agora tinha acesso a livros melhores. O conhecimento com aprendizes de livreiros permitia-me, às vezes, tomar emprestado um pequeno livro, que eu tinha o cuidado de devolver logo e limpo. Muitas vezes, ficava sentado em meu quarto lendo durante a maior

parte da noite, quando o livro era emprestado à noitinha para ser devolvido às primeiras horas da manhã, a fim de não ser notada sua falta caso o procurassem. (Franklin, 1963, p. 12)

Aos poucos o então leitor foi se aventurando na escrita, tomando gosto por poesia e escrevendo alguns poemas e até mesmo baladas, comercializadas e popularizadas com a ajuda do irmão. Porém, reconhece que seu forte era a prosa: “Escrever prosa tem sido de grande utilidade para mim no decorrer da vida e foi o principal meio de meu progresso” (Franklin, 1963, p. 13).

Franklin é considerado o modelo mais genuíno do cidadão norte-americano a partir da independência dos Estados Unidos, ocorrida em 1776. Aposentou-se aos quarenta e dois anos de idade, tendo prosperado nos negócios, na vida pública e em sua vida pessoal. Ajudou a redigir a Declaração de Independência, a Constituição dos Estados Unidos, um Tratado de Aliança com a França, e tantos outros documentos de importância fulcral na história americana. Além disso, publicou outras obras de grande aceitação, como o já mencionado *O Almanaque do Pobre Ricardo*, repleto de conselhos morais. Em sua *Autobiografia*, Franklin exalta as virtudes para que se tenha uma vida equilibrada, prazerosa, destituída de paixões, assim como Foucault identifica ao examinar os escritos de Marco Aurélio, quando desenvolve suas ideias sobre o “cuidado de si”.

O cuidado de si exige planejamento, ação e disciplina para que novas verdades sejam constituídas e seu praticante tinha como principal objetivo a transformação de si por meio de “um conjunto preciso (e austero) de práticas e exercícios”,

um conjunto de técnicas (tecnologias do eu) que se exerce sobre si mesmo com o fim último da transformação, da modificação, da transfiguração de si. Práticas e exercícios que sugerem um labor, árduo e contínuo, persistente e interminável, a partir dos quais o indivíduo se constrói, paulatinamente, como sujeito. (Marcello; Fischer, 2014, p. 165)

Ao problematizar as técnicas de si, Foucault identifica algumas delas como sendo a direção de consciência, o exame de consciência, a concentração, o retiro, os exercícios de resistência, a meditação, a confissão, entre outras. No exame de consciência, por exemplo, o indivíduo objetivava controlar melhor os “movimentos involuntários da alma” e, assim, alcançar um melhor “equilíbrio”. Em outras palavras,

o cuidado de si tem a ver com controlar as paixões que impedem os indivíduos de progredirem no aperfeiçoamento moral.

Quando se examina a *Autobiografia* de Franklin, é notável a forma como ele enxerga essa necessidade no seu projeto de vida:

Foi mais ou menos nessa época que concebi o ousado e árduo projeto de chegar à perfeição moral. Desejava viver sem cometer falta alguma em tempo algum. Eu dominaria tudo quanto a inclinação natural, o costume ou a companhia pudessem levar-me a fazer. (...) Incluí sob treze nomes de virtudes tudo quanto na ocasião me ocorreu como necessário ou desejável e juntei a cada um deles um curto preceito, que expressava plenamente a extensão dada por mim à sua significação.

Esses nomes de virtudes, com seus preceitos, foram:

1 – TEMPERANÇA

Não comas até o entorpecimento; não bebas até a exaltação.

2 – SILÊNCIO

Não fales senão o que possa beneficiar aos outros ou a ti; evita conversa frívola.

3 – ORDEM

Que todas as tuas coisas tenham seus lugares; que cada parte da tua atividade tenha seu tempo.

4 – RESOLUÇÃO

Resolve realizar o que deves; realiza sem faltar com o que resolveste.

5 – FRUGALIDADE

Não faças despesa alguma a não ser para o bem de outros ou de ti; isto é, não desperdices coisa alguma.

6 – DILIGÊNCIA

Não percas tempo; emprega-o sempre em algo útil; suprima todas as ações desnecessárias.

7 – SINCERIDADE

Não uses ardis lesivos; pensa com inocência e justiça, e, se falares, fala do mesmo modo.

8 – JUSTIÇA

Não prejudiques ninguém fazendo o mal ou omitindo os benefícios que são de teu dever.

9 – MODERAÇÃO

Evita os extremos; não te ofendas com injúrias mesmo quando pensas que as mereces.

10 – LIMPEZA

Não tolere falta de limpeza no corpo, nas roupas ou na habitação.

11 – TRANQUILIDADE

Não te deixes perturbar por ninharias ou por acidentes comuns ou inevitáveis.

12 – CASTIDADE

Usa raramente dos prazeres carnavais, apenas por motivo de saúde ou reprodução, nunca até o entorpecimento, à fraqueza ou em prejuízo da tua própria paz ou reputação de outrem.

13 – HUMILDADE

Imita Jesus e Sócrates. (Franklin, 1963, p. 77-79)

As virtudes eleitas por Franklin e a forma como ele define cada uma delas demonstram uma busca pelo equilíbrio que vai muito além das pulsões condenadas pela ética protestante, mais relacionadas aos pecados como a gula, a luxúria. As virtudes eleitas apontam para um Franklin muito mais imbuído do espírito de ser uma pessoa melhor consigo mesmo e com o outro ao propor a ascese diária para a aquisição do hábito de todas elas no seu cotidiano a fim de atingir um estado moral perfeito. Ou seja, Franklin parece almejar superar a ética protestante do disciplinamento para controle social, preferindo criar para si meios de atingir outras camadas de subjetivação e verdade. A ordenação das virtudes é proposital. Conforme elabora Franklin, a temperança vem em primeiro, “pois tende a proporcionar aquela frieza e clareza de espírito, tão necessárias quando se deve manter constante vigilância e ficar de guarda contra a incessante atração de hábitos antigos e a força de perpétuas tentações” (Franklin, 1963, p. 79). Ou seja, uma vez adquirida e estabelecida a temperança, as outras virtudes seriam mais facilmente alcançadas.

O bom uso do tempo e a negação ao ócio, valores caros à ética protestante, podem ser observados na virtude da diligência, mas o silêncio, a ordem, a sinceridade, a justiça e a humildade parecem demonstrar um anseio pelo aperfeiçoamento pessoal na linha do *epiméleia heautoû* ou “cuidado de si”, conforme Foucault apresenta na *Hermenêutica do sujeito* (2006b, p. 7).

É importante destacar que a “castidade” é colocada em décimo segundo lugar, denotando uma dificuldade do autor com essa virtude, somente menor do que a busca da humildade, em que usa como referências Jesus e Sócrates.

Como já abordado anteriormente, o pensamento de Franklin sobre a castidade parece guardar um certo “moralismo puritano” típico do principal grupo formador colonial dos Estados Unidos e da ética protestante que permeava a sociedade da época (Garton, 2009). Porém, ao aconselhar o uso do sexo para a saúde, Franklin se mostra muito mais alinhado à mentalidade para além da ética protestante, bem como aos “códigos mais frouxos”, “gestos diretos, discursos sem vergonha, transgressões visíveis” apontadas por Foucault (1988, p. 9) logo no início do volume I de sua *História da Sexualidade. A vontade de saber*, ao escrever sobre como o código moral era mais flexível até o século XVIII e se enrijeceu no século XIX por conta do vitorianismo.

Muito embora não vejamos um Franklin tratando claramente sobre sua sexualidade ou de outrem, nas entrelinhas de suas práticas discursivas é possível enxergar um sujeito cuja ética de existência inclui também um olhar para a sexualidade

a partir do discurso médico (Porter; Teich, 1998, p. 107). É mais um exemplo do contorno à ética protestante ao ligar a ideia de sexualidade a algo natural e benéfico para o corpo, assim como já fizera com o incentivo à natação, como tratado também anteriormente.

Voltando à questão das virtudes se alinharem ao cuidado de si, conforme aponta Foucault (2004b, p. 60-61), Marco Aurélio demonstra essa preocupação em ocupar-se de si mesmo da mesma forma como a vemos em Franklin: “Não vagabundeia mais (...) apressa-te, pois, para o objetivo: dize adeus às esperanças vãs, acorre em tua própria ajuda se te lembras de ti mesmo, enquanto ainda é possível”.

É em Marco Aurélio que se encontra a mais clara formulação sobre o aperfeiçoamento das virtudes pessoais e é pelo exame de consciência e pela escrita de si que ele as põe em prática sob as suas formas mais gerais como, por exemplo, “conservar-se simples, puro, honesto, amigo da justiça, piedoso, afetuoso e firme na realização dos deveres” (Foucault, 2004b, p. 116).

O exame de consciência praticado por Marco Aurélio direciona-se à inspeção das tarefas concernentes ao dia. Ao amanhecer, ele passava em revista as atividades que deveriam ser realizadas durante o dia. Antes de dormir, novamente era empreendido um novo exame de si mesmo com o fim de inspecionar-se se havia cumprido com seus objetivos nas coisas que tinha que fazer. Fazendo essa inspeção, a memória do indivíduo era tida como um livro de jornada correspondente ao tempo transcorrido durante o dia que havia passado. Este exame da jornada passada permitia ao indivíduo fazer um balanço das atividades desenvolvidas durante o dia, comparando-as à maneira como foram realizadas e o modo segundo o qual foram planejadas ao início do dia.

A Figura 13 abaixo apresenta o plano de exame de consciência elaborado por Franklin (que segue o exemplo de Marco Aurélio) a fim de organizar seu tempo para a execução das atividades do dia.

Figura 13 – Plano de exame de consciência elaborado por Franklin como técnica de si.

<p>MANHÃ</p> <p><i>Pergunta: Que farei de bom neste dia?</i></p>	<p>{</p> <p>5</p> <p>6</p> <p>7</p> <p>8</p> <p>9</p> <p>10</p> <p>11</p> <p>}</p>	<p><u>Levantar-me, lavar-me e dizer Poderosa</u> <u>Bondade! Organizar as atividades do dia</u> <u>e tomar a resolução do dia:</u> <u>Realizar o presente estudo e tomar</u> <u>o desjejum.</u></p> <p><u>Trabalhar</u></p>
<p>MEIO-DIA</p>	<p>{</p> <p>12</p> <p>1</p> <p>2</p> <p>3</p> <p>4</p> <p>5</p> <p>6</p> <p>7</p> <p>8</p> <p>9</p> <p>10</p> <p>11</p> <p>12</p> <p>}</p>	<p><u>Ler ou examinar minhas contas</u> <u>e almoçar.</u></p> <p><u>Trabalhar</u></p> <p><u>Por as coisas em seus lugares.</u> <u>Jantar. Música ou diversão, ou</u> <u>conversação. Exame do dia.</u></p>
<p>NOITINHA</p> <p><i>Pergunta: Que fiz de bom hoje?</i></p>	<p>{</p> <p>1</p> <p>2</p> <p>3</p> <p>4</p> <p>}</p>	<p><u>Dormir</u></p>
<p>NOITE</p>		

Fonte: Franklin, 1963, p. 82-83.

Como observamos, esta era a mesma técnica de “cuidar de si” utilizada por Marco Aurélio, e Franklin tinha por objetivo estabelecer uma meta representada pela pergunta “Que farei de bom neste dia?” e, ao final do dia, era retomada por meio da pergunta “Que fiz de bom hoje?” como forma de direcionar e alcançar a almejada perfeição moral.

É digno de nota nesse plano diário de organização da rotina e das atividades como Franklin reserva um momento para “Música ou diversão, ou conversação” antes de concentrar-se no exame do dia, o que pode indicar uma vida privada mais agitada do que prescreveria a ética protestante.

Em seu projeto de perfeição moral, Franklin enumerou as virtudes a serem perseguidas e controladas de 1 a 13, algumas das quais diretamente relacionadas aos prazeres do corpo, como a temperança, a limpeza, a frugalidade e a castidade. Ao tratar dos prazeres, Foucault (2014, p. 136) aponta que eles parecem estar centrados “inteiramente sobre o corpo: seu estado, seus equilíbrios, suas afecções, as disposições

gerais ou passageiras em que se encontra aparecem como as variáveis principais que devem determinar as condutas”. Porém, Foucault (2004b, p. 136) também vê o papel da alma nesse campo:

De certa forma, é o corpo que faz a lei para o corpo. Contudo, a alma tem seu papel a desempenhar, e os médicos a fazem intervir: pois é ela que incessantemente se arrisca a levar o corpo além de sua mecânica própria e de suas necessidades elementares; é ela que incita a escolher momentos que não são apropriados, a agir em circunstâncias suspeitas, a contrariar as disposições naturais. Se os humanos têm necessidade de um regime que leve em conta, com tanta meticulosidade, todos os elementos da fisiologia, é porque eles tendem, incessantemente, a dele se afastar pelo efeito de suas imaginações, de suas paixões e de seus amores.

Ao elencar as virtudes do corpo – temperança, silêncio, frugalidade, limpeza, castidade – Franklin as equilibra com as virtudes da alma – sinceridade, justiça, tranquilidade, humildade – e, dessa forma, parece encarnar exatamente o conceito da alma racional de Foucault (2004b, p. 136), aquela que tem um duplo papel a desempenhar: ela terá que fixar para o corpo um regime que seja efetivamente determinado pela natureza do corpo, suas tensões, o estado e as circunstâncias em que se encontra; mas ela só poderá fixá-lo corretamente com a condição de ter operado sobre si mesma todo um trabalho: ter eliminado os erros, reduzido as imaginações, dominado os desejos que lhe fazem desconhecer a sóbria lei do corpo.

Em outras palavras, Franklin assume uma postura estoica como Ateneu, para quem “o que convém aos adultos é um regime completo da alma e do corpo. . . tratar de acalmar as próprias pulsões (*honnai*), e de fazer de forma que nossos desejos (*prothumiai*) não ultrapassem nossas próprias forças” (Foucault, 2004b, p. 137).

Essa purificação dos pensamentos em relação à sexualidade para domínio dos impulsos do corpo faz com que o “indivíduo se sujeite a uma certa arte de viver que define os critérios estéticos e éticos da existência (...) princípios universais (...) da razão, aos quais todos devem curvar-se (...)” (Foucault, 2004b, p. 72)

Ter domínio próprio é o que eleva a alma a trabalhar sobre si mesmo “através dos exercícios de abstinência e de domínio que constituem a *askesis* necessária, o lugar atribuído ao conhecimento de si” (Foucault, 2004b, p. 72). Assim, nessa rotina de disciplina pode-se testar seus limites; examinar-se torna-se mais importante: a tarefa de se pôr à prova, de se examinar, para colocar em xeque “a questão da verdade — da verdade do que se é, do que se faz e do que se é capaz de fazer — no cerne da

constituição do sujeito moral”.

Mas o que é moral para Foucault? No volume 2 da *História da Sexualidade - O Uso dos Prazeres*, Foucault define (1998, p. 26):

por “moral” entende-se um conjunto de valores e regras de ação propostas aos indivíduos e aos grupos por intermédio de aparelhos prescritivos diversos, como podem ser a família, as instituições educativas, as Igrejas, etc. Acontece dessas regras e valores serem bem explicitamente formulados numa doutrina coerente e num ensinamento explícito. Mas acontece também delas serem transmitidas de maneira difusa e, longe de formarem um conjunto sistemático, constituírem um jogo complexo de elementos que se compensam, se corrigem, se anulam em certos pontos, permitindo, assim, compromissos e escapatórias. Com essas reservas pode-se chamar “código moral” esse conjunto prescritivo. Porém, por “moral” entende-se igualmente o comportamento real dos indivíduos em relação às regras e valores que lhes são propostos.

Desse prisma, Foucault nos ajuda a entender o Franklin assujeitado ao código moral da ética protestante em que foi criado e que permeou a sociedade em que cresceu e viveu, bem como o sujeito Franklin que resistia a esse código com práticas mais liberais na vida privada, como a sua abordagem supostamente liberal da sexualidade e a forma como tratou seus relacionamentos mais íntimos (Isaacson, 2003).

Thomas A. Foster (2014, p. 21), autor de *Sex and the Founding Fathers: the American Quest for a Relatable Past*, dedica um capítulo inteiro “ao ‘vovô safado’ da nação cujos apetites sexuais desmentem uma divisão entre sexo e vida política”. Franklin teve um filho fora do casamento (na verdade, quando ainda não tinha casado), mas o criou com a ajuda da esposa, tinha fama de mulherengo e era descrito como um homem com apetite sexual sem controle (Foster, 2004b, p. 140) e que vivia rodeado de mulheres nos salões parisienses quando passou uma temporada na cidade em missão política.

Franklin então não se submeteu completamente ao código moral da sociedade em que viveu. O comportamento real dele foi o de resistir “a uma interdição ou a uma prescrição” (Foucault, 1998, p. 26), construindo para si uma ética de existência que se caracteriza pela governamentalidade. Ele viveu como quis.

Por que, então, sua sexualidade não é vista dessa forma na contemporaneidade? Por que as imagens dele que circulam nos meios de comunicação e na nota de 100 dólares, como aquelas já analisadas no início deste capítulo, o retratam calvo, acima do peso, mais idoso, cativante e dessexualizado?

Talvez isso possa ser explicado pelo papel desempenhado por Franklin ancorando e forjando o pensamento americano ontem e hoje. Foster (2014) aponta que os americanos se sentem desconfortáveis em tratar dos aspectos não submetidos aos padrões morais da época, da vida de alguém que teve participação tão central no caráter e nos valores nacionais. A busca da felicidade, por exemplo, tema de inúmeros tratados e livros de autoajuda, é nos Estados Unidos um direito inalienável embutido na própria Declaração de Independência, cujo texto Franklin ajudou a escrever e assinou:

Consideramos estas verdades como evidentes por si mesmas, que todos os homens são criados iguais, dotados pelo Criador de certos direitos inalienáveis, que entre estes estão a vida, a liberdade e **a procura da felicidade**. Que a fim de assegurar esses direitos, governos são instituídos entre os homens, derivando seus justos poderes do consentimento dos governados; que, sempre que qualquer forma de governo se torne destrutiva de tais fins, cabe ao povo o direito de alterá-la ou aboli-la e instituir novo governo, baseando-o em tais princípios e **organizando-lhe os poderes pela forma que lhe pareça mais conveniente para realizar-lhe a segurança e a felicidade**.⁵

Por inúmeras vezes, Franklin menciona a felicidade que atingira em sua vida, como exemplificado no trecho abaixo:

Falando em agradecer a Deus, desejo com toda a humildade reconhecer que devo a mencionada felicidade de minha vida passada à Sua bondosa providência, que me conduziu aos meios de que usei e que deram bons resultados. (Franklin, 1963, p. 4)

Como um dos mentores e signatários dos principais documentos que alicerçam a noção do novo homem americano que surge com o nascimento da nova nação a partir da Independência adquirida em 1776, Franklin tem ligação íntima com o fato de que a história dos EUA está impregnada da mensagem de autoajuda e aperfeiçoamento pessoal, que permeiam seus escritos e cujo objetivo é, na maioria das vezes, implícita ou explicitamente, a conquista da felicidade. O conceito de autoajuda está relacionado à autoconstituição e à tomada das rédeas do próprio destino, e esse aspecto, sem dúvida, ajudou a moldar o que chamamos de identidade americana, que também está

⁵ Disponível em:

<http://www.uel.br/pessoal/jneto/gradua/historia/recdida/declaraindepeEUAHISJNeto.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2023.

intimamente ligada à crença nos valores americanos canônicos, como a busca por justiça, liberdade, equidade, democracia e igualdade. Autoconstituir-se ou fazer-se a si mesmo sugere que qualquer um pode ser o que quiser, desde que trabalhe duro o suficiente para atingir seus objetivos, resumidos na expressão do sonho americano, que nada mais é do que a independência financeira conseguida a partir da autoconfiança e do empreendimento pessoal. Em 1748, Franklin dava instruções a um jovem aprendiz:

Recorda que tempo é dinheiro... Recorda que crédito é dinheiro... O dinheiro pode gerar dinheiro e tua prole pode gerar mais... O caminho da riqueza depende principalmente de duas palavras: diligência e frugalidade; isto é, não desperdices tempo nem dinheiro, mas os emprega da melhor maneira possível... Quem ganha tudo o que pode honradamente e guarda tudo o que ganha (excetuando os gastos necessários), sem dúvida alguma chegará a ser rico. (Franklin, 1748, apud Karnal, 2001, p. 90)

É esse o Benjamin Franklin que ficou para a posteridade: o retrato do bom trabalhador protestante que o próprio Franklin traçou para si, moldado pela ética do pensamento da época, e que sua escrita dissemina desde então. O primeiro grande empreendedor de si mesmo dos Estados Unidos cujas práticas discursivas se dispersam nos discursos de outrem até a contemporaneidade.

Diante desse contexto, parece que tudo o que transgrede a ética protestante passa por uma espécie de sanitização e, conseqüentemente, a sexualidade de Franklin é silenciada, concentrando a dispersão nas práticas discursivas que condizem com o sujeito na sociedade contemporânea neoliberal.

No próximo capítulo trataremos da análise dos recortes de perfis selecionados nas plataformas de redes sociais virtuais de usuários que reverberam a práticas discursivas franklinianas.

2.3 Capítulo 3 - As “pequenas frases” – “aforismos” franklinianos no discurso cotidiano dos sujeitos nas redes sociais

Nos últimos vinte anos, a rápida expansão dos computadores conectados por meio de redes sociais globais, juntamente com o desenvolvimento de tecnologias eletrônicas para meios de comunicação de massa, tem dado origem a mídias *online* e redes sociais digitais como o *Facebook*, o *Instagram*, o *Twitter*, o *LinkedIn* e o *YouTube*.

Essas plataformas têm proporcionado novas formas de expressão e comunicação, permitindo que os usuários criem e compartilhem suas subjetividades e construam sua imagem pessoal no ciberespaço, fazendo do ambiente digital um lugar significativo para a divulgação e visibilidade das identidades individuais e da autopercepção a partir das práticas discursivas desses sujeitos.

Diante desse contexto, neste capítulo apresentaremos recortes e análises das práticas discursivas e de si presentes nas redes sociais do *Twitter* e do *LinkedIn* (aforismos, citações, epígrafes das homepages na apresentação dos perfis/bio de usuários), e do *YouTube* (documentários e outras produções), já que estas se apropriam do discurso e das práticas de si de Benjamin Franklin para constituição de suas próprias subjetividades e verdades no mundo contemporâneo. É importante também, nesse momento, apontar que foi feita busca igualmente no *Instagram*, mas os resultados foram bem diferentes daqueles encontrados no *YouTube* e principalmente no *Twitter* e no *LinkedIn*, o que nos leva à percepção de que as práticas discursivas de Benjamin Franklin são mais apropriadas pelos usuários das redes do mundo corporativo e da educação informal do que pelos usuários do mundo das mídias sociais em que prevalecem fotos e vídeos com exposição maior da vida pessoal.

Como o universo das redes sociais é imenso, fizemos uma busca nas redes mencionadas acima utilizando como palavras-chave “Benjamin Franklin” e “Frases de Benjamin Franklin”. A partir disso, selecionamos um vídeo do *YouTube* que trata dos aforismos e do projeto de perfeição moral de Franklin, e três perfis do *Twitter* e do *LinkedIn*, de usuários brasileiros, com recorrência de frases cunhadas e/ou popularizadas nas obras de Franklin, nos concentrando naquelas cujo tema é o bom uso do tempo e a ideia do sujeito como empreendedor de si mesmo, com relação direta com a ética protestante de Franklin para examinar como ela aparece nas práticas discursivas desses sujeitos contemporâneos.

A opção pelos perfis que serão analisados nos permite observar o fenômeno da dispersão teorizado por Foucault e ao mesmo tempo nos permite reconhecer o surgimento de novas subjetividades e novas verdades à medida que o discurso se atualiza e se redefine continuamente.

Para procedermos às análises, primeiramente, é necessário nos debruçarmos sobre as pequenas frases ou aforismos, fonte de nossas análises. A linguagem é um produto social e enquanto tal tem relevância histórico social. Seja um texto maior, seja um chiste ou, ainda “uma frase sem texto” – uma “pequena frase”, um “aforismo”. Por

que se produz “pequenas frases”? Porque elas circulam nos mais diferentes contextos sociais, desde os mais eruditos até os mais familiares.

Não consideramos nem a linguagem como um dado nem a sociedade como um produto; elas se constituem mutuamente. Se, assim é, o estudo da linguagem não pode estar apartado da sociedade que a produz. Os processos que entram em jogo na constituição da linguagem são processos histórico-sociais. (Orlandi, 1988, p. 17).

De modo geral, os estudiosos da AD concordam em um ponto essencial: qualquer investigação da linguagem deve obrigatoriamente considerar os elementos da sociedade que a gera, pois os procedimentos que moldam a linguagem são intrinsecamente ligados a contextos históricos e sociais. No contexto das “pequenas frases” como expressões, elas não podem ser entendidas como frases sem importância, descontextualizadas. Quem as utiliza provavelmente tem um objetivo: aconselhar, criticar, divertir, reforçar um acontecimento (social, canônico ou familiar), adaptá-las a outra situação. O discurso contido nessas expressões pode justificar uma análise aprofundada.

As “pequenas frases”, como todo discurso, carregam consigo as marcas dos contextos históricos e sociais nos quais surgem, ou seja, estão impregnadas das mais variadas expressões culturais e ideológicas, bem como dos valores profundamente enraizados que nelas se refletem. O conteúdo das “pequenas frases” não pode ser meramente negligenciado, visto que contém significados que merecem atenção e análise. Borba (1991, p. 13), em seus estudos linguísticos, indicou que uma das mais notórias características da linguagem humana é sua “intencionalidade”, pois nenhuma ação comunicativa é desprovida de objetivo. E isso também é válido para as “pequenas frases” que inegavelmente possuem suas intenções subjacentes. Nas interações, elas desencadeiam efeitos de sentido entre os interlocutores influenciados pelo contexto e pela situação em que surgem, ou seja, pelas circunstâncias que envolvem sua produção. É importante reconhecer que as “pequenas frases” podem não trazer conteúdos completamente novos, uma vez que, como qualquer discurso, elas têm suas raízes em outros discursos que possivelmente já estão solidificados e institucionalizados na esfera social. No caso específico dessa pesquisa, as “pequenas frases” ou aforismos de Franklin que são apropriados pelos usuários das redes sociais mostram essa característica, pois é possível observar por meio delas as marcas da ética protestante que permeou as condições de produção vividas pelo autor.

Nestas últimas décadas, surgiram vários estudos a respeito de frases sem textos que eventualmente são denominadas fórmulas, aforizações, pequenas frases, enunciados sem texto. Destacam-se, nesse cenário, as obras publicadas por Dominique Maingueneau (Cenas da Enunciação – 2006, França; 2008, Parábola Editorial; Doze Conceitos em Análise do Discurso – 2010, França; 2014, Parábola Editorial; Frases Sem Texto – 2012 França; 2014, Parábola Editorial).

“Pequenas frases” são enunciados breves, “bem estruturados de modo a impressionar, a serem facilmente memorizáveis e reutilizáveis”. (Maingueneau, 2008, p. 177 apud Baronas et al, 2016, p. 143). Essas nomenclaturas aparecem também em outras obras de autores que se dedicam à questão do estudo do que passaremos a chamar “pequenas frases” (Baronas *et al.*, 2016).

Onde circulam os enunciados curtos, aos quais Maingueneau (2014, p. 75) denominou *fórmulas*? Em que se constituem esses enunciados curtos? Segundo o autor, eles “circulam no interior de uma comunidade mais ou menos restrita (uma seita, uma disciplina acadêmica...); outras são conhecidas por um grande número de locutores espalhados em vários setores do espaço social”. Nosso interesse, nesta pesquisa, é abordar os enunciados curtos conhecidos por um grande número de locutores, como as redes sociais. Tais enunciados, a que chamaremos “*pequenas frases*”, funcionam e se proliferam nesse espaço. São, segundo Maingueneau (2014, p. 75-76), fórmulas autônomas que nascem em determinados contextos e são adotados pelos usuários das redes sociais se revestindo de significações específicas entre os locutores que as utilizam:

A fórmula “autônoma” é em regra geral, interpretada segundo seu sentido imediato numa interação entre locutores que não são especialistas no tipo de discurso de que provém essa fórmula. Desse modo, o verso “Aquilo que se concebe bem se enuncia claramente”, extraído da Arte Poética de Boileau (1674), é comumente utilizado como fórmula autônoma em várias circunstâncias. Ele também pode marcar determinado posicionamento.

Na interação das redes sociais surgem pequenas frases que foram extraídas de um contexto específico, mas que a partir de então são marcadas por sentidos que extrapolam a cena da enunciação. Os participantes deste contexto passam, então, a utilizá-las em situações em que elas são ressignificadas.

Baronas *et al.* (2016, p. 7), ao justificar a relevância em se estudar pequenas frases políticas, nos oferece uma oportunidade de falar sobre as pequenas frases que também ocorrem no ambiente das redes sociais. Para o autor, “o fenômeno das pequenas frases é relevante na medida em que é constitutivo de nosso cotidiano discursivo: recorreremos às pequenas frases (máximas, provérbios, adágios, slogans,,,)”. Nas redes sociais ocorrem “pequenas frases” com significativa frequência que são reiteradas, em certas circunstâncias, pelos seus usuários. Uma delas, por exemplo, de Benjamin Franklin, é a célebre “Tempo é dinheiro” (*Time is Money*), que será objeto de análise na próxima seção.

As pequenas frases ou enunciados breves têm participação na constituição do espaço social, tal como observa Oliveira (apud Baronas *et al.*, 2016, p. 135) “desde os mais antigos registros disponíveis”. O autor destaca a existência de variados estudos linguísticos discursivos e corresponde a manifestação do fenômeno descrito por Maingueneau como *enunciação aforizante*.

Entendemos que, tal como ocorre no campo da comunicação religiosa, da política ou eventualmente em outros campos, que, segundo Baronas (2016), são considerados verdadeiros “canteiros de citações”, a ocorrência de pequenas frases é de presença massiva também nas redes sociais. As frases que circulam neste meio virtual passam a fazer parte da memória discursiva do grupo que a utiliza. Embora, na maioria dos exemplos que vamos ver, elas tenham um efeito chistoso, pode produzir outros efeitos, tal como um conselho ou mesmo motivacionais – de autoajuda, como é característico da obra de Franklin.

Nascida de um contexto fonte (primário) com sentido limitado, as “pequenas frases” podem deslizar para outros contextos de recepção com novos efeitos de sentido. De acordo com Possenti (2001, p. 46), “[...] a AD não pode aceitar que o efeito de sentido seja um efeito que se produza no instante mesmo da enunciação, com base numa certa relação entre significantes”. O sentido, enquanto efeito, nunca é o sentido de uma palavra/enunciado, mas nasce de uma relação em que uma determinada formulação está ligada a outras formulações anteriores. Ou melhor, à memória discursiva. São essas formulações que passam a fazer parte da memória discursiva das pequenas frases que também circulam nas redes sociais hoje em dia.

Manzano e Araújo (2016, p. 157) apontam que a memória discursiva permite a (re)significação “a partir dos significados constituídos historicamente nas práticas sociais, e, (re)atualiza o passado segundo a posição que um indivíduo ocupa em

determinado grupo social (família, escola, religião, etc.). Segundo Paveau (2013, p. 93-94), esta memória está

estritamente ligada às condições sociais, históricas e cognitivas de produções de discursos, aos dados extralinguísticos e sobretudo pré-discursivos que participam plenamente da elaboração, da produção, da difusão e da circulação de produções verbais de sujeitos em situação. Trata-se de uma memória coletiva [...] que é descrita como familiar ao indivíduo, pois resulta de uma familiarização com a memória histórica através dos ancestrais em particular”.

Pode-se pensar na possibilidade de que essas “pequenas frases” estariam dentro desse conceito de memória descrito por Paveau. Seria possível enquadrá-las nas categorias propostas pela autora? Alguns outros exemplos escolhidos (o *corpus* desta pesquisa) podem ajudar a refletir sobre essa possibilidade, como o vídeo *Os 9 Segredos Que Vão Te Transformar Numa Potência*⁶, que traz nove ensinamentos⁷ de Benjamin Franklin para “a autotransformação que vai levar (o espectador/ouvinte) a sua melhor versão”, e que tem quase 550 mil visualizações. Os comentários parecem representar essa relação postulada por Paveau:

⁶ Disponível em

<https://www.youtube.com/watch?v=srgWE8D7EA0&list=RDLVbDpBQtCGkgw&index=3>. Acesso 20 dez. 2022.

⁷ 1. Você ama a vida? Então não desperdice seu tempo, pois é disso que a vida é feita (*Poor Richard's Almanack*)

2. A preguiça viaja tão devagar que a pobreza logo a alcança (*The Way to Wealth*)

3. Pequenos golpes derrubam grandes carvalhos. (*Poor Richard's Almanack*)

4. A leitura torna um homem pleno, a meditação um homem profundo, o discurso um homem claro. (*Poor Richard's Almanack*)

5. Não esconda seus talentos, eles foram feitos para uso; o que é um relógio de sol na sombra? (*Poor Richard's Almanack*)

6. Metade da verdade costuma ser uma grande mentira. (*Poor Richard's Almanack*)

7. Aquele que se deita com cães, se levantará com pulgas. (*Poor Richard's Almanack*)

8. O mundo está cheio de tolos e corações fracos; no entanto, todos têm coragem suficiente para suportar os infortúnios e sabedoria suficiente para administrar os negócios de seu vizinho. (*Poor Richard's Almanack*)



9. A cada ano, um hábito vicioso erradicado, com o tempo, pode tornar o pior homem, bom o tempo todo. (*Poor Richard's Almanac*)

Figura 14 - Comentários do vídeo *Os 9 Segredos Que Vão Te Transformar Numa Potência*

JÚLIA há 1 ano

Na verdade todos me impactaram, eu precisava ouvir tudo isso, muito obrigada!!

12/02/2021

 6  **Responder**

O coroa aprendiz há 2 anos

Para mim o número nove foi o que mais me chamou a atenção , pois venho tentando erradicar vícios o tempo todo , mas está difícil tem dias que estou bem e disposto em outros procrastino e as vezes penso em largar tudo e sair mundo a fora , vou continuar tentando e quem sabe eu consiga atingir meu objetivo . Obrigado ao super leitura pelas belas lições de vida !!!!

 2  **Responder**



Nivea Scapin há 2 anos

Estou no processo do autoconhecimento! E meu desafio, decidi eliminar um vício de 2020, veio bem ao encontro do meu momento! Obrigada!

 15   **Responder**

Adilson Tenorio Cavalcanti há 2 anos

Todas as lições são poderosas e transformadoras e impactantes se forem praticadas.

 13  **Responder**

Fernandes Fs há 2 anos

Vocês são luz na vida das pessoas, agradeço a Deus por existirem pessoas como vocês nesse mundo tão caótico. Continuem firmes na luta de cada dia pois vocês não tem ideia do quanto ajudam os outros. Deus abençoe a todos, obrigado mais uma vez pela solidariedade em compartilharem conhecimento com os ignorantes! ❤️👉

 1  **Responder**

Fonte: Superleituras. Porque ler transforma.

<https://www.youtube.com/watch?v=srgWE8D7EA0&list=RDLVbDpBQtCGkkg&index=>

3

Portanto, trata-se de um campo dos discursos das redes sociais em que se pode identificar o contexto fonte e o contexto recepção, que por meio de um deslizamento ressignifica-se na memória de sujeitos que se relacionam virtualmente. O enunciado passa do discursivo individual, de um contexto de fonte, que vai se ressignificando por meio de novos locutores. É esse exatamente o processo a que Foucault nomeia “dispersão”, ou seja, o processo pelo qual as práticas discursivas, ao longo do tempo, se afastam ou se distanciam de seus pontos de origem ou de ancoragem inicial e se transformam, reconfigurados e deslocados ao longo da história e em diferentes contextos.

A cena originária (texto fonte) da pequena frase pode ou não permanecer na memória, mas a pequena frase destacada entra intemporariamente na memória das redes sociais. Entendemos, assim, que os discursos das redes sociais constituem um rico campo para a ocorrência das pequenas frases, razão pela qual merecem ser estudadas neste terceiro capítulo.

2.3.1 Análises do Aforismo: “Tempo é dinheiro”

Franklin usou pela primeira vez o aforismo “Tempo é dinheiro” na obra *Advice to a Young Tradesman* (Conselho para um Jovem Comerciante, 1748), no seguinte trecho:

Conselho a um jovem Comerciante, escrito por um velho amigo.
Para meu amigo A. B.
Como você solicitou, escrevo as seguintes dicas, que foram úteis para mim e podem, se observadas, ser úteis para você também. Lembre-se que **Tempo é Dinheiro**. Aquele que pode ganhar dez xelins por dia com seu trabalho e vai gastá-lo, ou fica ocioso metade desse dia, embora gaste apenas seis centavos durante sua diversão ou ociosidade, não deve considerar essa a única despesa; ele realmente gastou, ou melhor, jogou fora cinco xelins além disso. (Franklin, 1748, [s.n.], tradução e grifo nossos)⁸

Apesar de ser um pensamento anterior a Franklin, foi ele que o popularizou e o celebrizou em seus escritos. Como a citação "tempo é dinheiro" é listada como a primeira dica de Franklin, ele provavelmente considera esse conceito de extrema importância para qualquer comerciante. Na explicação seguinte, Franklin revela como as pessoas que são capazes de ganhar dinheiro não apenas perdem dinheiro por não trabalhar, mas também perdem dinheiro porque o gastam durante o período de folga. Assim, perder tempo desperdiça dinheiro de duas maneiras: não ganhando e gastando.

⁸ Texto original: “Advice to a young Tradesman, written by an old One. To my Friend A. B. As you have desired it of me, I write the following Hints, which have been of Service to me, and may, if observed, be so to you. Remember that Time is Money. He that can earn Ten Shillings a Day by his Labour, and goes abroad, or sits idle one half of that Day, tho’ he spends but Sixpence during his Diversion or Idleness, ought not to reckon That the only Expence; he has really spent or rather thrown away Five Shillings besides”. Disponível em <https://minio.la.utexas.edu/webeditor-files/coretexts/pdf/174820franklin20advice.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2023.

Conforme já discutido em seu modelo de perfeição moral, a disciplina está no centro de seus princípios. *Conselhos a um jovem comerciante* não visava apenas a gestão do tempo, mas também a frugalidade.

Na contemporaneidade, esta frase, então, passa a fazer parte das redes sociais em outro contexto e com significado ampliado, como pode ser observado na ilustração do perfil abaixo:

Figura 15 - Perfil Twitter “Tempo é dinheiro”



Disponível em: <https://twitter.com/cabrerachirico>. Acesso em: 26 jan. 2023.

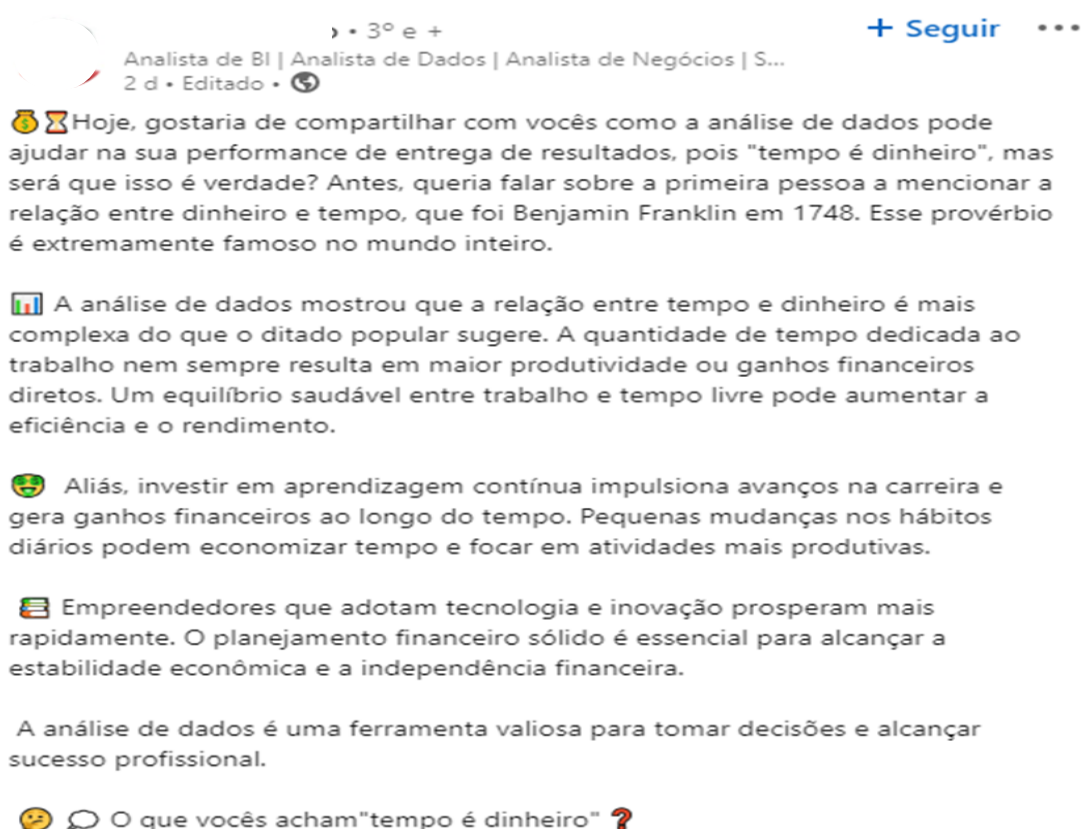
O dono do perfil do Twitter exemplificado, inspirado por Franklin e assim como ele, parece não ter dúvidas de que disciplina e frugalidade são importantes para o sucesso econômico. Mas vai além quando diz que Benjamin Franklin não só criava

negócios, mas também os vendia, investindo os lucros em outros negócios, ilustrando sua fala com várias notas de 100 dólares com o rosto estampado de Franklin.

Nesse ponto, estabelece-se a apropriação por esse usuário das práticas discursivas e das práticas de si de Franklin para a produção de verdades e subjetividades com vistas a uma educação de si e a transformação do sujeito contemporâneo no reflexo das ações de outrem. O usuário parece ressignificar o papel desempenhado por Franklin ao aconselhar o Jovem Comerciante: “Se foi o homem que estampa a nota de 100 dólares que disse, então é verdade”. E completa: “Incrível, não é? Entre em contato”. Ou seja, a mensagem parece ser: Eu me ressignifiquei e posso ajudá-lo a fazer o mesmo em prol do sucesso econômico.

Observemos um outro perfil, este do LinkedIn, em que a usuária também se vale do mesmo aforismo “Tempo é dinheiro”:

Figura 16 - Perfil LinkedIn 1 “Tempo é dinheiro”



Analista de BI | Analista de Dados | Analista de Negócios | S...
2 d • Editado •

+ Seguir

🕒 Hoje, gostaria de compartilhar com vocês como a análise de dados pode ajudar na sua performance de entrega de resultados, pois "tempo é dinheiro", mas será que isso é verdade? Antes, queria falar sobre a primeira pessoa a mencionar a relação entre dinheiro e tempo, que foi Benjamin Franklin em 1748. Esse provérbio é extremamente famoso no mundo inteiro.

📊 A análise de dados mostrou que a relação entre tempo e dinheiro é mais complexa do que o ditado popular sugere. A quantidade de tempo dedicada ao trabalho nem sempre resulta em maior produtividade ou ganhos financeiros diretos. Um equilíbrio saudável entre trabalho e tempo livre pode aumentar a eficiência e o rendimento.

🌱 Aliás, investir em aprendizagem contínua impulsiona avanços na carreira e gera ganhos financeiros ao longo do tempo. Pequenas mudanças nos hábitos diários podem economizar tempo e focar em atividades mais produtivas.

📁 Empreendedores que adotam tecnologia e inovação prosperam mais rapidamente. O planejamento financeiro sólido é essencial para alcançar a estabilidade econômica e a independência financeira.

A análise de dados é uma ferramenta valiosa para tomar decisões e alcançar sucesso profissional.

🗨️ O que vocês acham "tempo é dinheiro" ?

#tempoed dinheiro #analisededados #sucessoprofissional #produtividade
#investimentopessoal #analistadedados #analistadenegocios



28

3 comentários

Reações



• 3º+

1 d ***

Analista de Dados | Data Analytics | Power BI | ETL | SQL | Data Storytelling |...

Gostei do: Um equilíbrio saudável entre trabalho e tempo livre pode aumentar a eficiência e o rendimento. ✓

Gostei · 🍷 2 | Responder · 1 resposta



(Ela/Dela/She/Her) **Autor**

1 d ***

Analista de BI | Analista de Dados | Analista de Negócios | SQL | Py...

Exatamente meu caro, é preciso esse equilíbrio para não entra na síndrome de burnout. Obrigada

Gostei · 🍷 1 | Responder



• 3º+

1 d ***

Data Analyst / business intelligence / BI Developer / Power BI



Gostei · 👍 1 | Responder

Fonte: LinkedIn. Disponível em:

<https://www.linkedin.com/feed/update/urn:li:activity:7092972526024220672/>. Acesso em 23 jul. 2023.

“Tempo é dinheiro”, neste caso, é percebido de uma forma diferente em relação ao perfil anterior. Aqui, a proprietária do perfil questiona: será verdade que “Tempo é dinheiro” na forma como concebido por Benjamin Franklin? E aponta que essa relação

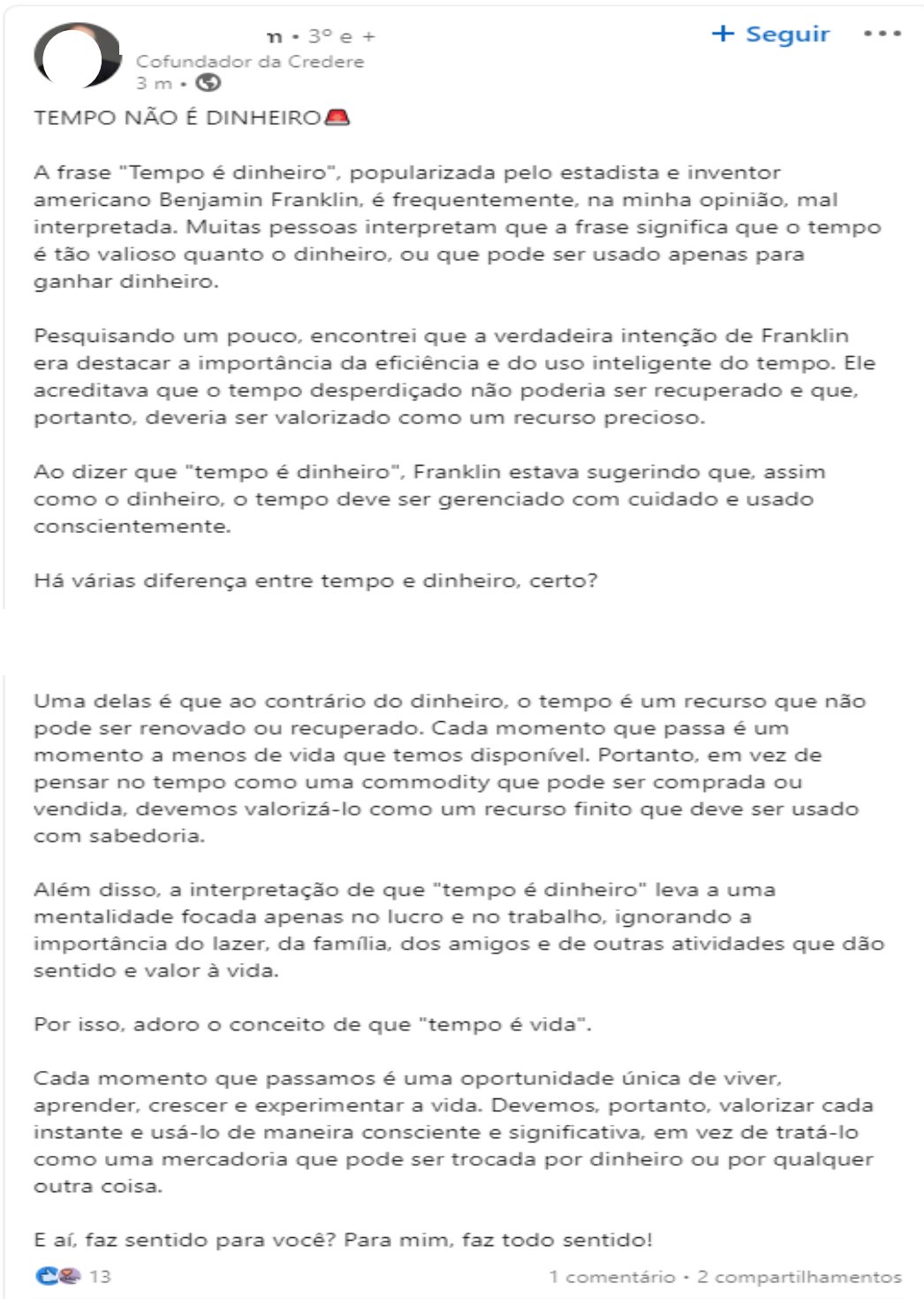
tempo e dinheiro é mais complexa do que o ditado popular sugere porque ela entende isso de outra forma. O consultor de investimentos que caracteriza o perfil do Twitter mais acima entende que perder tempo, empregá-lo mal, é perder dinheiro, é deixar de lucrar. Já a analista de dados e de negócios do perfil do LinkedIn pensa em produtividade e diz que é necessário dosar o tempo entre trabalhar e ter tempo livre porque a quantidade de tempo empregada no trabalho nem sempre se traduz em maior lucratividade.


Cada qual em seu lugar de fala vai demonstrar como as condições de produção do discurso são determinantes porque vão ancorar diferentes práticas discursivas. As subjetivações e as verdades que surgem dessas práticas são diferentes porque as éticas de existência desses sujeitos são diferentes.

No perfil do LinkedIn também é possível observar a atualização das práticas discursivas de Franklin que foram permeadas pela ética protestante de uma vida centrada no trabalho árduo. A usuária do LinkedIn escreve que “um equilíbrio saudável entre trabalho e tempo livre pode aumentar a eficiência e o rendimento”. Ela parece se pautar pela ideia de que é saudável fazer outras atividades além de trabalhar e que isso é benéfico para a pessoa e para os negócios. Ou seja, relaxar, divertir-se ou simplesmente curtir o ócio também é um caminho para uma vida bem-sucedida.

Passaremos à análise de mais uma publicação do LinkedIn que trata do aforismo “Tempo é Dinheiro”. Nesta publicação, o perfil pertence a um consultor mercantil com dez mil seguidores, Para ele, o popular aforismo foi sempre mal interpretado e defende a ideia de que Franklin se referia ao uso “inteligente do tempo”, que é finito e não pode ser recuperado. Afirma que “Ao dizer que ‘tempo é dinheiro’, Franklin estava sugerindo que, assim como o dinheiro, o tempo deve ser gerenciado com cuidado e usado conscientemente”, pois constitui um recurso precioso, conforme pode ser verificado na figura abaixo:

Figura 17 - Perfil LinkedIn 2 “Tempo é dinheiro”




n • 3º e +
+ Seguir
...

Cofundador da Crede
 3 m •

TEMPO NÃO É DINHEIRO 🚩

A frase "Tempo é dinheiro", popularizada pelo estadista e inventor americano Benjamin Franklin, é frequentemente, na minha opinião, mal interpretada. Muitas pessoas interpretam que a frase significa que o tempo é tão valioso quanto o dinheiro, ou que pode ser usado apenas para ganhar dinheiro.

Pesquisando um pouco, encontrei que a verdadeira intenção de Franklin era destacar a importância da eficiência e do uso inteligente do tempo. Ele acreditava que o tempo desperdiçado não poderia ser recuperado e que, portanto, deveria ser valorizado como um recurso precioso.

Ao dizer que "tempo é dinheiro", Franklin estava sugerindo que, assim como o dinheiro, o tempo deve ser gerenciado com cuidado e usado conscientemente.

Há várias diferenças entre tempo e dinheiro, certo?


Uma delas é que ao contrário do dinheiro, o tempo é um recurso que não pode ser renovado ou recuperado. Cada momento que passa é um momento a menos de vida que temos disponível. Portanto, em vez de pensar no tempo como uma commodity que pode ser comprada ou vendida, devemos valorizá-lo como um recurso finito que deve ser usado com sabedoria.

Além disso, a interpretação de que "tempo é dinheiro" leva a uma mentalidade focada apenas no lucro e no trabalho, ignorando a importância do lazer, da família, dos amigos e de outras atividades que dão sentido e valor à vida.

Por isso, adoro o conceito de que "tempo é vida".

Cada momento que passamos é uma oportunidade única de viver, aprender, crescer e experimentar a vida. Devemos, portanto, valorizar cada instante e usá-lo de maneira consciente e significativa, em vez de tratá-lo como uma mercadoria que pode ser trocada por dinheiro ou por qualquer outra coisa.

E aí, faz sentido para você? Para mim, faz todo sentido!

 13
 1 comentário • 2 compartilhamentos

Fonte: LinkedIn. Disponível em: <https://www.linkedin.com/in/fredalecrim/recent-activity/all/>. Acesso 23 jul. 2023.

O usuário continua sua interpretação fazendo uma crítica à forma mais comum de entendimento do aforismo em tela: “a interpretação de que ‘tempo é dinheiro’ leva a uma mentalidade focada apenas no lucro e no trabalho, ignorando a importância do

lazer, da família, dos amigos e de outras atividades que dão sentido e valor à vida”. E, em seguida, desloca o sentido do aforismo para “Tempo é vida”, ressignificando o discurso e a prática discursiva e se constituindo como uma autêntica prática do cuidado de si. Ao questionarem a interpretação tradicional do aforismo “Tempo é dinheiro”, os perfis do LinkedIn analisados indicam um exercício e autonomia ao pensarem por si mesmos sobre o sentido do aforismo.

Essa ressignificação do aforismo para “Tempo é vida” realça a importância de valorizar o tempo como um recurso valioso para a construção de uma existência significativa, abordagem alinhada com a ética do cuidado de si a partir de dimensões existenciais diferentes. Ao questionar e ressignificar discursos e práticas, ambos exercem o cuidado de si como um processo contínuo de autoconhecimento e transformação pessoal. Além disso, as publicações também constituem prática de escrita de si, pois mostram os sujeitos refletindo sobre si mesmos, desconstruindo e resistindo às práticas discursivas e ressignificando o discurso para expressar suas próprias verdades, subjetividades e ética de existência como obra de arte.

Mas e a sexualidade desses sujeitos? Está nas entrelinhas ou está silenciada? Como foi visto nas análises da escrita de Franklin, ele cria formas que deixam transparecer sua sexualidade pela maneira como aborda a temática do corpo, por exemplo, quando liga o exercício da sexualidade a um ato saudável e natural. Quem o silencia é o sistema discursivo da sociedade, tanto da época quanto a de agora (as diferentes mídias - livros, ilustrações, retratos, etc.), que preferem que ele seja visto como a figura pública representativa da ética protestante, do trabalho árduo em prol de uma vida disciplinada e materialmente exitosa.

Os sujeitos contemporâneos, exemplificados nos perfis acima, por sua vez, parecem não utilizar essas redes sociais para enunciados que manifestam suas percepções de sexualidade, nem a de si e tampouco a de outrem, nem mesmo nas entrelinhas. Isso em um tempo em que o “sexo atravessa praticamente todos os campos de experiências e saberes na sociedade contemporânea” (Corrêa, 2013, p. 6):

Uma incrível balbúrdia sexual coloniza hoje em dia até o menor cantinho da modernidade democrática: prazeres prometidos ou exibidos, cartazes alardeando a liberdade, preferências descritas, performances avaliadas ou procedimentos ensinados, há de tudo. Nenhuma sociedade antes da nossa havia consagrado ao prazer tal eloquência discursiva, nenhuma havia antes destinado à sexualidade

lugar tão preponderante em seus objetivos, suas imagens, suas criações. (Guillebaud, 1999, p. 18 apud Corrêa, 2013, p. 6)

Vejam os que, embora as questões sobre sexualidade atravessam as classes sociais de modo geral, no Brasil, ao longo dos últimos 10 anos, a sociedade passou por transformações políticas que influenciaram o discurso moral que rege as vidas social, econômica e cultural do país. A onda conservadora procurou se apoderar dos valores morais que vinham sendo construídos por governos democráticos progressistas. Influenciados pelos Estados Unidos e países da Europa, o que vivemos nestes tempos também é consequência da política conservadora implementada no país pelo governo anterior, com políticas públicas construídas por grupos religiosos e empresariado neoliberal.

Almeida (2022) discorre sobre o lema adotado pelo último governo, que foi abraçado por parte da sociedade brasileira, *Deus, Pátria e Família*, e apresenta a origem e semelhança ao discurso da Ação Integralista de 1932, conforme ele explica:

Deus dirige os destinos dos povos. [...] O homem vale pelo trabalho, pelo sacrifício em favor da Família, da Pátria e da Sociedade. [...] toda superioridade provém de uma só superioridade que existe acima dos homens: a sua comum e a sobrenatural finalidade. Esse é um pensamento profundamente brasileiro, que vem das raízes cristãs da nossa História e está no íntimo de todos os corações”. *Manifesto de 7 de outubro de 1932, Ação Integralista Brasileira*. (Almeida, 2022, p. 356)

Entendemos que um discurso autoritário procura sempre legitimar seu sentido para que se torne dominante e, principalmente, único. E é este ponto que retomamos para analisar o discurso moral de nossa sociedade atual que tem reverberado desde a eleição de 2018, cujo candidato foi eleito com o discurso (lema) semelhante ao dos integralistas de 1932.

Trouxemos esta rápida explanação para mostrar que estes discursos, em que a religião passa a reger as outras áreas de uma sociedade, são semelhantes ao que regia a sociedade na época de Benjamin Franklin, a ética protestante. Desta forma, assim como a sociedade silenciava o discurso sobre sexualidade de Benjamin Franklin, ela também o faz hoje em dia, conforme observado acima na análise das redes sociais atuais de sujeitos que se inspiram no discurso de prosperidade de Benjamin Franklin.

Em nossa sociedade atual, o lema *Deus, Pátria e Família* foi adotado por setores políticos conservadores e por grande parte da elite brasileira que, ressuscitando

esse discurso, se colocam em oposição ao diverso, ao plural, aos direitos da comunidade LGBTQIA+, aos povos originários, silenciando qualquer outro discurso que esteja contra seus princípios.

Para entendermos esse silenciamento, trazemos a discussão do capítulo 1, em que Foucault apresenta a sexualidade como algo que não tem um sentido estático, fixo, mas sim como um fenômeno “atravessado por todo um espectro de ideologias, concepções, saberes e formas de controle próprias ao período ao qual se referem” (Corrêa, 2013, p. 6). Dessa forma, como dispositivo histórico que é, a sexualidade adquire significados diferentes de acordo com o momento de produção. Por outro lado, Foucault (1988, p. 11) escreve que “a repressão moderna do sexo” coincide “com o desenvolvimento do capitalismo” e “se o sexo é reprimido com tanto rigor, é por ser incompatível com uma colocação no trabalho, geral e intensa”. Numa sociedade neoliberal como a que vivemos, caracterizada profundamente por sujeitos empreendedores de si que colocam no trabalho e no sucesso profissional suas formas de subjetividade e verdade, a sexualidade é escamoteada como se não tivesse um papel importante na vida daquele que se educa para ser um vencedor. Foucault nos ajuda, então, a entender esses usuários das redes sociais como sujeitos que se apropriam das práticas discursivas e de si de Franklin, seguem seus conselhos e seus modos de conduta e constroem suas subjetividades que são simulacros de modos de existência idealizados e racionalizados por outrem.

São sujeitos que buscam autoeducar-se, automodelar-se numa perspectiva racional em que tempo é dinheiro e cada um é, ao mesmo tempo, educador e empreendedor de si, e que atribuem à sexualidade um papel que não tem relevância à pulsão da vida.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo central investigar as práticas discursivas e de si presentes nos escritos de Benjamin Franklin, especialmente em sua *Autobiografia*, e analisar como essas práticas são apropriadas e ressignificadas nas redes sociais, servindo como modelo de educação discursiva para a construção de subjetividades na contemporaneidade, à luz dos estudos foucaultianos sobre os cuidados de si.

Para alcançar esse intento delineamos três objetivos específicos que nortearam nossa pesquisa, a saber: problematizar os principais conceitos do terceiro domínio foucaultiano da *Genealogia da Ética*; realizar uma escrita discursiva genealógica foucaultiana dos escritos de Benjamin Franklin; e recortar e analisar as práticas discursivas e de si presentes nos perfis de usuários nas redes sociais do *Twitter*, do *LinkedIn* e do *YouTube*, que utilizam aforismos criados e popularizados por Franklin para a constituição de suas próprias subjetividades e verdades.

No primeiro capítulo, pudemos entender a importância de Análise do discurso de linha francesa para desvendar as complexas relações entre práticas discursivas e sociedade. Vimos também o papel significativo de Michel Foucault nessa área ao explorar o discurso como veículo central para seu pensamento sobre o sujeito e a forma como sua perspectiva arqueogenealógica traz fundamentos para a análise dos discursos e sua influência nas formações de subjetividades. Entendemos também como Foucault nos mostra que a produção da verdade está ligada a instituições que moldam a sociedade e influenciam a formação dos sujeitos. Portanto, no cerne de sua abordagem, encontramos a busca por entender como o sujeito contemporâneo é moldado pelos discursos que regulam a sociedade e influenciam a construção de subjetividades e verdades. Analisar a obra de Benjamin Franklin, particularmente sua *Autobiografia*, à luz da abordagem discursiva foucaultiana, permitiu uma compreensão mais profunda do autor e das razões pelas quais seu discurso perdura ao longo do tempo, ressurgindo nas redes sociais contemporâneas.

A análise da terceira fase foucaultiana, concentrada na ética e nas práticas de si, revelou-se fundamental para compreendermos a influência das técnicas de subjetivação na formação do sujeito moral e ético. Vimos como Foucault explorou o dispositivo da sexualidade como uma lente para examinar como as práticas discursivas moldam as verdades que constituem novas subjetividades, bem como as formas pelas quais os indivíduos são subjetivados pelos discursos e como, por meio das práticas de si, podem emancipar-se e forjar uma ética própria.

Nesse contexto, no segundo capítulo, a análise que realizamos da *Autobiografia* de Benjamin Franklin à luz desses conceitos foucaultianos revelou uma exploração deliberada das técnicas de si. Franklin utilizou sua escrita como um meio de reflexão sobre si mesmo, construindo novas verdades éticas que moldaram suas escolhas e condutas. A prática da escrita também emerge como uma ferramenta central na construção da subjetividade de Franklin. Ao documentar suas tarefas diárias e seus

pensamentos, ele não apenas encontrou alívio emocional, mas também transformou sua subjetividade, moldando-se em direção a uma vida ética.

Foi possível observar como as noções foucaultianas sobre o cuidado de si e as tecnologias de si ressoam na trajetória de Franklin. Seu compromisso em construir uma vida saudável, moral e produtiva revela uma prática intencional de governo de si. Ao estabelecer normas pessoais, disciplinas financeiras e um estilo de vida equilibrado, Franklin exemplifica a ideia de que a ética pode ser forjada por meio de práticas individuais que transcendem as normas sociais estabelecidas.

No entanto, a pesquisa nos levou a reconhecer a importância de entender a relação ética, poder e subjetividade como algo complexo e multifacetado. Embora as práticas de si sejam capazes de proporcionar liberdade e resistência aos dispositivos de poder, elas também podem ser influenciadas e limitadas por esses mesmos dispositivos. Franklin, mesmo ao buscar se constituir como um “novo homem” ético, não pôde escapar completamente das normas e valores de sua época.

Nosso estudo evidenciou a forma como Franklin abraçou tanto o papel de autorreflexão quanto o de desafiador da ética protestante que permeou seu contexto de vida, revelando uma complexidade intrínseca à sua persona pública e privada. O exame das virtudes do corpo e da alma em sua *Autobiografia* denotam uma luta interna por autorregulação e autotransformação. Ao mesmo tempo, a análise de seu comportamento sexual em relação às normas morais protestantes demonstra sua resistência a um código moral rígido. Suas práticas mais liberais na esfera privada contradizem a imagem pública que ele mesmo ajudou a construir, desafiando as normas e expectativas de seu tempo. Esse retrato multifacetado e multifuncional de Franklin é uma representação vívida da tensão entre as normas institucionais e a busca individual pela autenticidade e realização. E a pesquisa tornou possível compreender como Foucault oferece um quadro teórico para entendermos essa dinâmica, destacando a governamentalidade e a ética da existência. Assim, ao adotar uma ética de existência que desafia as regras convencionais, Franklin encarna uma forma de resistência à normatização tão necessária para o governo de si.

No entanto, nosso estudo também traz um ponto notável relacionado a como a imagem de Franklin é reconfigurada ao longo do tempo para se adequar à narrativa hegemônica que alinha Franklin com a narrativa do sonho americano que enaltece a independência financeira e o sucesso pessoal como pilares da identidade nacional. A sanitização de sua sexualidade e a concentração nas práticas discursivas que se alinham

à sociedade neoliberal contemporânea evidenciam como as figuras históricas podem ser remodeladas para atender aos valores dominantes. Essa manipulação da memória coletiva de Franklin destaca o poder do discurso na construção e reconstrução da identidade cultural e histórica.

Ao explorarmos a *Autobiografia* de Franklin como prática de escrita de si, evidenciamos a complexidade da formação de subjetividades ao longo da história, possibilitando vislumbrar como a busca pela perfeição moral não apenas reflete as normas morais da época, mas também revela as nuances entre o cumprimento dessas normas morais e a formação de uma ética individual. Assim, vimos como a escrita, como expressão da escrita de si, desempenha um papel significativo na elaboração do eu, permitindo ao autor recriar, refletir e transformar sua própria existência e a de outrem. Sua Autobiografia exemplifica esse processo ao combinar a reflexão sobre sua vida com a aspiração de servir como um modelo para os outros. Entendemos que, ao compartilhar suas experiências, Franklin não apenas documenta sua jornada pessoal, mas também oferece um guia prático para aprimoramento moral, social e político. Esse estudo nos levou a compreender que a escrita de si não apenas documenta a jornada de uma vida, mas também molda a maneira como essa vida é percebida, lembrada e como influencia as gerações futuras. Aprendemos que a abordagem estruturada e ética de Franklin ressalta a capacidade da escrita de si de transcender o indivíduo e impactar positivamente a sociedade, reforçando a ideia de que compartilhar nossas histórias mais íntimas pode inspirar e motivar outros em busca por uma vida mais significativa e virtuosa.

No terceiro capítulo, ao analisarmos alguns perfis das redes sociais *Twitter*, *LinkedIn* e *YouTube*, pudemos constatar como as práticas discursivas de Benjamin Franklin são exemplos claros de como sua ética da existência ainda exerce influência na contemporaneidade. O fenômeno dos vídeos e documentários no *YouTube* que celebram Franklin como um herói clássico e modelo de perfeição moral também demonstra como sua figura continua a ser referência para muitos.

Ao examinarmos como o aforismo “Tempo é dinheiro” é ressignificado e interpretado, identificamos uma complexa teia de significados que refletem a ética protestante de Franklin, bem como as transformações culturais e sociais atuais, evidenciando a dispersão teorizada por Foucault quando observamos como as práticas discursivas de Franklin são recontextualizadas e adaptadas por indivíduos contemporâneos. Desta forma, essa dispersão possibilita a emergência de novas

verdades que refletem os diferentes contextos de produção e a maleabilidade dos discursos ao longo do tempo.

Por fim, nossa pesquisa também nos levou a observar o silenciamento da sexualidade nos discursos contemporâneos que circulam nas redes sociais, especialmente em um contexto influenciado por uma onda conservadora que busca controlar os discursos morais e reforçar valores tradicionais. Vimos que este silenciamento está presente tanto na apropriação das práticas discursivas de Franklin quanto na forma como os usuários das redes sociais contemporâneas evitam discutir abertamente essa dimensão da vida. Isso reflete a influência de discursos moralizantes que tentam impor uma visão restrita da sexualidade, alinhada a uma ética de trabalho e sucesso profissional característica do capitalismo e da sociedade neoliberal em que vivemos, como diagnosticado por Foucault na *História da Sexualidade*. Por isso, podemos afirmar que a análise crítica dessas práticas é sempre fundamental para uma compreensão mais profunda das formas como os discursos circulam, se transformam e impactam as subjetividades e verdades, individuais e coletivas, na era digital.

Concluimos que nosso estudo respondeu de maneira abrangente às perguntas que nortearam a pesquisa: Como Benjamin Franklin se constituiu como sujeito?; Que tecnologias de si e ética de existência foram produzidas por ele?; Que dispositivos ele toma como norteadores na construção de sua vida?; Como ele se autogoverna?; Que tipo de ética ele constrói: uma ética que envolve alteridade ou ele pensava somente em si mesmo?

Como visto ao longo da pesquisa, Foucault analisou e rompeu com as filosofias que apresentam o sujeito como um ser autônomo, livre, plenamente consciente de si e de suas ações. Essa ruptura se dá pela análise histórica dos diversos papéis que o sujeito desempenha em diferentes contextos sociais. Franklin se construiu como sujeito a partir de variados locais de fala, como um trabalhador, como um empresário, como um cientista, como um político. Foi assujeitado pela ética protestante, mas também criou contornos para superá-la. Ao usar a técnica da escrita de si, é possível ver suas práticas discursivas constituindo diversas subjetividades, pois representava um papel na vida pública e outra na vida privada. Franklin se constituiu como um sujeito multifacetado.

Como técnicas de si, enfatizou o aperfeiçoamento pessoal contínuo, adotando uma abordagem pragmática e racional para alcançar a virtude e o sucesso material. Usou dispositivos como a definição de metas, o exame de consciência diário, a busca pelo equilíbrio, pela disciplina e pela autoeducação. Depreende-se daí que sua ética de

existência está centrada em uma abordagem utilitária da vida, em que ele valoriza a busca pelo bem-estar pessoal, pelo sucesso material e pelo domínio das paixões. Ele desenvolveu uma ética que valoriza a eficiência, o trabalho árduo e o uso racional do tempo e, em seus escritos e suas ações como cidadão, Franklin valoriza as contribuições para a sociedade e a promoção do bem comum. Seu engajamento em iniciativas cívicas, científicas e educacionais demonstra uma preocupação com o coletivo e uma ética que envolve alteridade.

Por meio das práticas de si, constituiu novas verdades para si, mas verdades que ele silenciou publicamente quando estas feriam a ética protestante do controle de tudo o que se relacionava com os prazeres do corpo, por exemplo. Franklin, então, como sujeito público racionalizou sua sexualidade para se adequar ao código moral vigente, mas na vida privada exerceu sua sexualidade desprendido das leis morais. Nesse momento, ele adquire o governo de si porque rompe com o disciplinamento do sistema puritano protestante que via o sexo somente como ato de reprodução. Em suma, Franklin emerge como um sujeito multifacetado, influenciado por seu contexto histórico, mas também como um agente ativo comprometido com a constituição de uma ética própria capaz de formar diversas subjetividades e verdades. Como sujeito, Franklin vê a possibilidade de questionar-se sobre como construir sua vida e como cuidar dela com o objetivo de se tornar um sujeito ético, como escreve Foucault na História da Sexualidade. Ao se autogovernar, Franklin viveu sua existência como obra de arte.

Por fim, ao compreendermos a escrita de si de Benjamin Franklin como um elemento inspirador e alavancador de intervenção nos modos de existência do sujeito, percebemos a importância da escrita como ferramenta estética e de autoconhecimento. A escrita, nesse contexto, pode produzir mundos alternativos fincados na realidade social e conectar-se a leitores em qualquer tempo. A escrita também se torna uma forma de resistência ao *status quo*, permitindo a expressão de subjetividades e verdades que escapam dos padrões estabelecidos.

Assim, concluímos que o estudo das práticas discursivas e de si de Benjamin Franklin e sua dispersão nas redes sociais mostrou-se de relevância significativa para a compreensão dos modos de existência contemporâneos, pois sua ética protestante ainda exerce uma influência notável na construção das subjetividades e identidades na sociedade neoliberal representada nas plataformas das redes sociais digitais analisadas na pesquisa, e suas práticas discursivas são disseminadas e adotadas como referência para as subjetivações nas relações de trabalho e na sexualidade.

Ainda um último aspecto se faz necessário, pois entendemos que o tema não se esgota aqui. A análise das práticas discursivas de Benjamin Franklin nas redes sociais pode ser aprofundada de modo a explorar como diferentes grupos de usuários se apropriam e ressignificam essas práticas para constituir suas próprias identidades digitais, envolvendo estudo de casos específicos de como os aforismos de Franklin são adotados por influenciadores digitais ou profissionais de *coaching*. Outro tema a ser explorado é o das implicações éticas do uso de práticas discursivas de figuras históricas nas redes sociais e como essas narrativas são adaptadas para atender a agendas específicas. Ou ainda, explorar a escrita de si como estratégia de autoconhecimento e desenvolvimento pessoal na educação contemporânea.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. P. M. de. **Deus, pátria, família:** os sentidos do fascismo brasileiro. RUA, Campinas, SP, v. 28, n. 2, p. 353–376, 2022. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8671122>>. Acesso em: 15 jul. 2023.
- AMSTEL, N. A. V.; QUITZAU, E. A.; MORAES E SILVA, M. O corpo como residência do Espírito Santo: a educação do corpo na obra de Benjamin Franklin (1732-1790). **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 21, 2021. Disponível em <https://doi.org/10.4025/rbhe.v21.2021.e146>. Acesso em 25 jun. 2023
- ASCESE. **Michaelis. Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa**. 2023. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/ascese/>. Acesso em: 10 jul. 2023.
- BARONAS, R. L. LIMA, R. R. OLIVEIRA, H. (Org.). **Pequenas frases na política brasileira, francesa e anglo saxônica:** abordagens discursivas. Campinas: Pontes: 2016.
- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BARROS, M. de. Retrato do Artista enquanto Coisa. 2018. Disponível em: https://comunidadeculturaearte.com/manoel-de-barros-o-poeta-que-quis-renovar-o-homem-usando-borboletas/#google_vignette. Acesso em 10 jul. 2023.
- BORBA, F. S. **Introdução aos estudos linguísticos**. 6. ed. Campinas: Pontes, 1991.
- BRASIL ESCOLA. Pais fundadores na assinatura da Declaração de Independência. 2023. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historia-da-america/pais-fundadores-dos-estados-unidos.htm>. Acesso em: 02 ago. 2023.
- BUTLER-BOWDON, T. **50 Self-Help Classics**. London: Nicholas Brealey 2003.
- CASTRO, E. **Vocabulário de Foucault:** um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica. 2016.
- CORAZZA, S. M. **Os cantos de Furor:** escrita em filosofia-educação. Porto Alegre: UFRGS: Sulina, 2007.
- CORRÊA, G. F. P. Corpo e Sexualidade na Contemporaneidade. **Anais do III Simpósio Internacional de Educação Sexual**. 2013. 27 p.
- CRÉTÉ, L. As raízes puritanas. **História Viva**. n. 17, 2005. Disponível em http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/as_raizes_puritanas.html. Acesso em: 12 jan. 2023.

CREVECOEUR, H. S. J. de. Letters from an American Farmer. LAUTER, P. (Ed.) **The Heath Anthology of American Literature: colonial period to 1865**. Boston: Houghton Mifflin Company, 2006. p. 922-956.

FERNANDES, C. A. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. São Carlos: Claraluz, 2ª edição, 2008.

FERNÁNDEZ, T.; TAMARO, E. Biografia de Benjamin Franklin. In: Biografías y Vidas. **La enciclopedia biográfica en línea** [Internet]. Barcelona, España, 2004. Disponível em <https://www.biografiasyvidas.com/biografia/f/franklin.htm>. Acesso em: 22 jul. 2023.

FOSTER, T. A. **Sex and the Founding Fathers: The American Quest for a Relatable Past**. Philadelphia: Temple University Press, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1987. 288p.

FOUCAULT, M. **Tecnologias de si, 1982**. Verve revista semestral autogestionária do Nu-Sol. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/download/5017/3559>>. Acesso em 13 dez. 2020.

FOUCAULT, M. **Genealogía del racismo**. Altamira: Buenos Aires, 1998, p. 223.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade II: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade III: o cuidado de si**. São Paulo: Paz e Terra. 2004.

FOUCAULT, M. Diálogo sobre o poder. **Ditos e escritos. Estratégias, Poder-Saber**. MOTTA, Manoel Barros da (Org.). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006a. v. 4.

FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006b.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, M. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: MOTTA, M. B. (org.). **Ditos e escritos V**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014d. p. 264-287.

FOUCAULT, M. A Escrita de Si. In.: FOUCAULT, M. **Ditos e Escritos, Volume V: ética, sexualidade, política**. 3.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2017. 144-162

FOUCAULT, M. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1996.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 1996. Disponível em <http://www2.eca.usp.br/Ciencias.Linguagem/Foucault_OrdemDoDiscurso.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2023.

FRANKLIN, B. **Autobiografia de Benjamin Franklin**. Trad. por Aydano Arruda. São Paulo: IBRASA, 1963.

FRANKLIN, B. Autobiography. In: LAUTER, P. (Ed.) **The Heath Anthology of American Literature: colonial period to 1865**. Boston: Houghton Mifflin Company, 2006. p. 828-890.

FRANKLIN, B. **Advice to a Young Tradesman**. 1748. Disponível em <https://minio.la.utexas.edu/webeditor-files/coretexts/pdf/174820franklin20advice.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2023.

FRANKLIN, B. **Poor Richard's Almanack**. Waterloo, Iowa: The U. S. C. Publishing Co., 1914. Disponível em <https://ia803400.us.archive.org/26/items/poorrichardsalma00franrich/poorrichardsalma00franrich.pdf>. Acesso em 27 maio 2022.

FRANKLIN, B **The Way to Wealth**. Princeton, New Jersey: Princeton Cambridge Publishing Group, 2010. Disponível em <https://tendimag.files.wordpress.com/2014/02/the-way-to-wealth-by-benjamin-franklin-1757-smse-2010.pdf>. Acesso em 27 maio 2022.

GARTON, S. **História da Sexualidade: da Antiguidade à Revolução Sexual**. Lisboa: Editorial Estampa, 2009.

GIDDENS, A. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

GREGOLIN, M. R. Análise do discurso com Michel Foucault: verdades e subjetividades. In: SALLES, C. S.; FONSECA, M. (org.). **Discursos em redes: teias de saberes**. Campinas, SP: Pontes, 2022. p. 39-58.

HULTON ARCHIVE. Retrato de Benjamin Franklin em 1750. Disponível em: <https://www.npr.org/2022/05/18/1099542962/abortion-ben-franklin-roe-wade-supreme-court-leak>. Acesso em: 22 maio 2023.

ISAACSON, W. **Benjamin Franklin : An American Life**. New York: Simon and Schuster, 2003.

JÍMENEZ, J. G. Las 13 virtudes de Benjamin Franklin. 2018. Disponível em <https://jesusgarciaj.com/2018/10/07/las-13-virtudes-de-benjamin-franklin/>. Acesso em: 22 maio 2023.

- KARNAL, L. **Estados Unidos: A formação da nação**. São Paulo: Contexto, 2001. (Repensando a história)
- LAUTER, P. **The Heath Anthology of American Literature**. v. 1. New York: Houghton Mifflin Company, 2006.
- LAWRENCE, D. H. **Estudos sobre a Literatura Clássica Americana**. Tradução: Heloisa Jahn. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- LINKEDIN. Perfil Ilustrativo do LinkedIn 1. Disponível em: <https://www.linkedin.com/in/daniel-holanda-125542106/recent-activity/all/> . Acesso em: 4 maio 2023.
- LINKEDIN. Perfil Ilustrativo do LinkedIn 2. Disponível em: <https://www.linkedin.com/in/prof%C2%AA-karla-mesquita-b8680233/recent-activity/all/>. Acesso em 4 maio 2023.
- LINKEDIN. Perfil LinkedIn 1 “Tempo é dinheiro”. Disponível em: <https://www.linkedin.com/feed/update/urn:li:activity:7092972526024220672/>. Acesso em 23 jul. 2023.
- LINKEDIN. Perfil LinkedIn 2 “Tempo é dinheiro”. Disponível em: <https://www.linkedin.com/in/fredalecrim/recent-activity/all/>. Acesso 23 jul. 2023.
- MADDEN, E. Benjamin Franklin 1706-1790. In: LAUTER, P. **The Heath Anthology of American Literature**. v. 1. New York: Houghton Mifflin Company, 2006. p. 804-807.
- MAINGUENEAU, D. **Frases sem Texto**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- MAINGUENEAU, D. **Cenas da Enunciação**. 2. ed. Campinas: Parábola, 2012.
- MANZANO, L. C. G. ARAÚJO, L. M. B. M. Tchau, querida: considerações sobre uma possível aforização e efeito de memória num dos enunciados que marca(ra)m o processo de impeachment de 2016. In.: BARONAS, R. L. LIMA, R. R. OLIVEIRA, H. (Org.). **Pequenas frases na política brasileira, francesa e anglo saxônica: abordagens discursivas**. Campinas: Pontes: 2016.
- MARCELLO, F. de A.; FISCHER, R. M. B. Cuidar de si, dizer a verdade: arte, pensamento e ética do sujeito. **Pro-Posições**. v. 25, n. 2, p. 157-175, maio/ago. 2014.
- MENDES, C. L. O corpo em Foucault: superfície de disciplinamento e governo. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, EDUFSC, n. 39, p. 167-181. 2006.
- MOISÉS, M. Dicionário de termos literários. 12. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cultrix, 2004.

MOMESSO, M. R. Práticas de leitura literária impressa à gamificação da leitura: Da Iracema “mãe mítica de um povo” ao jogo Roleta das Decisões E se fosse você? In: CARVALHO, A. A. A. et al. (org.). **Atas do 5º Encontro sobre Jogos e Mobile Learning**. Edição: Centro de Estudos Interdisciplinares do Século 20 (CEIS20). Universidade de Coimbra, PT, 2020. p. 433-438.

NARDI, H. C., SILVA, R. N. da. Ética e subjetivação: as técnicas de si e os jogos de verdade contemporâneos. In: GUARESCHI, N.; HÜNING, S. M. (org.) **Foucault e Psicologia**. Porto Alegre: Abrapso Sul, 2005. 93-105.

ORLANDI, E. P. **Discurso e Leitura**. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1988.

OVERMAN, S. **The protestant ethic and the spirit of sport** : how calvinism and capitalism shaped America’s games. Macon: GA: Mercer University Press, 2011.

OS 9 SEGREDOS QUE VÃO TE TRANSFORMAR NUMA POTÊNCIA. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=srgWE8D7EA0&list=RDLVbDpBQtCGkww&index=3>. Acesso 20 dez. 2022.

PAVEAU, M-A. **Os pré-discursos: sentido, memória, cognição**. Campinas: Pontes, 2013.

PIMENTA, L. A. **Cards Literários e Gamificação da Literatura: Discursos, modos de existência e subjetividades das escrituras de “Hamlet – O Jogo”**. Araraquara, 2020. 222 f.

PIMENTA, L. A.; MOMESSO, M. R.; RIBEIRO, P. R. M. A quebra do espelho: sexualidade e identidade em Hamlet. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 12, n. 4, p. 2261–2272, 2017. DOI: 10.21723/riaee.v12.n4.out./dez.2017.10772. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/10772>. Acesso em: 1 ago. 2023.

PINHO, F. A. S.; PECHMAN R. Foucault e a caixa de ferramentas: modos de pensar sobre a cidade, modos de agir na cidade. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL, 17, 2017, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: FAUUSP, 2017. 54 p. Tema: Desenvolvimento, crise e resistência: quais os caminhos do planejamento urbano e regional? Disponível em: http://anpur.org.br/xviienanpur/principal/publicacoes/XVII.ENANPUR_Anais/SL_Sessesoes_Livres/SL%2028.pdf. Acesso em: 13 set. 2020.

PORTER, R.; TEICH, M. **Conhecimento sexual, ciência sexual. A história das atitudes em relação à sexualidade**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

POSSENTI, S. Ainda sobre a noção de efeito de sentido. In.: GREGOLIN e BARONAS (Orgs.) **Análise do discurso: as materialidades do sentido**. São Carlos: Claraluz, 2001.

PUCHNER, M. **O mundo da escrita: como a literatura transformou a civilização**. Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

QUELLIER, F. **Gula: história de um pecado capital**. São Paulo: SENAC, 2011.

RAMOS DO Ó, J.; AQUINO, J. G. Em direção a uma nova ética do existir: Foucault e a experiência da escrita. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 28, n. 55, p. 199-231, jan./jun. 2014.

REVEL, J. **Michael Foucault - conceitos essenciais**. São Carlos, SP: Claraluz, 2005.

SUPERLEITURAS. Porque ler transforma. Disponível em: <https://www.youtube.com/@SUPERLEITURAS>. Acesso em: 20 dez. 2022.

THE MET. Retrato de Benjamin Franklin por Joseph Siffred Duplessis. 2023. Disponível em <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/684797>. Acesso em: 22 maio 2023

TOCQUEVILLE, A. de. **A democracia na América : leis e costumes de certas leis e certos costumes políticos que foram naturalmente sugeridos aos americanos por seu estado social democrático**. Tradução de Eduardo Brandão. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

TOTA, A. P. **Os americanos**. São Paulo: Contexto, 2009.

TWITTER. Perfil Ilustrativo do Twitter 1. Disponível em: twitter.com/woollycrochet. Acesso em: 30 nov. 2022.

TWITTER. Perfil Ilustrativo do Twitter 2. Disponível em: twitter.com/sethlong. Acesso em: 30 nov. 2022.

TWITTER. Perfil Ilustrativo do Twitter 3. Disponível em: twitter.com/Meidas_Michelle. Acesso em: 30 nov. 2022.

TWITTER. Perfil Ilustrativo do Twitter 4. Disponível em: twitter.com/hbicalho. Acesso em: 30 nov. 2022.

TWITTER. Perfil Twitter “Tempo é dinheiro”. Disponível em: <https://twitter.com/cabrerachirico>. Acesso em: 26 jan. 2023.

VEIGA-NETO, A. **Foucault e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

VENTURA, R. C. A estética da existência. Foucault e Psicanálise. PEPSIC - Periódicos Eletrônicos em Psicanálise. **Cogito**, v. 9, n. 9, Salvador, 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792008000100014. Acesso em 1 ago. 2023.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.